

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS**

**APAGAMENTO DE VOGAIS
PRETÔNICAS NO POBH – NORMA CULTA**

ALINE RABELO ASSIS

BELO HORIZONTE

2010

ALINE RABELO ASSIS

APAGAMENTO DE VOGAIS
PRETÔNICAS NO POBH – NORMA CULTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: 1B (Organização Sonora da Comunicação Humana).
Orientador: Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras – UFMG
2010

A Adilson e Gina Rabelo, porto seguro de toda a minha existência, e ao Thiéres, meu amado irmãozinho. A vocês dedico cada uma das minhas vitórias e tudo o que sou. E todo o meu amor!

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da minha vida, porção da minha herança; amigo único e fiel, que me deu forças e multiplicou os meus cinco pães e dois peixinhos para que eu pudesse chegar até aqui. Nele estão todas as minhas fontes e a minha confiança, para sempre.

Ao Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães, por me proporcionar a realização deste sonho, o mestrado, pela brilhante orientação durante todas as etapas do projeto e por não ter desistido de mim, mesmo quando teve todos os motivos para tal.

Ao amigo André Luiz Souza, pela contribuição altamente significativa ($p < .00$) durante a conclusão deste trabalho e pelo apoio de sempre.

A Thiago Peixoto Assis de Miranda, pelo esmero na formatação do texto e pelas firulas que deixaram esta dissertação super fashion!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE GRÁFICOS	8
LISTA DE TABELAS.....	9
RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
1. ARCABOUÇO TEÓRICO.....	18
1.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	19
1.1.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	23
1.1.2 FATORES SOCIOLINGUÍSTICOS	26
1.2 TEORIA DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS.....	34
1.2.1 MUDANÇAS FONÉTICAS	36
1.2.2 REGRAS FONOLÓGICAS.....	39
2. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	44
2.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS DE APAGAMENTO.....	47
2.1.1 SÍNCOPE VOCÁLICA.....	50
2.1.2 AFÉRESE.....	52
3. METODOLOGIA DE PESQUISA	55

3.1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	56
3.2 ANÁLISE ACÚSTICA E PERCEPTIVA.....	60
3.3 VARIÁVEIS DE PESQUISA	63
3.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA	74
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	80
4.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA	81
4.1.1 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA	81
4.1.2 TIPOS DE APAGAMENTO	89
4.1.3 VARIÁVEIS SOCIAIS.....	93
4.1.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS SELECIONADAS PELO SPSS	98
4.1.5 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NÃO SELECIONADAS PELO SPSS.....	109
4.2 ANÁLISE ACÚSTICA	113
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS.....	123
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
ANEXOS.....	142
ANEXO A.....	143
ANEXO B	146
ANEXO C.....	149
ANEXO D.....	153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapeamento fonológico: módulos de representações.	40
Figura 2 – Regra de fricativização no espanhol.	41
Figura 3 – Espectrograma: aférese em “[en]tendeu?” (LSC).	46
Figura 4 – Espectrograma: síncope em “civil[i]zações” (RD).	46
Figura 5 – Principais formantes (F1 e F2) para identificação de vogais.	61
Figura 6 – Praat: espectrograma de apagamento em ‘oportunidade’.	62
Figura 7 – Speech Analyzer: espectrograma de apagamento em ‘oportunidade’.	63
Figura 8 – Output de uma regressão logística: variáveis incluídas no modelo.	76
Figura 9 – Espectrograma com formantes vocálicos e valores de F1.	93
Figura 10 – Árvore de classificação da relação entre informantes e itens repetidos.	97
Figura 11 – Variáveis significativas selecionadas pela análise do SPSS.	99
Figura 12 – Espectrograma: “d[e]sempregado” (AMS).	114
Figura 13 – Espectrograma: “re[a]lidade” (AMS).	115
Figura 14 – Espectrograma: “preoc[u]pação” (CPMF).	116
Figura 15 – Espectrograma: “s[e]não” (PVMC).	117
Figura 16 – Espectrograma: “s[i]tuação” (RSC).	118
Figura 17 – Espectrograma: “p[o]ssível” (JPA).	119
Figura 18 – Espectrograma: “responsab[i]lidade” (PVMC).	120
Figura 19 – Espectrograma: “... [in]teressa” (MMM).	121
Figura 20 – Espectrograma: “ser... [i]gualzinho” (EQR).	121
Figura 21 – Espectrograma: “com [a]quilo” (CPMF).	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição de dados por informantes.....	59
Gráfico 2 – Distribuição dos tipos de apagamento.....	90
Gráfico 3 – Estrutura da sílaba pretônica.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de contingência <i>Informante</i> * Gênero e distribuição de dados.....	59
Tabela 2 – Distribuição dos dados segundo a variável dependente.....	82
Tabela 3 – Distribuição dos itens repetidos entre os casos de apagamento.	83
Tabela 4 – Distribuição de apagamentos e itens repetidos por informante.	85
Tabela 5 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável <i>Informante</i> ..	88
Tabela 6 – Distribuição dos tipos de apagamento pela natureza da vogal.	89
Tabela 7 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável <i>idade</i>	94
Tabela 8 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável <i>gênero</i>	95
Tabela 9 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável <i>Fusão idade e gênero</i>	96
Tabela 10 – Participação dos informantes em itens repetidos.	98
Tabela 11 - Tabela de contingência entre variável dependente e <i>Natureza da variável dependente</i>	100
Tabela 12 – Tabela de contingência entre variável dependente e <i>Contexto precedente (ONSET)</i>	101
Tabela 13 – Interação entre as variáveis <i>Contexto precedente</i> e <i>Natureza da variável dependente</i>	103
Tabela 14 – Tabela de contingência entre variável dependente e <i>Distância da sílaba tônica</i>	104
Tabela 15 – Tabela de contingência entre variável dependente e <i>Contexto seguinte</i>	106
Tabela 16 – Interação entre as variáveis <i>Contexto seguinte</i> e <i>Natureza da variável dependente</i>	107
Tabela 17 – Relação <i>Natureza da variável dependente</i> e <i>Especificação da coda</i> no apagamento.....	109

Tabela 18 - Tabela de contingência entre variável dependente e <i>Vozeamento do onset</i>	111
Tabela 19 – Tabela de contingência entre variável dependente e <i>Estrutura da palavra</i>	112
Tabela 20 – Tabela de contingência entre variável dependente e <i>Função do item</i> . ..	112

RESUMO

Este trabalho investiga a aplicação da regra variável de apagamento vocálico pretônico em itens lexicais – sem clíticos, observada no CORPUS POBH, norma culta. O objetivo principal consiste em identificar os fatores, sociais e estruturais, correlacionados à incidência do fenômeno na comunidade de fala de Belo Horizonte/MG. A pesquisa foi desenvolvida sob a égide da Sociolinguística Laboviana e também da Teoria dos Processos Fonológicos. As variantes do processo analisadas consistem em: apagamento da vogal átona pretônica em posição inicial de palavra, aférese; e apagamento da vogal átona pretônica no interior da palavra, síncope. Para investigar a regra variável utilizou-se uma amostra constituída por 6386 dados, coletados a partir da elocução formal de doze informantes naturais da cidade de Belo Horizonte; este *corpus* foi submetido a análises acústica e estatística, a fim de comprovar a existência da regra de apagamento pretônico no POBH – norma culta. Dentre os fatores sociais influenciadores do processo consideraram-se as variáveis: gênero e idade; quanto aos fatores linguísticos, utilizaram-se as seguintes variáveis: natureza da variável dependente, contexto precedente, vozeamento de onset, contexto seguinte, distância da sílaba tônica, estrutura da palavra e função do item. Houve também variáveis internas consideradas na análise, associadas especificamente aos casos de apagamento, as quais são: informante, itens repetidos, tipo de apagamento, apagamento enviesado e especificação da coda. Partiu-se da hipótese de que os elementos prosódicos, mais que os fonológicos, influenciariam no cancelamento das vogais átonas pretônicas. Conhecendo os fatores correlacionados ao fenômeno – variáveis sociais, linguísticas e internas – foi possível entender a atuação da regra variável, a frequência das ocorrências, de maneira a constatar se, de fato, o dialeto belo-orientino pode ser caracterizado pela incidência de cancelamento vocálico em pauta pretônica, tal como averiguado em pauta postônica.

Palavras-chave: apagamento vocálico; vogais pretônicas; Sociolinguística Laboviana.

ABSTRACT

This work investigates the variable rule of pretonic vowel deletion in lexical items (without clitics), observed in the *corpus* of POBH (Brazilian Portuguese of Belo Horizonte). It aims at identifying the social and structural factors related to the incidence of the phenomenon in the speech of the community of Belo Horizonte/MG. The research was developed according to the Labovian Sociolinguistics perspective, and also to the Phonological Processes Theory. The following variants of the rule are analyzed: deletion of unstressed pretonic vowel in word-initial position, apheresis, and deletion of unstressed pretonic vowel within word, syncope. The phenomenon was investigated using a data sample of 6386 pretonic syllables, collected from the formal speech of twelve native informants of the city of Belo Horizonte; this *corpus* was then subjected to acoustic and statistical analysis in order to check for the existence of a variable rule of pretonic vowel deletion in POBH. The probable social factors that may influence the process are: age and gender; with regard to structural factors, the linguistic variables include: nature of the dependent variable, preceding context, onset voicing, following context, stressed syllable distance, word structure, and item function. There are also internal variables specifically related to the cases of vowel deletion, which are: informant, repeated items, type of deletion, deletion bias, and coda specification. At first, it has been considered the hypothesis of prosodic elements, rather than phonological ones, influencing pretonic vowel cancellation. Then, knowing the social, linguistic and internal independent variables correlated to the process, it was possible to understand the application of the variable rule, the frequency of cases, and then confirm whether or not the dialect of Belo Horizonte can be characterized by the deletion of unstressed pretonic vowels, as observed in postonic context.

Key-words: vowel deletion; unstressed pretonic vowel; Labovian Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

Quando usada em comunidade, uma língua está naturalmente propensa a variações, as quais são importantes para caracterizar os grupos de falantes, de forma que existe na área dos estudos linguísticos um interesse cada vez maior em empreender investigações concernentes à forma como a língua é falada em diferentes regiões:

A partir da academização da Lingüística no Brasil, as especificidades do Português falado no País tornam-se acentuadas, fato que o distanciou ainda mais do Português europeu. O contato lingüístico entre as diversas regiões, a heterogeneidade dialetal também foram questões de destaque entre os estudiosos da língua. (CARVALHO, 2007, p. 26).

De acordo com Lee (2006), os fenômenos fonológicos do português brasileiro – doravante, PB – estão relacionados primordialmente ao sistema vocálico e ao sistema de acento primário e, naturalmente, o sistema vocálico tem sido um dos assuntos mais discutidos na fonologia do PB. Os novos estudos têm retomado questões várias, por exemplo, os processos fonológicos em que estão envolvidas as vogais em posição pretônica – onde, devido à alternância nas articulações da fala, distintos mapeamentos são desencadeados, mudando a configuração do sistema vocálico do português brasileiro. Estes processos fonético-fonológicos relativos às pretônicas encontram um ambiente mais adequado para se manifestar em casos de palavras compostas por três ou mais sílabas, em detrimento de um contexto dissílabo, por exemplo.

Ainda de acordo com Lee (*op. cit.*, p. 166), no português de Belo Horizonte, a qualidade das vogais pretônicas resulta da interação entre as regras de redução, neutralização e harmonia vocálica, a exemplo de (1):

(1) Dialeto de Belo Horizonte

- a. comadre ~ cumadre (redução)
- b. belo ~ beleza (neutralização)
- c. comércio ~ comércio (harmonia)

Por processos fonológicos entendem-se alterações sofridas durante a realização de fonemas, processos esses que podem ocorrer tanto diacrônica como sincronicamente (DOCKHORN, 2005). Quando da produção dos sons, ocorrem muitos desses processos; alguns deles foram já mencionados nesse estudo (LEE, 2006) como sendo característicos das vogais do português de Belo Horizonte em contexto pretônico. Esta pesquisa, porém, tem por objetivo investigar um processo não contemplado pela descrição do referido autor, e tampouco por outros autores que também investigam as vogais átonas no português de Belo Horizonte: o processo de apagamento das vogais pretônicas, através de uma abordagem de *corpus* baseada no PROJETO POBH¹ – norma culta.

Ainda sobre os processos fonético-fonológicos, estes podem ser reduzidos a quatro grupos (DOCKHORN, *op. cit.*): *processos de apagamento ou subtração, processos de substituição, processos de adição e processos de transposição ou deslocamento*. De posse desses conhecimentos e à luz dos

¹ As gravações bem como as transcrições ortográficas das entrevistas (com algum tratamento fonêmico) já foram transferidas para DVD, devendo sair em forma de um livro eletrônico até o final de 2010. Todo esse material integra o acervo do Laboratório de Fonética (LABFON/FALE/UFMG), sob o nome PROJETO POBH, e é colocado à disposição de pesquisadores de diversas áreas. Mais detalhes sobre o Projeto serão fornecidas no Capítulo 3, METODOLOGIA.

pressupostos teóricos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972), a qual busca uma possível sistematização da heterogeneidade linguística, seu objeto de estudo, o presente trabalho se lança à investigação dos *processos de apagamento pretônico* verificados em dados do CORPUS POBH (MAGALHÃES, 2000), visando a uma contribuição teórico-descritiva enriquecedora para os estudos sobre referida variante dialetal.

Além de realizar investigações concernentes ao processo de apagamento vocálico pretônico no português belorizontino – a partir de uma visão sincrônica –, esta pesquisa intenciona traçar um panorama sobre os fatores que condicionam a regra variável, procedendo a uma análise crítica dos resultados obtidos. Concernente aos fatores condicionadores, propostos na metodologia deste trabalho (cf. Cap. 3), acredita-se que os contextos linguísticos e extralinguísticos aportem correlação positiva ao fenômeno sob investigação, tal como foi comprovado em outras pesquisas variacionistas como, por exemplo, a *síncope em proparoxítonas: uma regra variável* (AMARAL, 2002); o *estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife* (CARVALHO, 2007); a *variação em itens lexicais terminados em //+vogal na região de Itaúna/MG* (OLIVEIRA, 2006); e a *elisão da vogal média /o/ em Florianópolis, SC* (VARGAS, 2006). Tais trabalhos, partindo de condicionamentos semelhantes aos que foram selecionados para a presente análise, buscam demonstrar a sistematização dos fenômenos linguísticos da variação, que, por vezes, é resultado de um largo processo evolucionário. De igual modo, tal é o objetivo deste trabalho investigativo, pautado nas ocorrências de apagamento vocálico pretônico no POBH – norma culta.

Fundamentando-se nas leituras dos trabalhos já mencionados, foram formuladas as seguintes hipóteses gerais que norteiam este estudo, a saber: a) o apagamento vocálico pretônico é atestado em situação de oralidade no POBH – norma culta; b) os fatores sociais do falante exercem significância quando da escolha pela aplicação da regra; c) os segmentos são apagados em contextos específicos dentro da palavra. As hipóteses específicas, concernentes aos condicionadores do processo, se apresentam a seguir: a) o

apagamento de vogais átonas pretônicas está relacionado à velocidade e à otimização rítmica; b) as vogais altas (ou alçadas), comparadas com as demais, são as que majoritariamente sofrem apagamento; c) o processo é favorecido quando o segmento adjacente compartilha traços com a vogal candidata ao apagamento; d) a sílaba pretônica aberta está mais propensa a perder uma vogal do que a sílaba travada; e) a supressão vocálica pode acarretar a ressilabificação e conseqüente diminuição do número de sílabas na palavra, tentativa essa de evitar um padrão silábico marcado na língua.

Com o intuito de verificar as hipóteses levantadas, analisando o processo a partir de um arcabouço teórico pertinente, este trabalho se organiza em cinco capítulos, os quais são descritos a continuação.

O capítulo 1 traz o arcabouço teórico a partir do qual se orienta este trabalho. Discorre-se sobre a Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972), norteadora da pesquisa, abordando temas tais como origem, conceitos teóricos e estudos realizados à luz da Teoria da Variação Linguística. Consideram-se também os pressupostos da Teoria dos Processos Fonológicos (STAMPE, 1973), respaldando os resultados atestados para o estudo da regra variável de apagamento vocálico pretônico e sua aplicação.

O capítulo 2 se dedica à apresentação do objeto de estudo, abordando conceitos relativos aos processos fonológicos – com ênfase no fenômeno de apagamento dos segmentos vocálicos. Esta análise destina atenção especial às vogais átonas do sistema vocálico do português, suas especificidades e, também, traça um panorama dos trabalhos sobre o apagamento das vogais átonas na língua portuguesa.

O capítulo 3 descreve a metodologia utilizada nesta pesquisa, com a delimitação do *corpus*, a descrição da amostra (seleção e caracterização de informantes), a definição operacional das variáveis que conduzem a investigação – dependentes e independentes –, as quais podem corroborar ou refutar as hipóteses levantadas nesta investigação; as análises depreendidas, bem como o método quantitativo empregado – o pacote estatístico SPSS.

O capítulo 4 está dedicado à discussão dos resultados obtidos na análise estatística, onde a frequência global das variantes e os fatores condicionantes, linguísticos e sociais, selecionados pelo programa de análise estatística são correlacionados à aplicação da regra variável. Procedendo à análise quantitativa, discutem-se também os resultados da análise acústica dos dados, valendo-se de representações espectrográficas e elementos conceituais pertinentes à teoria fonológica norteadora desta pesquisa.

O capítulo 5 encerra o trabalho, apresentando as considerações finais e perspectivas relativas ao fenômeno investigado.

1. ARCABOUÇO TEÓRICO

1. ARCABOUÇO TEÓRICO

O trabalho será desenvolvido sob a perspectiva da Teoria da Variação Linguística, ou Sociolinguística Laboviana, que surgiu a partir dos anos 60, através de William Labov. Como metodologia científica, a Teoria da Variação pressupõe um objeto e um método: seu principal objeto, e dado de análise, é a fala empregada em situações naturais e espontâneas por indivíduos pertencentes a uma sociedade; seu método – quantitativo – pressupõe uma análise minuciosa dos fatores supostamente envolvidos na regra. Trata-se de um modelo de descrição e interpretação da variação linguística – concebida como inerente ao componente linguístico². Seguindo a lógica relativa à Teoria da Variação Linguística, também serão discutidas as propostas da Teoria dos Processos Fonológicos (STAMPE, 1973), com especial atenção à questão das mudanças fonéticas e das regras fonológicas, de modo a antecipar o conteúdo a ser apresentado no capítulo 2, referente à caracterização do objeto de estudo – i.e., o apagamento vocálico pretônico.

1.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Quando se iniciaram os questionamentos, em termos empíricos e teóricos, sobre a sistematicidade do fenômeno da linguagem e sua relação com

² LABOV, 1972, p. 223.

a questão social, a Sociolinguística Laboviana constitui-se, na década de 1960, uma teoria cujo objeto de estudo é a comunidade de fala. Segundo Guy & Zilles³, o pressuposto básico sociolinguístico, baseado no conceito de comunidade de fala, é de que os membros desta compartilham essencialmente a mesma gramática, inclusive os efeitos dos contextos linguísticos sobre um processo variável – de maneira que os fatores linguísticos não exerceriam efeitos diferenciados segundo a classe social, faixa etária, ou gênero. Assim, esta percepção do caráter social da língua passa a definir o estudo da diversidade e da mudança linguística, uma vez que os padrões de comportamento variantes em função do tempo e do espaço começam a ser entendidos como parte da evolução da sociedade e da linguagem. Segundo Santos & Gomes (2008, p. 44):

O ano de 1964 é considerado o marco inicial da Sociolinguística. O surgimento desta área deu-se pela contribuição de vários estudiosos, dentre os quais destaca-se William Labov. Segundo Alkmin (2001), o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, descrita e analisada em situações reais de uso. A autora destaca que uma comunidade de fala se caracteriza “não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.” (ALKMIN, 2001, p. 31). **Nesta perspectiva, a língua é compreendida não como uma entidade homogênea, mas como um conjunto de variedades. Assim, língua e variação são fenômenos indissociáveis⁴.**

Considerando a variação como um produto da influência de fatores intrínsecos ao sistema e de fatores sociais, o seu estudo tem por objetivo determinar quais são estes fatores responsáveis e determinar, também, quais os fatores sociais responsáveis por propagar a mudança. A partir, então, das pesquisas de Labov, o modelo incorpora variáveis linguísticas às extralinguísticas. As variáveis podem estar, sincronicamente, relacionadas a fatores tais como *geográficos* (diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observadas em falantes de origens distintas), *sociais* (organização sociocultural da comunidade: idade, sexo, classe e contexto sociais),

³ Manuscrito não publicado *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 33.

⁴ Grifo meu.

situacionais (mudanças na fala devido às circunstâncias em que ocorrem as interações), entre outros. Em suas próprias palavras:

The procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norms. It has been useful in the past to consider these norms as invariants, shared by all members of the speech community. However, closer studies of the social context in which language is used show that many elements of linguistic structure are involved in systematic variation which reflects both temporal change and extralinguistic social processes. (LABOV, 1972, p. 110-111)

Esta proposta busca a sistematização da língua em relação à sociedade na qual é usada e das variações que se estabelecem em sua existência real. Labov (2002) propõe que a variação linguística é favorecida por fatores internos e implementada socialmente:

The triggering event that leads to extensive systematic change is the insertion or removal of a category from a sub-system in a direction determined by unidirectional constraints on linguistic change. The principle of maximal dispersion then applies within that sub-system as a driving force for continued change. [This may apply to semantic, syntactic, morphological or phonological systems, though our knowledge of the principles governing phonological change is perhaps the most highly developed.]

Sociolinguistic variation is parasitic upon such linguistic variation. It is an opportunistic process that reinforces social distinctions by associating them with particular linguistic variants. Though in principle any social category may be associated with linguistic change in progress, it is the culturally dominant groups of society that are normally in the lead. The use of linguistic forms to increase distinctiveness of particular groups is a driving force for the acceleration of change. (LABOV, 2002).

Através de uma análise variacionista é possível identificar a relação de produção de uma variante, associada probabilisticamente a algum fator linguístico ou social. Isto implica que a variação não é um processo aleatório, mas sim um fenômeno motivado por um grupo de fatores identificáveis e mensuráveis estatisticamente. Uma variável sociolinguística depende de outras variáveis, sendo, assim, denominada *variável dependente*; já as variáveis que

influenciam a variável dependente são denominadas *variáveis independentes*. Desse modo, para analisar a aplicação de uma regra, selecionam-se os possíveis condicionadores que constituirão o conjunto das variáveis independentes sob investigação; não apenas fatores linguísticos, mas também fatores sociais⁵ são considerados quando da seleção das covariáveis que podem influenciar o falante em sua escolha. Essa interação língua e sociedade produz resultados que, de maneira alguma, podem ser ignorados, sob o risco de realizar-se uma descrição omissa do sistema linguístico. Labov (1972, p. 223) postula que tal sistema é regido por dois tipos de regras: *categoric rules* e *variable rules*.

A língua passa, então, a ser compreendida como sistema que possui regras variáveis e regras categóricas: quando em um mesmo contexto existem duas ou mais formas que estão em concorrência⁶, a escolha dependerá de fatores internos ou externos ao sistema, ou seja, é uma *regra variável*. Porém, como nem todas as ocorrências linguísticas estão sujeitas a essa competição – variação –, existem as *regras categóricas*, as quais não podem ser infringidas, uma vez que dificultam ou até mesmo impossibilitam a comunicação. Ditas regras se caracterizam pela aplicação de uma única forma, para um mesmo contexto. A descrição que se segue, contudo, se atém apenas ao primeiro tipo de regras, as variáveis, por serem estas o objeto da análise aqui desenvolvida, o qual será descrito no capítulo 2.

Regra variável é uma regra probabilística: pode aplicar-se ou não em determinado ambiente, ou seja, quando existe a aplicação de duas ou mais formas linguísticas, ocorrendo em um mesmo contexto, trata-se de uma regra variável. Regras facultativas são motivadas por fatores extrínsecos e/ou intrínsecos ao sistema linguístico; estes fatores são probabilísticos, resultantes da estrutura da língua ou da sociedade, e mostram-se capazes de favorecer ou refrear a escolha de certa forma. Determiná-los, pois, pressupõe uma série acurada de experimentos.

⁵ Em pesquisas de análise variacionista, as variáveis mais frequentemente utilizadas são gênero, região, faixa etária, classe social e escolaridade.

⁶ Além de possuir um mesmo valor de verdade, as variantes de uma regra variável se encontram sempre em relação de concorrência: conservadoras x inovadoras, padrão x não-padrão, de prestígio x estigmatizadas (cf. TARALLO, 2004).

Para ser variável, uma regra deve apresentar um número significativo⁷ de ocorrências (não-arbitrárias). Ao estudar uma regra variável faz-se necessário observar as formas em competição; tais formas se relacionam como variáveis dependentes de uma pesquisa sociolinguística. Uma regra variável pode ser 'reveladora', mas não precisamente 'explicativa': para entender as razões dos resultados encontrados, é preciso recorrer às diversas teorias linguísticas existentes, relativas aos mais variados ramos dos estudos linguísticos.

1.1.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

De acordo com o exposto na seção anterior, a Sociolinguística Laboviana considera a variação linguística imanente ao uso da língua em uma comunidade de fala, de modo que as variantes não são utilizadas categoricamente, senão em frequências maiores ou menores, resultado da influência de fatores sociais (i.e., características pessoais do falante, como idade, gênero, classe social e escolaridade) e/ou linguísticos, além do contexto de uso (variação estilística e social).

Além disso, análise de uma regra variável pode resultar mais abrangente do que apenas revelar a aplicação de uma ou outra de suas variantes. Ao considerar ocorrências que apresentam determinada frequência na comunidade linguística, é possível constatar os seguintes estágios de variação, a saber: *variação estável*, onde a produção da nova variante não apresenta tendências de crescimento entre os falantes; e *mudança em progresso*, quando

⁷ “[...] não se pode demonstrar, neste estágio do nosso conhecimento dos fenômenos de larga escala da linguagem, qual seria uma amostra representativa. Devido a isso, tem-se falado em representatividade como um ‘ato de fé’ (Leech, 1991, p.27). Em outras palavras, os usuários de um corpus atribuem a ele a função de serem representativos de uma certa variedade. O ônus é dos usuários em demonstrar a representatividade da amostra, e de serem cuidadosos em relação à generalização dos seus achados para uma população inteira [...]”. (SARDINHA, 2000, p. 6).

a variante padrão se torna cada vez menos utilizada, cedendo espaço à nova forma.

Cabe ressaltar que a Sociolinguística se interessa igualmente por ambos os tipos de variação, e não apenas por aquele que origina um processo de mudança. Isto quer dizer que não necessariamente uma variação deve implicar em uma mudança linguística e que duas ou mais variantes podem conviver de maneira estável, durante indeterminado período de tempo. De acordo com Ruiz (2008), *es importante destacar que variación y cambio no se deben interpretar como unidos por una relación de causa-efecto, pues todo cambio implica una variación, pero no toda variación desemboca inevitablemente en un cambio*. Assim, o processo de mudança linguística tem início quando uma variante é generalizada em uma comunidade de fala, adquirindo assim uma significação social e convertendo-se em um elemento linguístico categórico (CORVALÁN, 2001, p. 244)

Estudos variacionistas podem ser levados a cabo a partir de duas perspectivas temporais, definidas por Labov como análise em *tempo aparente* e análise em *tempo real* (PAIVA & DUARTE, 2003). A análise sincrônica investiga a possibilidade de variação no que se denomina *tempo aparente*; isto significa estratificar, por idade, os membros da comunidade de fala e para cada faixa etária verificar a situação de certa regra variável em um dado momento histórico.

Ao serem encontradas diferenças entre os grupos etários, estas são interpretadas como possível resultado de uma mudança em progresso⁸, *porque se presupone que los patrones lingüísticos ya establecidos en la adolescencia se mantienen más o menos estables a través de la vida del individuo, de tal manera que el habla de los individuos que tienen setenta años hoy*

⁸ De acordo com Alencastro (2008, p. 45), quando a aplicação da variante em estudo é maior entre as faixas mais jovens, há indícios de uma possível mudança, pois os jovens podem levar a produção adiante, caracterizando assim uma mudança em progresso. Quanto à representação gráfica, os resultados referentes ao processo de variação estável geram um gráfico curvilíneo, visto que não há qualquer relação entre a faixa etária e as variantes, enquanto que o processo de mudança proporciona um gráfico em linha reta, decrescente ou ascendente.

*representaría la de los veinte años, cincuenta años antes*⁹. A mudança em progresso, porém, somente se confirmará através de uma análise diacrônica em tempo real. Um estudo em *tempo real* compara a fala dos mesmos indivíduos através de vários anos (estudo longitudinal), ou compara, em intervalos regulares de anos, a fala de um grupo de pessoas da comunidade.

Segundo Paiva & Duarte (*op. cit.*, p. 180), o estudo mencionado constitui um recurso imprescindível não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante linguística, como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação social da mudança. No tocante a esta implementação e seu mecanismo, em Labov (1994, p. 78) são propostos dois tipos de mudança: mudanças *from below* são aquelas abaixo do nível de consciência social do fenômeno e mudanças *from above*, aquelas acima do referido nível de consciência.

A mudança de tipo *from above* tem origem nos grupos sociais que gozam de maior prestígio, e se impõe à medida que os falantes pertencentes aos grupos de menor prestígio buscam, conscientemente, adotar o modelo imposto “desde cima”. Na definição de Labov (1994, p. 78):

Changes from above are introduced by the dominant social class, often with full public awareness. Normally, they represent borrowing from other speech communities that have higher prestige in the view of the dominant class. Such borrowings do not immediately affect the vernacular patterns of the dominant classes or other social classes, but appear primarily in careful speech, reflecting a superposed dialect learned after the vernacular is acquired. Frequently the newly borrowed linguistic features are inconsistent with the vernacular system, and their use involves correlated changes in other features.

De maneira contrária, a mudança *from below* se origina nos níveis socioeconômicos de menor prestígio; segundo Labov (*op. cit.*, p. 78):

⁹ CORVALÁN, *op. cit.*, p. 245.

Changes from below are systematic changes that appear first in the vernacular, and represent the operation of internal, linguistic factors. At the outset, and through most of their development, they are completely below the level of social awareness. No one notices them or talks about them, and even phonetically trained observers may be quite unconscious of them, and even phonetically trained observers may be quite unconscious of them for many years. It is only when the change are nearing completion that members of the community become aware of them. Changes from below may be introduced by any social class, although no cases have been recorded in which the highest-status social group acts as the innovating group.

1.1.2 FATORES SOCIOLINGÜÍSTICOS

Conforme o exposto na seção introdutória deste trabalho, a variação linguística é uma característica universal das línguas naturais e que, apesar de parecer aleatória – e por vezes, caótica –, convive com forças de estabilidade. Isto quer dizer que *a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais*¹⁰.

Estas variáveis, que não atuam separadamente, operam em um conjunto de correlações que ora inibem, ora favorecem a aplicação de formas variantes equivalentes. Contudo, seria impossível para a Sociolinguística analisar o desenvolvimento de uma mudança linguística ao desconsiderar a estrutura da sociedade na qual se insere, haja vista que, exatamente na heterogeneidade refletida através do desempenho dos falantes é que se deve buscar a estrutura e a sistematização do funcionamento de uma língua (cf. TARALLO, 1990). Tal afirmação também se verifica em Labov (1972), ao advertir que não se deve ignorar o caráter social da língua, sob o risco de restringir o resultado da análise a explicações meramente internas, deixando sem uma solução adequada várias questões relativas ao sistema linguístico.

Assim, divergindo das teorias estruturalista e gerativista, cuja acepção linguística era de um sistema homogêneo e uniforme (RUIZ, 2008), a

¹⁰ MOLLICA, 2003, p. 27.

Sociolinguística advoga pela análise da língua como um instrumento de comunicação em uma comunidade de fala; seu foco de pesquisa concentra-se na averiguação de como fatores sociais podem ou não influenciar os processos de mudança e variação linguística. Para proceder a essa averiguação são necessários dados empíricos reais, provenientes da fala em seu contexto natural de uso, os quais receberão tratamento estatístico, a fim de precisar a frequência de uso das variantes e descobrir quais fatores (linguísticos e/ou extralinguísticos) atuam nos processos variacionistas.

As variáveis sociais convencionais que mais têm sido estudadas em pesquisas sociolinguísticas são a idade, o gênero e a classe social (cf. MOLLICA, 2003; PAIVA & SCHERRE, 1999¹¹; RUIZ, 2008). Um bom exemplo para ilustrar a importância de tais variáveis em um processo de variação linguística é o estudo realizado por Wolf & Jiménez (1979, *apud* ROHENA-MADRAZO, 2008), que caracterizou como mudança em progresso o fenômeno de desvozeamento da fricativa palatal [ʒ], realizada como [ʃ] no espanhol bonaerense. A pesquisa contou com uma amostra de noventa falantes da cidade de Buenos Aires e o resultado final mostrou ser este desvozeamento um fenômeno sensível a fatores sociais¹², como gênero (mulheres favorecem o [ʃ]), idade (falantes mais jovens favorecem o [ʃ]) e classe social (a classe média favorece o [ʃ]):

El ensordecimiento aparece como un fenómeno relativamente reciente y en rápido avance. Los porcentajes son muy bajos en el grupo de mayor edad (50+), con diferencias leves según la educación y el sexo. En el grupo de edad media (35-49), el cambio es claramente promovido por las mujeres y el yeísmo ensordecido se puede considerar un rasgo típicamente femenino. [...]. El factor estilístico [...] resultó no ser muy relevante en ninguno de los estudios. Importantes probaron ser el factor sexo y la edad. En ambos lugares el grupo impulsor del cambio ha sido, en una primera etapa, el integrado por las mujeres universitarias, pero luego hay una variación en el subgrupo mas avanzado ya que las mujeres menores de treinta

¹¹ Neste trabalho, utiliza-se a variável 'escolarização' ao invés de 'nível socioeconômico'. Pelo fato de aquela estar incluída na definição desta, será mantido, para fins de descrição, o termo mais abrangente. Segundo Paiva & Scherre (1999): "É possível também que a influência da variável escolaridade reflita, na verdade, a ação da variável classe social."

¹² ROHENA-MADRAZO, 2008.

y cinco años con educación primaria sobrepasan al grupo con educación superior en el uso de las variantes ensordecidas¹³.

Na sequência, estas três variáveis serão abordadas, discutindo-se a relevância de cada uma nos processos de variação e mudança linguística¹⁴.

1.1.2.1 IDADE

A idade desempenha um papel importante na interação e na organização do sistema social. Além de estar associada a questões como a autoridade e/ou status que se atribuem a um indivíduo em determinada estrutura familiar ou social, uma leitura de Corvalán (2001, p. 101-102) esclarece que também existem questões linguísticas relacionadas diretamente ao fator idade:

[...] las reglas que controlan la interacción lingüística y ciertos rasgos del sistema lingüístico interno son sensibles al factor social edad en cuanto a que el comportamiento lingüístico y paralingüístico (por ejemplo gestos y tono de voz) de los hablantes varía según la edad de estos y según la edad de los interlocutores.

Um aspecto importante a ser mencionado é o fato de que as diferenças por grupo etário nem sempre são consequência do fator idade, propriamente dito, mas sim de fatores relacionados. Entre estes, o mais relevante parece ser a percepção que o falante tem das vantagens sociais passíveis de ser

¹³ CORVALÁN, *op. cit.*, p. 260-261.

¹⁴ Contudo, faz-se necessário esclarecer que “além dos padrões relativos à escolaridade, idade e sexo - variáveis sociais convencionais - outros vão emergir na análise de outros parâmetros externos associados à variação e mudança linguísticas. Fatores como a inserção do falante no mercado ocupacional, o grau de exposição à mídia e a sensibilidade linguística, testados empiricamente, se revelaram vetores importantes de explicação da diversificação linguística em uma comunidade de fala.” (PAIVA & SCHERRE, *op. cit.*).

alcançadas quando da utilização de formas linguísticas estimadas 'de prestígio' na comunidade. Ruiz (2008) exemplifica:

En este sentido, los grupos de edades intermedias (veinticinco a cincuenta años), inmersos en el mundo de la competencia profesional, económica y de ascenso en la escala social, son los que se espera que presenten perfiles más marcados de autocorrección.

Finalizando as considerações relativas ao fator idade, não se poderia deixar de mencionar as afirmações de Tarallo (2004, p. 65), indicando que haverá uma relação de estabilidade das variáveis quando entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Em contrapartida, se o uso da forma inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos demais informantes, há fortes indícios de uma situação de mudança em progresso. Corroborando o exposto, em Paiva & Scherre (1999) encontram-se exemplos de como a variável idade forneceu índices para hipotetizar alguns processos de mudança em curso no português do Rio de Janeiro:

Assim, a forma a gente, segundo a distribuição de estatísticas por faixas etárias, tende a se espalhar e a se implementar no sistema. Da mesma forma, verifica-se a perda do pronome possessivo seu, cada vez mais restrito à fala de pessoas mais velhas, e a progressiva implementação de dele entre falantes mais jovens. Além disso, um padrão nítido de distribuição de variantes linguísticas pode ser constatado a partir da variável idade: os falantes mais jovens se mostram menos comprometidos com a correção linguística, valendo-se, em maior grau, das variantes menos prestigiadas.

1.1.2.2 GÊNERO

Antes de abordar o tema a que se propõe esta subseção, é importante discorrer sobre a diferenciação aqui realizada entre os termos 'sexo' e 'gênero',

motivo pelo qual se optou pela adoção deste, em detrimento daquele. Segundo Jaimes (2007):

Es importante diferenciar dos conceptos que con frecuencia son utilizados como equivalentes: el sexo y el género. **El sexo está determinado por las características genéticas, hormonales, fisiológicas y funcionales que a los seres humanos nos diferencian biológicamente; mientras que el género es el conjunto de características sociales y culturales asignadas a las personas en función de su sexo**¹⁵.

El sexo comprende las características físicas, biológicas y anatómicas de los seres humanos, que los definen como mujeres y hombres. Es una construcción natural, con la que se nace.

Mientras que el género [...] comprende las diferencias y desigualdades entre hombres y mujeres por razones sociales y culturales. Dichas diferencias se manifiestan por los roles (reproductivo, productivo y funciones comunitarias), que cada uno desempeña en la sociedad, además de las responsabilidades, conocimiento local, necesidades y prioridades relacionadas con el acceso y control de los recursos. Los aspectos de género cambian y son diferentes de un lugar a otro, de un grupo étnico a otro y en el tiempo.

É, provavelmente, um universal cultural o fato de homens e mulheres comunicarem-se de maneira diferente, visto que em todas as culturas os sexos são também socialmente diferenciados. No entanto, os papéis designados a cada um deles não são iguais em todas as culturas. Logo, considerando a noção de gênero como conjunto de idéias sobre a diferença sexual, que atribui características femininas e masculinas ao indivíduo, e a noção de sexo como uma diferença biológica e natural que as pessoas têm ao nascer, o presente estudo se valerá do termo *gênero*, por considerá-lo mais pertinente aos objetivos de uma pesquisa sociolinguística.

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar que a menor ou maior ocorrência de certas variantes, sobretudo aquelas que envolvem os fatores forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças, estejam associadas ao gênero do falante e à

¹⁵ Grifo meu.

forma de construção social dos papéis feminino e masculino (PAIVA & DUARTE, 2003).

Fator condicionante da heterogeneidade linguística, a variável gênero sempre foi apontada em diversos estudos sociolinguísticos como um fator relevante. Além de estabelecer uma divisão bastante nítida entre homens e mulheres no tocante à linguagem, através desta variável é possível constatar certos aspectos como, por exemplo, a tendência para o conservadorismo feminino referente à aplicação de formas variáveis, a maior aceitação, por parte das mulheres, de formas impostas pela norma culta¹⁶, a liderança masculina quando da implementação de formas desprestigiadas, a busca de status e afirmação social feminina através da linguagem, entre outros.

A predileção feminina por formas consideradas 'corretas' se verifica, entre outros, pelo fato de se auto-corrigirem muito mais que os homens em contextos formais. De acordo com Corvalán (2001, p. 98), o fato de existir uma diferenciação linguística relacionada ao sexo reflete uma tendência geral a considerar apropriado que o homem 'quebre as regras', enquanto da mulher o que se espera é um comportamento mais correto, educado e ajustado às regras impostas pela sociedade. Paiva & Scherre (1999) ilustram este quadro:

As mulheres, diferentemente dos homens, fazem mais concordância nominal, usam mais ir a/para do que ir em e rotacizam menos o [l] dos grupos consonantais. Esse apego do sexo/gênero feminino às variantes lingüísticas mais prestigiadas se faz sentir não apenas na produção, mas também na sua atitude em relação à variação, julgando de forma mais rígida o binômio padrão/não padrão.

1.1.2.3 CLASSE SOCIAL

¹⁶ CORVALÁN, 2001, p. 98.

Em pesquisas sociolinguísticas, um dos padrões de co-variação que emerge mais distintamente é aquele que estratifica a população em vários grupos, definidos como *classe social*. As desigualdades atestadas entre as classes são condicionadas, em maior ou menor grau, por fatores como profissão, renda mensal, tipo de residência e o nível educativo; é ao que Corvalán (2001) se refere com *estratificación social*, uma espécie de fronteira social entre grupos de indivíduos. Como se deve imaginar, o fato de pertencer a dado grupo social influi diretamente no desempenho linguístico de seus membros, o que se percebe nas diferentes formas de falar e também nas atitudes em direção a estas formas. Segundo a autora:

La pertenencia a un grupo social u otro influye tanto sobre la manera de hablar como sobre las actitudes hacia estas diferentes maneras de hablar. El término *estratificación social* se emplea para referirse al orden jerarquizado de grupos de individuos dentro de una sociedad. Las diferencias jerárquicas reflejan desigualdades entre los grupos basadas en uno o más de los siguientes factores: nivel de escolaridad, ocupación, ingresos, barrio y tipo de residencia.

Paradójicamente, el concepto de clase social ha sido problemático para la sociolingüística. No se puede negar, sin embargo, que se puede ordenar jerárquicamente a grupos de estratos sociales diferentes según las diferencias que exhiben en la frecuencia de uso de ciertos rasgos fonológicos, morfológicos, sintácticos y léxicos. Aun más, los miembros de estos estratos sociales son en gran medida conscientes de que hay diferencias lingüísticas y pueden juzgarse a sí mismos y a otros según ellas. (CORVALÁN, *op. cit.*, p. 104).

Um dos aspectos que mais contribui para a diferenciação linguística dos estratos sociais é o maior ou menor acesso de um falante ao sistema educacional, o qual ajuda a desenvolver no indivíduo a consciência linguística, através do ensino de regras e da correção de características linguísticas que ‘divergem’ da norma padrão. Obviamente, a parcela de falantes que se encontram em níveis sociais mais baixos, tolhidos do acesso ao sistema educativo, faz uso constante de formas não canônicas, enquanto os indivíduos de maior nível social e, conseqüentemente, de maior escolaridade se apegam mais às normas canônicas. Segundo Paiva & Scherre (*op. cit.*):

Dadas as características da sociedade brasileira, na qual um imenso contingente da população é excluído do direito à escolarização formal, a variável escolaridade suplanta as demais, moldando, em grande parte, a heterogeneidade lingüística que se pode constatar no uso do português carioca. A escolarização continuada, refinando a consciência lingüística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes lingüísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva. Assim, retomando alguns dos fenômenos já apresentados, os falantes mais escolarizados (com 2º. grau) apresentam maior presença de marca de plural em todos os elementos do SN, maior índice de preposições a e para com o verbo ir, menor frequência de rotacização do [l] nos grupos consonantais. Pelo menos em duas das variações citadas acima (concordância nominal e rotacismo), as variantes se distribuem nitidamente pelo binômio forma padrão/forma não-padrão, sendo objeto de correção sistemática do ensino. Em síntese, a ocorrência das variantes lingüísticas prestigiadas socialmente está correlacionada de forma saliente à variável escolaridade.

Em suma, considerando a complexidade e a diversidade dos fatores sociais e sua relação com a mudança linguística, alguns dos principais indicadores deste processo são enumerados a seguir, conforme Corvalán (2001, p. 249):

- a) La distribución curvilínea según edad: si una variante es favorecida por grupos medios, dieciocho a cuarenta y cinco años de edad, se considera cambio en curso.
- b) La distribución curvilínea según nivel socioeconómico: si una variante favorecida por grupos medios, normalmente por el grupo bajo-alto y medio-bajo, se considera cambio en curso.
- c) Una variante no sensible a diferencias de estilo, o favorecida en el estilo formal parece indicar cambio.
- d) Una variante favorecida por las mujeres se considera generalmente indicio de cambio.
- e) La hipercorrección, que se manifiesta en el patrón de entrecruce que resulta del uso más frecuente de una variante en el estilo formal por parte de grupos intermedios, quienes sobrepasan a los de su grupo social superior.
- f) Reacciones subjetivas positivas hacia la variante innovadora por parte de los grupos que la están adoptando.

Todos os indicadores mencionados variam de acordo com a etapa na qual se encontra o processo de mudança linguística. Dessa forma, dando continuidade à temática da mudança e variação linguística, serão apresentados, na seção a seguir, os pressupostos da Teoria dos Processos Fonológicos.

1.2 TEORIA DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS

A realidade de uma variação linguística implica necessariamente o envolvimento de condições como o espaço sociocultural, o canal linguístico pelo qual se comunica e o contexto histórico em que a língua está inserida. Tem-se, então, que a evolução linguística é um processo natural e que se dá por meio de fenômenos fonológicos, sendo estes especialmente relevantes para o estudo da *história das línguas*. Porém, existem certas evoluções, também naturais, às quais está sujeita uma língua em seu *dia-a-dia*; evoluções essas que diferenciam oralidade e escrita, no entanto sem provocar – pelo menos de imediato – alterações gramaticais formais em referida língua¹⁷. As evoluções diárias nem sempre são duradouras e é bastante comum que processos fonológicos ocorram de maneira variada em uma língua, ao longo do tempo.

Às alterações sofridas por fones ou de fonemas, diacrônica ou sincronicamente denominamos processos fonológicos (DOCKHORN, 2005). O processo fonológico é um fenômeno natural das línguas, ocasião em que alguns sons exercem influência sobre outros, provocando assim alterações na articulação destes, em determinado contexto sonoro, ou mesmo ocasionando reestruturações do sistema fonológico.

Quem primeiro trabalhou o conceito de ‘processo fonológico’ foi David Stampe (cf. STAMPE, 1973), em ocasião de seu doutoramento, e desde então

¹⁷ OTHERO, 2007.

esses 'processos' têm ganhado cada vez mais espaço investigativo em distintas áreas do conhecimento linguístico, por exemplo, na aquisição da linguagem, na linguística aplicada, na sociolinguística, entre outras. Segundo o autor, *a phonological process is a mental operation that applies in speech to substitute, for a class of sound or sound sequences a specific common difficulty to the speech capacity of the individual, an alternative class identical but lacking the difficulty property*¹⁸.

Assim, os processos fonológicos auxiliam na produção de sons, substituindo aquele que proporciona certo grau de dificuldade – seja articulatória, motora ou cognitiva –, por outro necessariamente semelhante, contudo, isento dos traços que o tornavam complexo. Stampe (1979)¹⁹ explica que tais substituições são motivadas, principalmente, por características físicas da fala:

Although phonological substitution is a mental operation, it is clearly motivated by the physical character of speech – its neuro-physiological, morphological, mechanical, temporal, and acoustic properties.

E ainda:

It should not be supposed from this that processes are peripheral, physical events - merely the result of articulatory mistimings or of over - or under-shootings of articulatory targets. [...] Anticipatory substitutions, in particular, suggest that the substitutions occur in the central nervous system - i.e., that they are mental substitutions. The very suppressibility of processes argues for their mental nature. [...] But although processes are mental substitutions, they are substitutions which respond to physical phonetic difficulties. (DONEGAN & STAMPE, 1979)²⁰.

¹⁸ STAMPE, 1979 *apud* CLARK *et al.*, 2007, p. 412.

¹⁹ *Apud* AUER, 1990, p. 12.

²⁰ *Idem*.

1.2.1 MUDANÇAS FONÉTICAS

Novos processos fonológicos, os quais introduzem ou alteram uma regra fonológica existente, podem provocar *mudanças fonéticas*, relativas ao som ou à articulação de um fonema em determinada posição de palavra ou contexto fonêmico. Dubois (2001, p. 423) define em seu dicionário de linguística:

2. Chamam-se *mudanças fonéticas* (ou *alterações fonéticas*) as modificações rápidas ou lentas que sofrem os sons de uma língua no decorrer da sua história.

Devem-se distinguir as mudanças fonéticas propriamente ditas – simples transformação dos hábitos de pronúncia de um dado fonema, sem influência na estrutura fonológica da língua considerada – das mudanças fônicas (fonológicas), alterações que acarretam a modificação da estrutura fonemática da língua pelo desaparecimento e/ou aparecimento de um ou mais fonemas. Assim, a passagem das vogais longas do inglês arcaico a ditongos (*stan* [sta:n] → *stone* [stɔ:n]) no inglês moderno constitui uma mudança fonética.

Tomando por base dita definição, juntamente com as asserções de Hoenigswald (cf. 1960)²¹, concernentes a mudanças linguísticas, seria pertinente elucidar, de maneira mais clara, as diferenças relativas àquilo que se conhece por mudança fonética, ou mudança linguística. Pode-se falar de mudanças puramente fonéticas quando o inventário básico de fonemas da língua permanece inalterado – e simplesmente alguns fonemas recebem articulação diferente da anterior; em comparação, quando o inventário básico de fonemas sofre alterações, seja porque desapareceram os contrastes (reduzindo, portanto, o número de fonemas), seja porque apareceram novos e relevantes contrastes (aumentando assim o número de fonemas), pode-se falar de mudanças fonológicas.

Ainda considerando o referido trabalho de Hoenigswald, sistemas fonológicos são uma complexa estrutura, sujeita a sofrer diversos ajustes de fonética, relacionados ao contexto fonológico, à posição na palavra, entre

²¹ *Apud* SCHMID *et al.*, 1998.

outros. Mudanças fonéticas são, em grande parte, exemplos de uma diferenciação alofônica ou uma assimilação, isto é, em determinado contexto, um som pode perder ou adquirir novas características fonéticas. Por vezes, essas mudanças fornecem material natural para uma futura inovação fonológica; importantíssimo, porém, é o entendimento de que ‘mudança fonética’ é a falta de reestruturação fonológica, e não um menor grau de mudança linguística. À guisa de exemplo, a alofonia do /S/ pós-vocálico no português, o qual se manifesta como [s, z, ʃ, ʒ], segundo o contexto, não poderia ser qualificada como mudança fonológica, haja vista que tais fones permanecem em distribuição complementar²².

Um estudo sistemático sobre mudanças linguísticas foi levado a cabo pela escola neogramática²³, que estabeleceu uma série de princípios universais relativos à mudança fonética. Atualmente, tais princípios já não são tidos como ‘leis invioláveis’, senão como tendências linguísticas que se cumprem com grande frequência, contudo, podendo admitir exceções. A partir dos trabalhos de Santos (2002) e Rocco (2009), apresenta-se a seguir uma descrição sucinta das principais características desses princípios:

- **A mudança não tem memória:** o processo de mudança fonética depende apenas do estado ou forma atual de uma palavra, e não depende da origem ou da forma anterior da mesma. Logo, se em dada língua ocorre uma mudança de A e B para C (A, B > C), nenhum processo sucessivo que afete C seria capaz de distinguir se este procedia de A ou B.

- **A mudança ignora a gramática:** a mudança linguística pode depender unicamente de características fonético-fonológicas e não do significado ou função gramatical de dita palavra. Assim, as únicas condições ou restrições

²² Alofones foneticamente distintivos, contextualmente motivados. Segundo Dubois (2001, p. 121): “Diz-se que dois elementos de uma língua estão em distribuição complementar se não existir nenhum ambiente em que um possa substituir o outro.”

²³ “La tesis considerada como central de los neogramáticos es la que concierne al carácter absoluto de las leyes fonéticas. De acuerdo a esto, postulaban que el cambio fonético es regular y la tarea del lingüista consiste en establecer con precisión las leyes que lo determinan [...]” (ROCCO, 2009).

que afetam a mudança são de tipo fonológico, não gramatical ou semântico; isto é, um processo como A > B em sílabas átonas não poderia estar restrito a afetar, por exemplo, unicamente adjetivos, e não verbos (haja vista que a diferença entre verbos e adjetivos não é fonológica, mas sim gramatical).

- **A mudança é regular e não admite exceção**²⁴: se um som pode ocorrer em determinado contexto, ele ocorrerá; isto se aplica a todos os segmentos passíveis de sofrer algum processo de mudança.

- **A mudança é inexorável**: todas as línguas variam de lugar para lugar, de tempo em tempo, e nem os meios escritos, nem os meios de telecomunicação podem impedir o processo de mudança.

Está patente a concepção neogramática dos princípios fonéticos como instantâneos, cegos e sem exceção, os quais se cumprem com total regularidade. A demonstração de tal regularidade nas mudanças fonéticas foi uma das grandes conquistas da linguística do século XIX²⁵, não eximindo, porém, discussões posteriores a respeito de detalhes teóricos e discordâncias relativas à existência dessa regularidade, sem saber ao certo se falariam de 'leis fonéticas' ou 'tendências'. De acordo com Santos (2002, p. 38):

La regularidad del cambio acabado – entendida en el sentido de que, en las mismas condiciones, los mismos sonidos se comportan de la misma manera, dentro de un determinado lapso de tiempo y dentro de una lengua determinada [...] – es, pues, un *hecho*, demostrado por la propia regularidad de los cambios históricos conocidos. Pero en el proceso de desarrollo del cambio, la innovación no se produce ni instantánea ni uniformemente en todo el léxico, sino que también como en el caso de la difusión social, se trata de un proceso gradual, tal como se puede apreciar, sincrónicamente, en los cambios en marcha, y en la diacronía es rastreable, bien a través del análisis de textos de distinta época.

²⁴ Ainda de acordo com os pressupostos tradicionais da teoria, quando da existência de 'leis invioláveis'.

²⁵ SANTOS, 2002, p. 38.

Exatamente durante o desenvolvimento desse processo de mudança é que ocorrem as exceções, quando certas palavras tomam um rumo próprio. Por se tratar de exceções, essas palavras têm um valor particular, embora, logicamente, ainda assim seja possível extrair conclusões mais gerais, como aquelas relacionadas ao modo como se aplicam os princípios fonéticos, etc., mas, desde o ponto de vista geral da linguística histórica, certamente existe um maior interesse pela compreensão das regularidades. Por isso a necessidade de atenção ao que ‘foge do regular’, aos condicionamentos linguísticos que pretendem dar conta tanto das inovações, como de sua difusão linguística. No entanto, não se deve jamais ignorar o caráter extremamente complexo da linguagem, que dificilmente se deixa reduzir a regras sem exceções e, sobretudo, a uma única regra, simples e de caráter universal. Finalizando, então, com as palavras do mesmo autor:

En el acercamiento al hecho lingüístico, ya sea desde la fonología natural como desde cualquier otro planteamiento teórico, no se debe olvidar nunca que las lenguas constituyen una realidad sumamente compleja, por lo que no solamente pueden entrar en contradicción con lo universal, sino que tendencias de signo contrario pueden enfrentarse en el interior de una misma lengua²⁶.

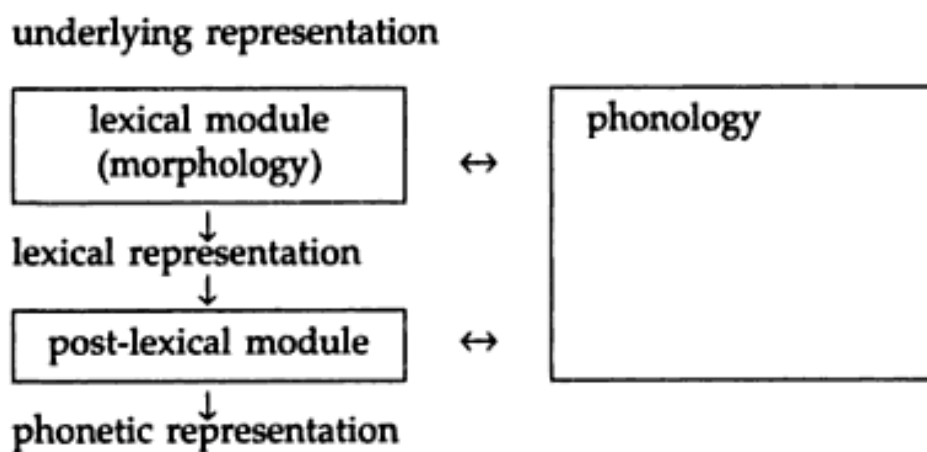
1.2.2 REGRAS FONOLÓGICAS

Um processo fonológico sistemático ou uma mudança diacrônica na linguagem são expressos formalmente através de *regras fonológicas* – as quais também regulam essas mudanças. Kenstowicz (1994, p. 60) diz que *an underlying or phonological representation will contain all and only the unpredictable (distinctive feature) information for each lexical item. Predictable features of pronunciation are added to the underlying phonological representation by grammatical rules and principles*. Tais regras são utilizadas

²⁶ SANTOS, *op. cit.*, p. 43.

como uma notação específica, que retrata as operações relacionadas aos sons e o processamento efetuado pelo cérebro quando da produção ou compreensão da língua falada. Goldsmith (1996, p. 35-36) classifica as regras fonológicas como mapeamentos entre dois níveis diferentes da representação do som, isto é, o nível abstrato (ou subjacente) e o nível superficial, como mostra a figura 1:

Figura 1 – Mapeamento fonológico: módulos de representações.



De um modo geral, as regras fonológicas partem de uma representação subjacente do som (isto é, o fonema²⁷), resultado em uma representação da forma final de superfície, ou, aquilo que o falante de fato pronuncia. Também Hayes (2009, p. 5) apresenta a descrição destas como generalizações relativas às diferentes maneiras que um som pode ser pronunciado, em diferentes contextos. Em suma, essas regras descrevem o processo através do qual um falante passa de uma representação abstrata, armazenada em seu cérebro, à sua real articulação sonora, quando em contexto de fala. Segundo Idsardi (2003):

²⁷ "Un fonema es una representación mental de un conjunto de sonidos considerados "equivalentes" en cierto sentido abstracto. El sonido concreto de un fonema depende de los fonemas adyacentes: los procesos fonológicos intervienen aquí fijando el modo en que el fonema debe articularse en un contexto fonémico concreto." Texto disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Proceso_fonologico>. Acesso em 29 jul. 2009.

The fact that speakers have a **mental** representation of what they say, and that this can be **different** from what they actually do when they speak, shows us that speakers do **not** memorize every aspect of speech sound production. **Only** the **essential** (contrastive, phonemic) features are stored in memory. Other features (specifics of pronunciation) are added during speech planning and production. **Predictable** information about speech is **not memorized**. Predictable features are added by **rules** of pronunciation (phonological rules). [...] The **predictable** aspects of pronunciation [...] are added by the rules in the phonology of the language. The **rules** of pronunciation determine the variants in speech sounds.

Regras fonológicas são escritas valendo-se de *características distintivas*, que não são outra coisa senão características naturais que descrevem a composição acústica e articulatória do som; ao selecionar uma dada matriz de características, torna-se possível representar um grupo de sons que formam uma *classe natural*²⁸ e se encaixam em um mesmo padrão no que tange às regras fonológicas. A figura 2 traz a representação de uma regra fonológica e sua respectiva notação; exemplifica-se a regra de fricativização existente no espanhol (MATZENAUER, 2005, p. 44), ocasião em que consoantes plosivas sonoras se transformam em fricativas quando aparecem entre vogais, ou seja, b, d, g → β, ð, ɣ / V _ V:

Figura 2 – Regra de fricativização no espanhol.

$$\left[\begin{array}{l} - \text{soante} \\ + \text{sonoro} \end{array} \right] \longrightarrow \left[+ \text{contínua} \right] / \text{ V _ V }$$

Com relação ao que existe em comum entre todas as regras fonológicas, cabe citar alguns aspectos listados por Hayes (*op. cit.*, p. 26-27):

²⁸ “Uma classe natural é o conjunto de segmentos que compartilham traços semelhantes e sofrem regras fonológicas juntos. Esse conceito foi fundamental para permitir as generalizações das regras.” [Fragmento]. Disponível em: <http://www.cefala.org/fonologia/fonologia_modelos_lineares_gerativa.php>. Acesso em: 26 jan. 2010.

- **Específica da língua:** uma regra fonológica que está presente em uma língua pode não estar presente em outras línguas, nem mesmo em todos os dialetos de um dado idioma.
- **Produtiva:** regras fonológicas são extensivas inclusive a novas palavras. Por exemplo, quando solicitada a pronúncia de uma palavra inventada da língua, se aplicarão neste caso as mesmas regras fonológicas cabíveis a uma palavra conhecida.
- **Inata e de uso inconsciente:** tais regras são adquiridas pelo falante em seus primeiros meses de vida e sem nenhum ensinamento explícito; elas são aplicadas por estes falantes sem que tenham consciência disso.
- **Intuitiva:** as regras são responsáveis pela intuição do falante sobre que palavras são “bem formadas” ou “aceitáveis”; se o falante escuta uma palavra que não está de acordo com as regras fonológicas da língua, tal palavra irá soar como estrangeira ou mal formada.

Finalizando o tema das *regras fonológicas*, menciona-se a divisão das mesmas em quatro tipos específicos, de acordo com o encontrado em Schramm (2001), o qual afirma que *phonological rules can be classified into four major kinds. They are assimilation, dissimilation, insertion and deletion*²⁹. A seguir, uma breve descrição de cada tipo de regra mencionado:

- **Assimilação:** regras deste tipo descrevem processos em que um som se torna mais similar a um som vizinho. A *nasalização* é um exemplo de processo de assimilação.
- **Dissimilação:** este tipo de regra se refere ao processo onde determinado som muda uma de suas características para se tornar menos similar a um som

²⁹ Disponível em: <<http://www.hamline.edu/personal/aschramm/linguistics2001/9phonrlz.html>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

adjacente, isto é, dois sons vizinhos se tornam menos similares. Por exemplo, com falantes de uma língua estrangeira, a dificuldade que existe na pronúncia de duas fricativas próximas uma da outra, tratando-se uma delas de um som que não existe na língua nativa. É o caso do som 'th' em inglês pronunciado por um brasileiro, quem seguramente produzirá algo como [sɪkst] para a palavra *sixth*.

- **Inserção:** neste tipo de processo, um som é adicionado, o qual não estava presente anteriormente na pronúncia (lenta) da palavra, nem em sua forma escrita. Um bom exemplo deste fenômeno é, em português, é a ditongação em sílaba tônica final travada por /S/ pós-vocálico³⁰: rapaz → *rapaiz*, dez → *deiz*, nós → *nóis*.

- **Apagamento:** tais processos de pronúncia costumam eliminar alguns sons – mais comumente quando se tratam de uma vogal átona ou uma consoante fraca, as quais acabam não sendo pronunciadas. A apócope em espanhol, precedendo substantivos masculinos no singular, ilustra bem esse processo: *buen hombre / hombre bueno*.

Apresentado o arcabouço teórico da pesquisa, o próximo capítulo abordará o objeto de estudo do presente trabalho, a saber, o apagamento vocálico pretônico no POBH – norma culta.

³⁰ CÂMARA JUNIOR, 1964, p. 119.

2. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

2. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O apagamento de vogais átonas em português tem sido alvo das mais diversas investigações, sob diversos enfoques teóricos e metodológicos, tais como: a queda da vogal átona/postônica em final de palavra no português falado de Belo Horizonte (RIZZO, 2008, em andamento); apagamento da vogal átona final na cidade de Itaúna/MG (VIEGAS & OLIVEIRA, 2008); a síncope em proparoxítonas (AMARAL, 2002); o apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jarú – Estado de Rondônia (FRANÇA, 2009); a elisão da vogal média /o/ em Porto Alegre – RS e Curitiba – PR (ALENCASTRO, 2008), entre outros.

Sabe-se, então, que o dialeto mineiro é caracterizado pela alta incidência dos casos de cancelamento vocálico, tal como verificado nos trabalhos acima mencionados (cf. RIZZO, 2008; VIEGAS & OLIVEIRA, 2008), ambos relativos ao contexto postônico – onde mais facilmente são atestados os fenômenos fonológicos (BORTONI-RICARDO, 2006). Referente ao contexto pretônico, no entanto, não há muita divulgação de trabalhos que tratem do apagamento das vogais átonas – especialmente no português de Belo Horizonte.

Contudo, mesmo não sendo encontradas pesquisas acadêmicas que tratassem, especificamente, do apagamento de vogais pretônicas, observaram-se, neste contexto, casos de cancelamento vocálico, indicando a existência de uma regra variável envolvendo tais vogais no dialeto mineiro. Dita regra variável, que será investigada no presente trabalho, se caracteriza pela

supressão de segmentos vocálicos em posição inicial de palavra – i. e., aférese – e de segmentos vocálicos no interior da palavra – i. e., síncope (Figs. 3 e 4).

Figura 3 – Espectrograma: aférese em “...[en]tendeu?” (LSC).

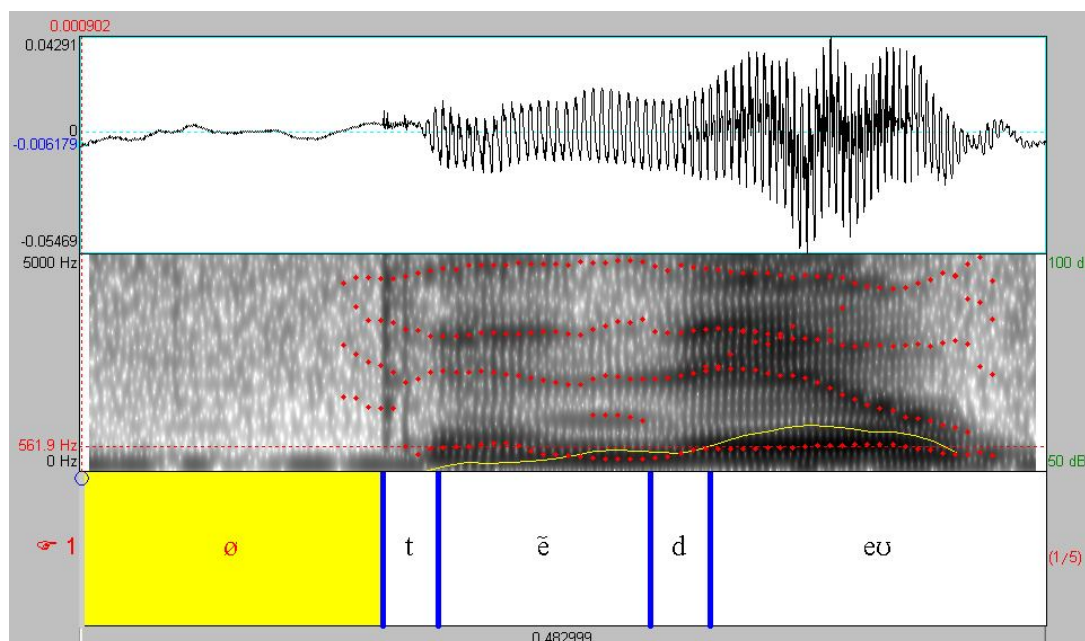
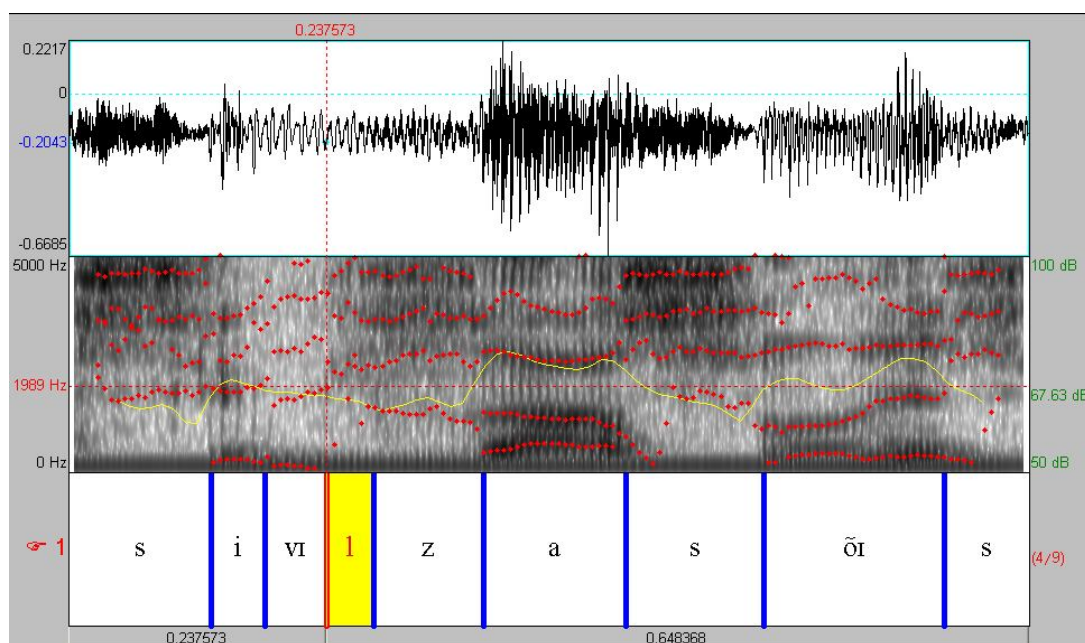


Figura 4 – Espectrograma: síncope em “civil[i]zações” (RD).



A caracterização acústica das ocorrências de cancelamento da vogal será realizada, detalhadamente, no capítulo 4, com os resultados da análise acústica e as representações espectrográficas. Na próxima seção, serão conhecidos os pressupostos teóricos que respaldam o estudo dos processos fonológicos de apagamento e da variação na produção de vogais átonas.

2.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS DE APAGAMENTO

Dando continuidade ao exposto na seção 1.2, relativa a processos fonológicos, estes podem ser espontâneos – ou não sistemáticos –, produzindo-se aleatoriamente e afetando palavras particulares (casos de modismos linguísticos ou questões histórico-culturais, por exemplo); e também podem ser condicionados – ou sistemáticos –, produzindo-se em contextos determinados e não distribuídos aleatoriamente. Ressaltando no presente estudo apenas fenômenos de tipo condicionado (haja vista não serem muito comuns casos de perda fonêmica totalmente incondicionada), serão realizadas considerações concernentes ao apagamento como um processo fonológico.

O apagamento consiste na supressão de algum segmento, podendo este ser um segmento vocálico, consonantal, ou mesmo um glide – cujo apagamento provocará uma *monotongação*. Ocorre também de o apagamento incidir sobre uma sílaba inteira e não apenas sobre um único segmento (2):

(2)

a) apagamento de segmento inicial (aférese): [a]garrado → ‘garrado’

b) apagamento de segmento medial (síncope): xíc[a]ra → ‘xicra’

- c) apagamento de segmento final (apócope): amar[e] (lat.) → ‘amar’
- d) apagamento de glide (monotongação): apa[i]xonada → ‘apaxonada’
- e) apagamento de sílaba inteira: está → ‘tá’

Devido a questões de economia, as línguas procuram, constantemente, um nível ideal onde exista a possibilidade de sua máxima utilização (comunicativa), através de uma quantidade mínima de elementos; procuram também um equilíbrio entre elementos distintivos e redundantes³¹ que, para ser mantido, força a língua a constantes readaptações à medida que vai evoluindo. A evolução se dá através da alternância de fatores que ora tornam a língua mais complexa, ora simplificam-na, por exemplo, ao adicionar, suprimir, generalizar ou reestruturar regras fonológicas.

Em Auer (1990, p. 12) entende-se o apagamento³² como um processo que realça a percepção ou facilita a articulação de segmentos (sons) particulares, estando estreitamente ligado à fisiologia da fala e do sistema auditivo. Dessa forma, os distintos processos fonológicos de apagamento podem ser empregados pelas línguas como estratégia para evitar uma estrutura silábica marcada, atuando muitas vezes como responsáveis pela ressilabificação das palavras, ou, ainda, para minimizar o número de sílabas que se ‘desviam’ do padrão não-marcado na língua, como em (3), abaixo. Dessa forma, é possível que tais reajustes da cadeia segmental otimizem a construção rítmica binária³³ do português:

(3)

a) prín.ci.pe → **prins.pe** :: reformulação da estrutura silábica proparoxítona

(* . .) (* .)

³¹ JAKOBSON, 1977, p. 75-76.

³² Ou *weakening*, termo utilizado pelo autor.

³³ Pé troqueado ou iâmbico, de acordo com base teórica em questão.

b) es.ta.bi.li.da.de → **es.ta.bli.da.de** :: diminuição do número de sílabas

(. . . . * .) (. . . * .)

Ainda sobre a questão prosódica associada aos processos fonético-fonológicos, a velocidade de elocução é um fator importante que pode influenciar ou não a ocorrência da supressão vocálica em posição átona, o que culminará na definição de determinado padrão rítmico para o enunciado em questão. Segundo Abaurre-Gnerre (1981, p. 29),

1) as velocidades mais lentas favorecem, em geral, a manutenção dos segmentos. Conseqüentemente, com a manutenção e saliência prosódica atribuída às vogais em núcleo silábico, criam-se condições ideais para um ritmo que tende a ser silábico; 2) certas vogais átonas são freqüentemente reduzidas ou suprimidas nas velocidades mais rápidas, o que causa a aglomeração de segmentos consonantais em torno dos núcleos acentuados, configurando-se, desta forma, o contexto ideal para a implementação do padrão rítmico acentual (com tendência à manutenção de intervalos de tempo constantes entre sílabas acentuadas);

ou seja, o apagamento vocálico pode ser considerado um processo característico de registros de fala mais rápidos³⁴ e informais³⁵, favorecendo a implementação de um padrão rítmico *acentual*.

Dentre as possíveis formas de apagamento mencionadas no princípio (aférese, síncope, apócope, monotongação e supressão silábica), serão destacadas apenas aquelas passíveis de ocorrer em ambiente pretônico e que

³⁴ Idéia também encontrada em Schramm (2001): “This unstressed vowel deletion is fairly common in fast speech and can be confusing to non-native listeners [...]”.

³⁵ Em um texto sobre ‘*procesos no asimilativos*’ (fonética/fonologia espanhola; autor desconhecido), está a seguinte afirmação: “Estos procesos son los más frecuentes en el habla popular y tienden a consolidarse por su uso, a pesar de ser contrarios al uso culto formal. [...] La supresión de fonemas se hace presente en las conversaciones cotidianas, por comodidad se reducen los vocábulos, las palabras pierden fonemas hasta llegar a términos muy breves.” Disponível em: <<http://gavilan.uis.edu.co/~jrosales/docencia/21149/pdfs/material2.pdf>>. Acesso em 6 ago. 2009.

se relacionem unicamente ao segmento vocálico (em detrimento da supressão silábica), igualmente excluindo do objeto de estudo a monotongação e a apócope: esta por se relacionar ao apagamento de um segmento final (logo, pós-tônico), e aquela, por se tratar da perda de um glide, não de uma vogal. A seguir, uma breve exposição das formas de supressão vocálica investigadas no *corpus* de estudo: síncope e aférese de segmentos vocálicos.

2.1.1 SÍNCOPE VOCÁLICA

Relativo ao grupo dos metaplasmos por supressão, o processo de síncope vocálica consiste na perda de um ou mais segmentos no interior de uma palavra – especialmente a perda de vogal em posição não-tônica. Em outras palavras, para que ocorra a síncope, a vogal deve ser átona e estar em uma das seguintes posições: em sílabas pretônicas, seja começo de palavra ou qualquer outra posição anterior à tônica (4); e ulterior ao acento, desde que não seja a última sílaba da palavra (5), como demonstrado nos possíveis casos:

(4) Síncope pretônica

- a) c[a]samento → [kza. 'mẽ. tu]
- b) s[e]mana → ['smã. nə]
- c) esp[i]ritual → [ɪs. pɾɪ. tu. 'aw]
- d) pers[o]nalidade → [pɛh. sna. lɪ. 'da. dʒɪ]
- e) comp[u]tador → [kõp. ta. 'doh]

(5) Síncope pós-tônica

- a. fíg[a]do → ['fig.du]
- b. cél[e]bre → ['sɛl.brɪ]
- c. dív[i]da → ['dʒiv.də]
- d. fósfo[ro] → ['fɔs.frɔ]
- e. músco[u]lo → ['mus.klu]

A síncope pós-tônica, ou síncope em palavras proparoxítonas, é um processo fonológico altamente previsível, devido à consciência das regras fonotáticas que possui um falante ao reduzir/apagar tais segmentos. E isso não é característica apenas da fala normal dos menos escolarizados; ela é atestada também na fala espontânea dos mais escolarizados, em determinadas situações, haja vista que se trata de um fenômeno antigo na língua e bastante difundido em todo o território brasileiro. Entretanto, semelhante processo não faz parte do objetivo de estudo deste trabalho, o qual está focado apenas nas ocorrências pretônicas da supressão vocálica.

Procedendo, então, à análise do fenômeno da síncope em contexto pretônico, sabe-se que sua ocorrência está relacionada, principalmente, a questões de adequação rítmica, de maneira a evitar estruturas silábicas marcadas na língua, tais como palavras muito longas³⁶, sucessão de sílabas que se repetem, etc.; Abaurre & Sândalo (2007, p. 151-152) dizem que *uma análise acústica dos fatos do PB mostra que muitas palavras que contêm um número ímpar de sílabas sofrem um apagamento de vogal.*

³⁶ Os resultados da investigação de Matos & Sândalo (2004) apontam que palavras longas com número ímpar de sílabas sofrem síncope com mais frequência do que aquelas com número par. Resumo disponível em: <<http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xiicongresso/cdrom/pdfN/736.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2009.

2.1.2 AFÉRESE

Processo fonético-fonológico de mudança linguística, característico da fase arcaica da língua, o qual consiste na supressão de segmentos ou sílabas em início do vocábulo (6). Sincronicamente, este metaplasmo ocorre com frequência em contexto de uso informal ou popular da língua (7). Semelhantemente à síncope, a aférese também não altera as propriedades do acento primário da palavra.

(6) Aférese diacrônica

- a. [e]nojo → *nojo*
- b. [e]namorar → *namorar*
- c. [a]ssessegadas³⁷ → *sossegadas*
- d. [a]cumen (lat.) → *cume*
- e. [a]pothéka (gr.) → *bodega*

(7) Aférese sincrônica

- a. [a]inda → *'inda'*
- b. [a]rranquei → *'ranquei'*
- c. [a]guento → *'guento'*
- d. [a]rregalado → *'regalado'*

³⁷ “E poderen melhor chorar os seus pecados/e te/ iren sas almas mais Assessegadas”. (*O Livro das Aves*, século XIV, p. 217). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais_075.html>. Acesso em: 4 fev. 2009.

e. [a]bençoa → 'bençoa'

Finalizando esta seção, no que tange aos processos de apagamento pretônico recentemente analisados, aférese e síncope vocálica, é insuficiente ainda o que se conhece sobre os contextos específicos que fomentam a supressão da vogal, quais segmentos se encontram na adjacência, quais as vogais mais propensas ao apagamento, etc.

Embora a literatura teórica forneça dados como os de Viaro (2005, p. 9), sobre a alta frequência da síncope de [i] antes de fricativas dorsoalveolares (8) no PB e a aférese – de maneira universal – que sofre o [a] pretônico em posição absoluta (7); como os de Oliveira (2007, p. 46), sobre as sílabas iniciais travadas por /S/ como ambientes favorecedores ao processo de apagamento – 'es-', 'ex-', 'is-'; ou como os de Guimarães (2004, p. 23), sobre as africadas alveolares [ts, tz, ds, dz] que ocorrem no português (9) serem consequentes do apagamento de [i], ainda há muito o que se investigar sobre os processos de supressão vocálica em pauta pretônica no português brasileiro.

(8)

a. d[i]zer → ['dze]

b. cam[i]seta → [kãm. 'ze. tə]

(9)

- a. partes³⁸ → ['pahts]
- b. tesoura → ['tzo.rə]
- c. medicina → [me.'dsi.nə]
- d. dezenove → [dzɛ.'nɔ.vɪ]

Partindo de tudo o que foi apresentado até então, o presente trabalho se lança à investigação das ocorrências de *apagamento vocálico em contexto pretônico no português de Belo Horizonte*: características contextuais, segmentos envolvidos no processo, condições, restrições, enfim, aspectos relevantes para alcançar um nível elucidativo satisfatório sobre o tema, com base em modelos teóricos atuais, juntamente com dados de análise provenientes do POBH – norma culta.

³⁸ Os exemplos encontrados em Guimarães (2004) não eram, em sua totalidade, referentes ao contexto pretônico do apagamento vocálico. Os exemplos relativos ao contexto pós-tônico foram mantidos no texto, a fim de preservar a integridade do conteúdo exposto pela autora.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente capítulo é referente à metodologia variacionista desenvolvida neste trabalho, através da qual se investiga a regra de apagamento vocálico pretônico no português de Belo Horizonte, norma culta. As seções a seguir tratarão dos seguintes temas: *constituição do corpus* (3.1), para apresentar o banco de dados, a especificação dos informantes e a metodologia de coleta da amostra; *análise acústica e perceptiva* (3.2), para investigar a ocorrência da regra variável através de análises espectrográficas – obtidas com os programas **PRAAT 5.0.47** e **Speech Analyzer 2.7**; *variáveis de pesquisa* (3.3), para especificar as variáveis, dependente e independentes, envolvidas no fenômeno junto com o método de codificação utilizado na amostra; e análise estatística (3.4), para descrever os procedimentos e etapas concernentes à análise estatística quantitativa, realizada a partir do programa **SPSS 15.0 para Windows** (em espanhol).

3.1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

A base de dados para este trabalho é o CORPUS POBH – norma culta, proposto por Magalhães (2000), o qual apresenta as seguintes propostas de projeto:

- Construir um banco de dados para uma pesquisa sobre a modalidade culta do português de Belo Horizonte.
- Estabelecer uma história (ou fazer uma análise, um estudo) do padrão sonoro do português culto falado em Belo Horizonte, em diferentes gerações.
- Promover investigações científicas sobre a modalidade falada culta do português de Belo Horizonte.

O *corpus* é constituído por três modalidades de inquérito, a saber: 1. diálogo entre dois informantes; 2. diálogo entre documentador e informante; e 3. *elocução formal*. Optou-se pela modalidade de inquérito elocução formal, ocasião em que o informante discorre sozinho sobre determinado(s) tema(s) proposto(s), por se tratar de uma narrativa isenta da interferência do documentador, de maneira a alcançar uma fala mais contínua. Segundo Brait (1999, p. 93), existe na locução formal um planejamento temático e composicional, que aproxima a fala, a exposição, do planejamento de um texto escrito – embora a presença de ouvintes passe a interferir nesse planejamento, obrigando o texto, aparentemente de estrutura monologal, a incluir marcas enunciativas e interativas próprias dessa situação³⁹.

Conforme as especificações para que se considere um registro norma culta⁴⁰, os informantes que participaram no projeto POBH são pessoas com formação universitária, nascidas e criadas em Belo Horizonte e que nunca se afastaram da cidade por mais de um ano consecutivo. Eles estão enquadrados em três faixas etárias: 25-35 anos, 36-55 anos e 56 em diante (cinco homens e cinco mulheres de cada faixa). Houve dificuldades de se encontrar informantes da terceira faixa etária e, por isso, até o momento, registrou-se a participação de apenas quatro informantes.

³⁹ A propósito, tomou-se o cuidado de escolher um trecho que se encontrava no meio da elocução, ocasião em que o falante já apresenta menor inibição, estando um pouco mais 'à vontade' com o processo de gravação – inclusive devido ao tema, *família/amor*, mais próximo à realidade subjetiva do informante.

⁴⁰ Segundo a enciclopédia eletrônica Wikipédia, **norma culta** se define como o conjunto de variedades linguísticas efetivamente faladas, na vida cotidiana, pelos falantes cultos, sendo assim classificados os cidadãos nascidos e criados em zona urbana e com grau de instrução superior completo.

Os seis temas sobre os quais discorriam os informantes durante a coleta de dados⁴¹ foram os seguintes: escola, profissão, religião, família/amor, lazer e Belo Horizonte. Os inquéritos eram direcionados por um questionário, com uma média de cinco perguntas para cada tema (Anexo A). Para esta dissertação, utilizou-se uma amostra de dados referente ao tema família/amor.

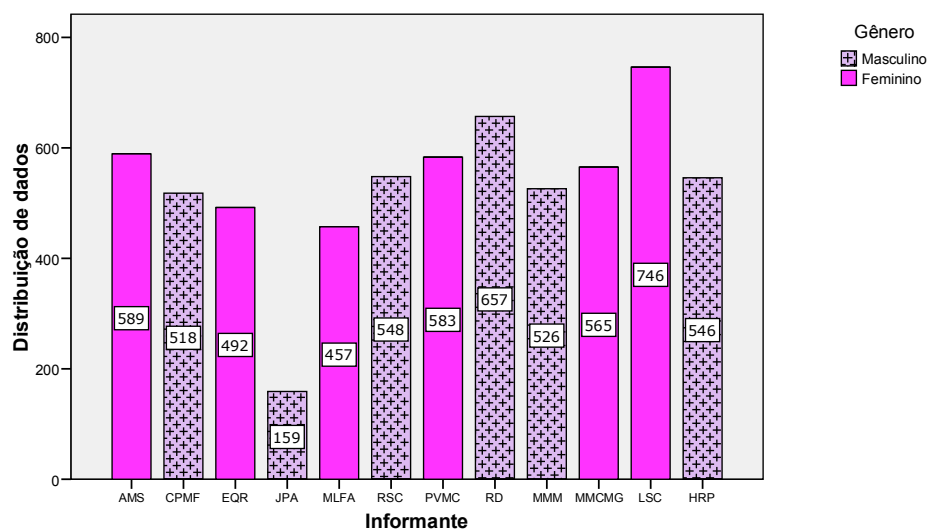
O POBH dispõe de gravações de vinte e quatro informantes, dentre os quais doze foram selecionados para este trabalho (dois de cada faixa etária, uma mulher e um homem), totalizando duas horas de elocução formal. A escolha dos informantes justifica-se pelo fato de suas respectivas gravações estarem já transcritas: transcrições ortográficas, disponíveis no Laboratório de Fonética da FALE/UFMG, nas quais foram feitas certas modificações, como supressão de elementos prosódicos e discursivos – alongamento, pausa, hesitação, ênfase, truncamento, entre outros.

A partir destas transcrições, palavras morfológicas (sem clíticos)⁴² foram distribuídas e codificadas em planilhas do Microsoft Office Excel 2003, resultando em 6386 dados onde foi verificada a variação da regra de apagamento, isto é, 6386 sílabas pretônicas passíveis de cancelamento vocálico. A seguir, a distribuição dos dados obtidos por informante:

⁴¹ A coleta dos dados realizou-se no LABFON – Laboratório de Fonética da FALE/UFMG – perfazendo um total de 72 horas, 3 horas para cada informante. As gravações foram feitas usando cabine anecóica e gravador DAT.

⁴² Embora os clíticos apareçam, por vezes, como formas átonas precedendo uma tônica da palavra seguinte (p. ex. '*me fala*'), estes itens não foram considerados na análise por possuírem um status diferente da sílaba e apresentarem processos gramaticais e fonológicos próprios. Palavras fonológicas que agregam um clítico constituem um elemento mais alto na hierarquia prosódica, conhecido como grupo clítico (cf. CUNHA & MIRANDA, 2009).

Gráfico 1 – Distribuição de dados por informantes.

Tabela 1⁴³ – Tabela de contingência *Informante* * Gênero e distribuição de dados

			Gênero		Total
			Masculino	Feminino	
Informante	AMS	Recuento		589	589
		%		17,2%	9,2%
	CPMF	Recuento	518		518
		%	17,5%		8,1%
	EQR	Recuento		492	492
		%		14,3%	7,7%
	JPA	Recuento	159		159
		%	5,4%		2,5%
	MLFA	Recuento		457	457
		%		13,3%	7,2%
	RSC	Recuento	548		548
		%	18,6%		8,6%
	PVMC	Recuento		583	583
		%		17,0%	9,1%
	RD	Recuento	657		657
		%	22,2%		10,3%
	MMM	Recuento	526		526
		%	17,8%		8,2%
	MMCMG	Recuento		565	565
		%		16,5%	8,8%
	LSC	Recuento		746	746
		%		21,7%	11,7%
	HRP	Recuento	546		546
		%	18,5%		8,5%
Total		Recuento	2954	3432	6386
		%	100,0%	100,0%	100,0%

⁴³ As tabelas e gráficos derivados do pacote estatístico **SPSS 15.0 para Windows** aparecerão com termos em espanhol, devido à versão do programa utilizada.

3.2 ANÁLISE ACÚSTICA E PERCEPTIVA

Fundamentada em dados instrumentais, esta análise consiste em um estudo objetivo das propriedades físicas dos sons da fala, onde o registro do sinal vocálico se representa, graficamente, por meio de oscilogramas e espectrogramas.

A aplicação da regra variável pode ser identificada através da análise acústica e perceptiva dos dados coletados no POBH – norma culta. Com esse objetivo, começa-se por identificar no *corpus*, de oitiva, as ocorrências de apagamento vocálico pretônico. Com os dados do *corpus* já transcritos previamente, é possível identificar o contexto específico de cada ocorrência de supressão vocálica. Procede-se, então, à análise acústica dos resultados obtidos, tomando por base espectrogramas e oscilogramas gerados pelos programas **Praat 5.0.47**⁴⁴ e **Speech Analyzer 2.7**⁴⁵, a fim de verificar se realmente houve apagamento vocálico nos contextos em questão e, conseqüentemente, classificar cada uma das variantes da pesquisa.

A forma da onda (oscilograma) e a configuração dos formantes (espectrograma) são fundamentais para uma maior precisão no estudo do fenômeno, pois fornecem parâmetros acústicos para a identificação das formas variantes nos dados da amostra. Especialmente tratando-se de um estudo relativo a vogais, os *aspectos formânticos* (Fig. 5) são de suma importância, devido à necessidade de informações claras e precisas concernentes à qualidade vocálica dos segmentos:

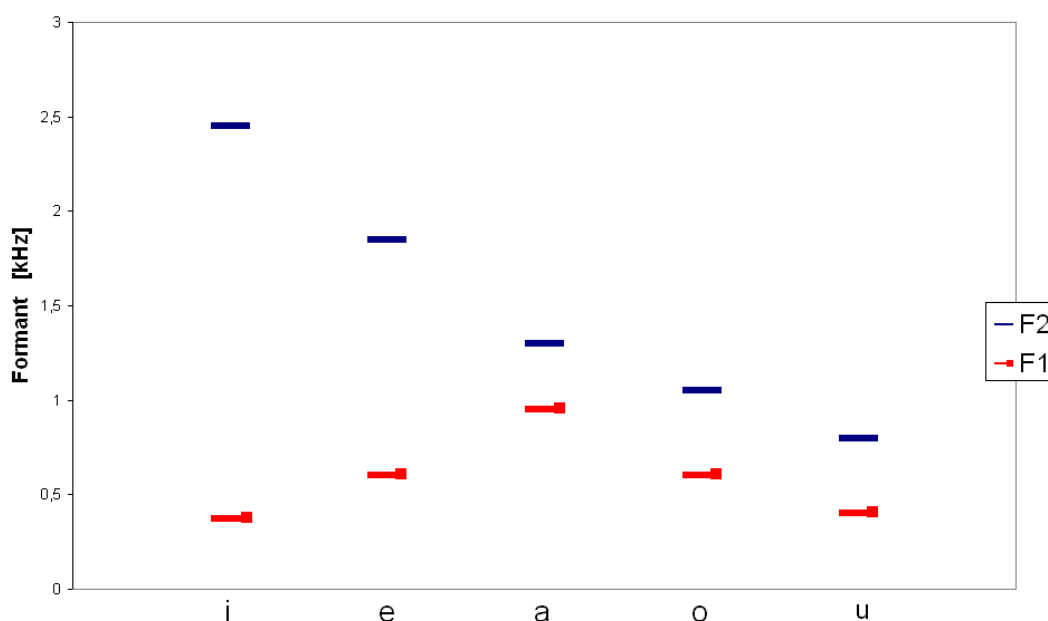
Las vocales se identifican por sus formantes. Un formante es un componente de la frecuencia que se encuentra en el habla humana, basado en las armónicas del sonido producido. Aunque no lo

⁴⁴ Distribuição livre, disponível em: <<http://www.praat.org>>.

⁴⁵ Distribuição livre, disponível em: <<http://www.sil.org/computing/speechtools>>.

sabemos, usamos los formantes y la frecuencia del sonido que escuchamos para identificar qué sonido es, particularmente con las vocales. El formante con más energía se considera el primer formante (F1), y así para el segundo (F2) y el tercero (F3)⁴⁶.

Figura 5 – Principais formantes (F1 e F2) para identificação de vogais.



Um formante é o pico de intensidade no espectro de um som; trata-se da maior concentração da energia sonora deste som (amplitude de onda), observada em determinada frequência. Segundo o tutorial *Acoustic phonetics*, disponível pelo programa *Speech Analyzer 2.7*, *the presence of a formant structure in spectrograms is a characteristic feature of vowels and other sonorant speech sounds*⁴⁷.

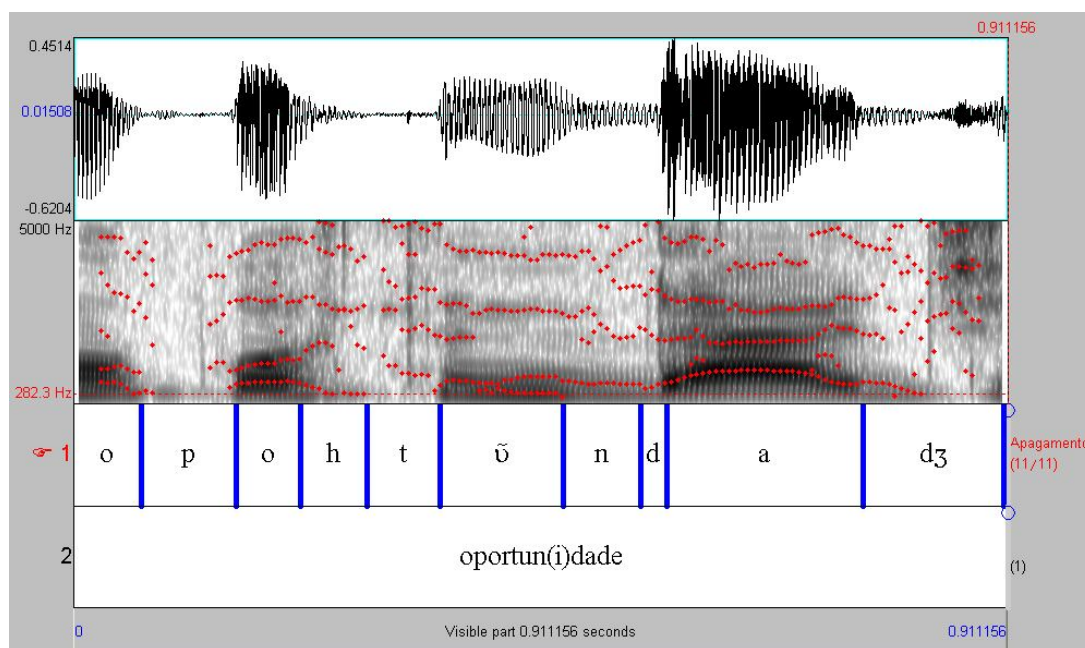
Para que sejam analisadas as características formânticas de um som utilizando o programa Praat, deve-se selecionar um arquivo de som na janela *Objects* e, após marcar a opção *Edit*, selecionar na janela de edição de som

⁴⁶ Texto e ilustração (Fig. 5, alterada) extraídos de uma atividade do curso “*La adquisición de la fonología de las segundas lenguas*”, University of Florida. Disponível em: <<http://www.clas.ufl.edu/users/glord/L2phonology>>. Acesso em: 8 fev. 2009.

⁴⁷ Tutorial *Acoustic phonetics* (fornecido pelo programa *Speech Analyzer 2.7*), cap. 3: *Sound Spectrograms and Spectra*.

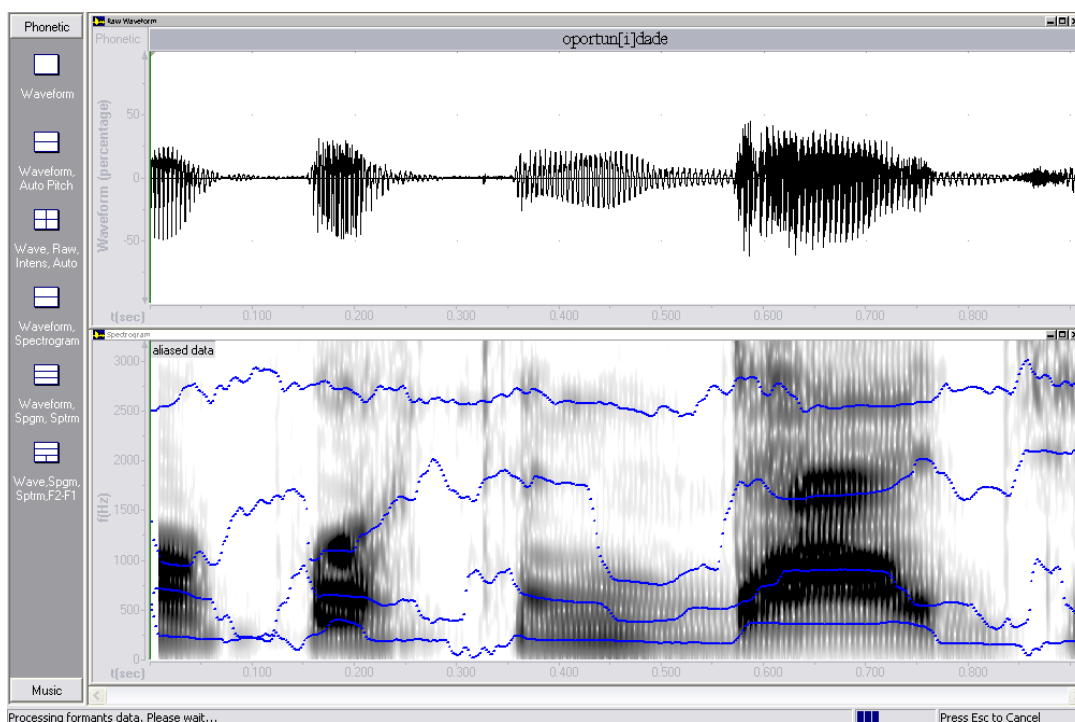
aberta o menu *Formants*, seguido da opção *Show formants*. Os formantes recebem, assim, contornos de destaque (sequências de pontos vermelhos), acompanhados das respectivas marcas de frequência (Fig. 6). Neste mesmo menu, *Formants*, está também a opção de configurar os parâmetros da análise formântica (*Formant settings...*), adequando-os aos objetivos da pesquisa, além da opção de se obter os valores particulares de frequência de cada formante (*Get first formant*, *Get second formant*, etc.), bem como os valores de uma sequência de formantes e frequências (*Formant listing*).

Figura 6 – Praat: espectrograma de apagamento em ‘oportunidade’.



Para se realizar a mesma análise espectrográfica, agora utilizando o programa Speech Analyzer – de interface gráfica mais simples e de fácil compreensão –, deve-se selecionar um arquivo de som através do menu *File* → *Open...* e, no menu lateral *Phonetic*, clicar sobre a opção de análise desejada. Neste caso, se procederá à observação do espectrograma e da forma da onda ao selecionar a opção *Waveform/Spectrogram*, para que se exiba a janela de análise demonstrada na figura 7:

Figura 7 – Speech Analyzer: espectrograma de apagamento em ‘oportunidade’.



Apesar da utilização de ambos os programas durante a realização deste trabalho, os resultados das análises serão apresentados por meio de espectrogramas do programa Praat, dada a familiaridade e ‘popularidade’ do programa entre pesquisadores e acadêmicos.

3.3 VARIÁVEIS DE PESQUISA

Para se proceder à análise estatística da amostra e calcular a frequência e o efeito probabilístico de cada fator na aplicação da regra variável, os dados devem ser codificados segundo as variáveis independentes envolvidas na pesquisa. Como já mencionado, as ocorrências do *corpus* foram distribuídas e

codificadas em planilhas do Microsoft Office Excel 2003, onde as colunas representavam as variáveis independentes e as linhas, cada um dos contextos analisados, ou seja, sílabas pretônicas passíveis de sofrer, ou não, o apagamento vocálico. Os códigos concernentes à variável dependente e às variáveis independentes são apresentados a seguir e explicados mais detalhadamente na seção 3.3.1. Foram criadas, também, variáveis internas específicas, destinadas à análise, exclusivamente, dos itens que sofreram apagamento (listados no anexo B).

I. Variável dependente

0 – não apagamento

1 – apagamento

II. Variáveis independentes

i. Gênero

0 – masculino

1 – feminino

ii. Idade

1 – 25 a 35 anos

2 – 36 a 55 anos

3 – A partir de 56 anos

iii. Natureza da variável dependente

1 – dorsal

2 – coronal

3 – labial

iv. Contexto precedente

0 – onset vazio

1 – dorsal

2 – coronal

3 – labial

4 – onset complexo

v. Vozeamento de onset

0 – sem onset

1 – desvozeado

2 – vozeado

vi. Contexto seguinte

0 – presença de coda

1 – dorsal

2 – coronal

3 – labial

vii. Distância da sílaba tônica

- 1 – 1 sílaba
- 2 – 2 sílabas
- 3 – 3 ou mais sílabas

viii. Estrutura da palavra

- 1 – 2 a 3 sílabas
- 2 – 4 ou mais sílabas

ix. Função do item

- 0 – item funcional
- 1 – item lexical

III. Variáveis internas específicas do apagamento

i. Informante

- 1 – AMS
- 2 – CPMF
- 3 – EQR
- 4 – JPA
- 5 – MLFA
- 6 – RSC
- 7 – PVMC
- 8 – RD

9 – MMM

10 – MMCMG

11 – LSC

12 – HRP

ii. Itens repetidos

0 – nenhum

1 – porque

2 – então

3 – dizer

4 – principalmente

5 – dificuldade

6 – fidelidade

7 – aquela

8 – assim

iii. Tipo de apagamento

0 – aférese

1 – síncope

iv. Apagamento enviesado

0 – não

1 – sim

v. Especificação da coda

0 – coda vazia

1 – /S/

2 – /R/

3 – /L/

4 – /N/

5 – outras consoantes

3.3.1 ESPECIFICAÇÃO DE VARIÁVEIS INDEPENDENTES

As seguintes subseções apresentarão as variáveis independentes envolvidas na análise do apagamento vocálico pretônico no CORPUS POBH – norma culta, descrevendo a (possível) relação de cada uma com a aplicação da regra variável.

3.3.1.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Devido ao fato de as variáveis sociais já terem sido discutidas, à exaustão, na seção *Fatores sociolinguísticos* (1.1.2), esta seção tratará apenas das variáveis linguísticas e a influência de cada uma na aplicação da regra variável.

3.3.1.1.1 NATUREZA DA VARIÁVEL DEPENDENTE

Pretende-se, através desta variável, verificar a correlação entre a natureza da vogal apagada e o fenômeno do apagamento. Existe alguma vogal mais propensa ao apagamento do que outra, ou, até mesmo, alguma que favoreça diretamente a aplicação da regra variável? Em Amaral (2002), por exemplo, a vogal labial era a que mais favorecia a ocorrência de síncope em proparoxítonas, enquanto a vogal coronal era a menos favorecedora.

Será considerada, também, a relação entre esta vogal e seus segmentos adjacentes, a fim de saber se, quando associada a determinado contexto fonológico, o processo de apagamento é favorecido.

3.3.1.1.2 CONTEXTO PRECEDENTE

Com a presente variável será investigada a correlação entre o onset e a aplicação da regra variável, ou seja, existe alguma influência do contexto anterior sobre os casos de apagamento vocálico pretônico; se constatada esta influência, será investigado que tipo de segmento fomenta o processo, e se há relação entre o ponto de articulação deste segmento e o da vogal (variável dependente). Será averiguado, também, se a falta de ataque silábico é fator relevante para o fenômeno – à parte dos casos de aférese vocálica, cuja condição precípua é a ausência de onset (p. ex. em [a]laranjado → ‘laranjado’).

3.3.1.1.3 VOZEAMENTO DE ONSET

A hipótese de influência desta variável surgiu após observar a recorrência de segmentos desvozeados no onset de sílabas pretônicas que sofriam apagamento. Pretende-se investigar, então, se existe correlação entre tal variável e o apagamento vocálico, ou se este fator resulta indiferente para o processo.

3.3.1.1.4 CONTEXTO SEGUINTE

A variável 'contexto seguinte' investiga uma possível correlação entre a variável dependente e o contexto seguinte à vogal. O objetivo é averiguar se algum segmento, em especial, fomenta a ocorrência do apagamento vocálico pretônico, quer seja um segmento da coda, quer seja um segmento da próxima sílaba, e, a seguir, analisar se existe relação entre o ponto de articulação deste e o ponto de articulação da vogal apagada. Retomando Amaral (*op. cit.*), tem-se um exemplo de influência do contexto fonológico seguinte, apontando para a líquida vibrante como o melhor contexto para a ocorrência da síncope em proparoxítonas; de igual modo, através da variável 'contexto seguinte', será investigada a existência de semelhante relação entre esta variável e a aplicação da regra de apagamento pretônico, sobretudo devido ao fato de existirem segmentos mais adequados para a formação de ataques bem estruturados na sílaba seguinte quando da ocorrência de uma ressilabificação – por exemplo, as consoantes líquidas.

3.3.1.1.5 DISTÂNCIA DA SÍLABA TÔNICA

Esta variável foi incluída no modelo a fim de avaliar a influência exercida pela distância entre a sílaba tônica e a pretônica candidata ao apagamento, buscando confirmar a hipótese de que quanto mais afastada da tônica, mais suscetível aos processos fonológicos estará uma sílaba.

3.3.1.1.6 ESTRUTURA DA PALAVRA

Assim como 'distância da sílaba tônica', a variável 'estrutura da palavra' inclui-se no modelo de análise, a fim de verificar o papel das adequações rítmicas durante o processo de apagamento vocálico; neste caso, investiga-se a possibilidade de ser o fator 'estrutura' um favorecedor do processo, sobretudo em caso de palavras com uma estrutura maior, devido a aspectos de economia articulatória.

3.3.1.1.7 FUNÇÃO DO ITEM

Uma vez que não se atestou influência da classe morfológica sobre a regra variável, pensou-se uma possível relação entre a função do item e o processo de apagamento; será investigada uma possível tendência a manutenção do item, de acordo com sua funcionalidade (itens gramaticais ou lexicais): existe esforço na língua por conservar um tipo de item, em detrimento de outro, tornando-o menos propenso ao apagamento?

3.3.1.2 DEMAIS VARIÁVEIS

Além das variáveis independentes recém apresentadas, também foram escolhidas variáveis independentes específicas, relacionadas apenas aos casos de apagamento atestados, e que dizem respeito às mudanças e variações observadas neste fenômeno fonológico.

3.3.1.2.1 INFORMANTE

A seleção dessa variável tem por objetivo identificar padrões individuais que se somam aos dados (segundo a Sociolinguística Variacionista), eliminando, assim, aspectos idiossincráticos que enviesam os resultados da análise. Concernente ao indivíduo, Oliveira (1997) afirma que o comportamento deste não é uma mera reprodução do comportamento do grupo a que pertence. O indivíduo tem papel próprio, independente do comportamento de grupo ao qual pertence; é possível, por exemplo, que indivíduos de um mesmo grupo social apresentem comportamentos totalmente contrários em relação a dado fenômeno, pois, de acordo com Oliveira (1997, p. 56), *mesmo havendo uma certa relação entre o comportamento dos indivíduos e o comportamento do grupo ao qual eles pertencem, não podemos dizer que o primeiro seja uma função do segundo, ou vice-versa.*

3.3.1.2.2 “ITENS REPETIDOS” E “APAGAMENTO ENVIESADO”

São duas variáveis que atuam em conjunto. Em um primeiro momento, trata-se de localizar na amostra as ocorrências que se repetem, procedendo-

se, então, à análise destas repetições, a fim de saber se são ocorrências que enviesam a pesquisa. Se constatado o enviesamento dos dados, atribuir-lhes o código de 'apagamento enviesado' e, para evitar a interferência da frequência dos itens, excluir estes dados da análise. Segundo Oliveira (2006, p. 60-61), *a atribuição de códigos diferenciados para cada um dos itens possibilita retirá-los ou inseri-los facilmente na análise, caso haja a suspeita de que a motivação da variação seja muito influenciada por alguns itens específicos.*

3.3.1.2.2 TIPO DE APAGAMENTO

Essa variável cumpre o objetivo de informar qual o tipo de apagamento mais frequente atestado na amostra. Logo mais, aliando esta às demais variáveis, se investigará o que influencia a ocorrência de cada uma dessas formas de apagamento.

3.3.1.2.3 ESPECIFICAÇÃO DA CODA

Variável que analisa, em ocorrências de apagamento vocálico em sílaba fechada, qual o segmento presente na coda. Serão investigadas algumas questões relativas ao apagamento em contexto de sílaba fechada, como a frequência destas ocorrências, o tipo de coda que permite o apagamento com maior facilidade, a possível coincidência entre o ponto de articulação deste segmento e o ponto de articulação da vogal suprimida.

3.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA

O modelo quantitativo, adotado por grande parte dos estudos sociolinguísticos, está na base dos estudos variacionistas, dando suporte à necessidade de estudo da linguagem em uso e a variação na forma como ela ocorre na fala de uma comunidade linguística. Segundo Oliveira (2006, p. 62),

A homogeneidade do sistema lingüístico e a ocorrência da “variação livre” na perspectiva estruturalista deram lugar, nos estudos variacionistas, à heterogeneidade, passível de observação e de quantificação, e a uma variabilidade favorecida por fatores sociais e por fatores lingüísticos.

O banco de dados desta pesquisa – composto por ocorrências de fala, provenientes do CORPUS POBH – será analisado através do pacote estatístico **SPSS 15.0 para Windows**⁴⁸ (em espanhol). Este programa é utilizado para se realizar análises quantitativo-probabilísticas, além de gerar tabelas e gráficos que resumem os dados.

A fim de investigar a correlação de cada variável independente com a variável dependente ‘apagamento vocálico pretônico’, empregou-se uma análise multivariada por meio do modelo de *regressão logística*. Utiliza-se este modelo quando o objetivo é analisar, tomando por base um conjunto de variáveis independentes, quais estão correlacionadas à variável dependente, além de analisar também o efeito simultâneo de múltiplas variáveis independentes. Oliveira (*op. cit.*, p. 64) explica:

A seleção de um modelo estatístico a ser utilizado se dá, primeiramente, a partir de quais perguntas se quer responder. Nos estudos em SV, relacionados à variação sonora, tem-se que um som ora é produzido de uma forma, ora é produzido de outra forma, em um mesmo item. Nesse caso, a pergunta é: o que poderia estar influenciando os indivíduos de uma mesma comunidade a falarem

⁴⁸ Programa shareware, disponível em <<http://www.softonic.com/s/spss-español>>.

uma mesma palavra ora de uma forma, ora de outra? Os modelos estatísticos que permitem responder a esta pergunta, ou seja, que permitem que se possa explicar a variabilidade de um fenômeno em relação um conjunto de fatores, são chamados de modelos de regressão. Nos modelos de regressão temos sempre uma variável, chamada variável dependente ou variável resposta, e uma ou mais variáveis explicativas, chamadas de covariáveis, variáveis independentes ou grupo de fatores, que poderão ajudar a explicar a variabilidade na variável resposta.

A seleção do modelo estatístico utilizado também está determinada pelo tipo de variável resposta do estudo: quando se trata de uma variável resposta contínua, utiliza-se um modelo de regressão linear; no caso de uma variável resposta categórica, o que se utiliza é um modelo de regressão logística.

Esta análise valeu-se do modelo de regressão logística binária, uma vez que a variável resposta é categórica e composta por *duas variantes* (condição igualmente indispensável para emprego do método): apagamento e não apagamento da vogal pretônica. Um exemplo de aplicação da regra variável no POBH seria o item 'capital', que pode realizar-se como [ka.pɪ. 'taw] ou [kap. 'taw]; neste caso, tem-se a vogal /i/ como uma variável dependente binária, codificada em 0 ou 1, cuja ocorrência é demonstrada pelas seguintes configurações da sílaba pretônica: CV.CV. 'CVC (não apagamento; código 0) e CV.CØ. 'CVC → CVC. 'CVC (apagamento; código 1). Geralmente, a variante de código 1 será aquela de interesse para a investigação; segundo Oliveira (*op. cit*), essa variante recebe o nome de 'sucesso', em estatística, e 'variante não-padrão', 'aplicação da regra variável', entre outros, nos estudos variacionistas.

À guisa de exemplo, considere-se a hipótese de a *estrutura da palavra* (2-3 sílabas e 4 ou mais sílabas) e a *função do item* (gramatical ou lexical) influenciarem a aplicação da regra de apagamento da vogal pretônica: ao ser utilizado o modelo de regressão logística para analisar o comportamento da variável dependente 'apagamento', se está determinando a correlação da função e da estrutura do item com a probabilidade de sucesso da variável dependente, isto é, com o apagamento da vogal pretônica.

Um modelo de regressão pode também testar o que se chama *hipótese nula*, isto é, hipótese de não haver correlação entre uma variável independente e a dependente. Dessa forma, a suposição de que o apagamento da vogal pretônica possa ser explicado pela função e a estrutura da palavra vem acompanhada da hipótese nula, a qual sugere que a função e a estrutura não exercem influência estatisticamente significativa sobre o apagamento. A hipótese testada efetivamente é a hipótese nula. É necessário esclarecer que:

A probabilidade máxima aceitável de rejeitarmos a hipótese nula quando ela é de fato verdadeira é chamada de nível de significância. [...] O nível de significância é um valor arbitrário, definido segundo critérios do pesquisador. Convencionalmente, na sociolinguística variacionista, assim como em outras ciências, **utilizamos um nível de significância de 0,05**⁴⁹. (OLIVEIRA, 2006, p. 66).

O teste estatístico clássico deve fornecer a probabilidade de o efeito investigado ser proveniente do acaso; esta probabilidade se denomina *p-valor*. Um modo de conduzir um teste estatístico é rejeitar a hipótese nula se o p-valor for menor que o nível de significância:

Figura 8 – Output de uma regressão logística: variáveis incluídas no modelo.

Variables en la ecuación							
		B	E.T.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Paso 1 ^a	ESTR.PA(1)	-,761	,203	14,060	1	,000	,467
	Constante	-3,736	,131	817,991	1	,000	,024

a. Variable(s) introducida(s) en el paso 1: ESTR.PA.

Variables que no están en la ecuación					
			Puntuación	gl	Sig.
Paso 1	Variables	FUNCAO(1)	,178	1	,673
	Estadísticos globales		,178	1	,673

Como observado na figura 8, encontrou-se um p-valor de 0.00 para a variável estrutura e outro de 0.67 para a variável função (valores,

⁴⁹ Grifo meu.

respectivamente, menor e maior do que o nível de significância de 5%), de forma que se pode afirmar que a hipótese nula foi rejeitada para o fator estrutura da palavra, estatisticamente significativa, mas não para o fator função do item, variável que, conseqüentemente, será excluída do modelo, por não se correlacionar com a aplicação da regra variável.

O método de seleção de variável utilizado na regressão foi o *Adelante RV*⁵⁰, método que permite que a seleção das variáveis mais relevantes seja feita automaticamente, segundo critérios pré-definidos, isto é, a razão da máxima verossimilhança: o programa insere, passo a passo e individualmente, cada uma das variáveis independentes, comparando o logaritmo da verossimilhança dos modelos, com e sem a variável independente adicionada. Elimina-se do modelo aquela variável que não apresenta uma contribuição significativa ao sistema.

Muchos procedimientos estadísticos suponen que los datos siguen algún tipo de modelo matemático que se define mediante una ecuación, en la que se desconoce alguno de sus parámetros, siendo éstos calculados o estimados a partir de la información obtenida en un estudio bien diseñado para tal fin. Existen diferentes procedimientos para estimar los coeficientes de un modelo de regresión, o para estimar los parámetros de una distribución de probabilidad. De entre esos procedimientos probablemente el más versátil, ya que se puede aplicar en gran cantidad de situaciones, y por ello uno de los más empleado se conoce con el nombre de "método de máxima verosimilitud".

[...]

El método de máxima verosimilitud se utiliza por ejemplo para estimar los coeficientes de un modelo logístico de regresión, en el que se calcula la probabilidad de que ocurra un determinado suceso mediante la siguiente ecuación:

$$p = \frac{1}{1 + \exp[-(b_0 + b_1 x_1 + \dots + b_k x_k)]}$$

⁵⁰ Referente a *Selección hacia adelante (Razón de verosimilitud)*.

donde p es la probabilidad de que ocurra el suceso de interés y x_i son los posibles factores (factores de riesgo) que se piensa que están relacionados con la probabilidad de que el suceso se produzca. (MOLINERO, 2003, p. 1-2).

Como alternativa de análise estatística, escolheu-se trabalhar também com o método de Classificação e Regressão em Árvores, modelo que se ajusta através de sucessivas divisões binárias no conjunto de dados, tornando os subgrupos da amostra cada vez mais homogêneos em relação à variável dependente. De acordo com Trujillano *et al.* (2008),

Un árbol de clasificación es una forma de representar el conocimiento obtenido en el proceso de aprendizaje inductivo. Puede considerarse como la estructura resultante de la partición binaria recursiva del espacio de representación a partir del conjunto de registros utilizados. Cada registro está formado por el conjunto de valores de las variables predictoras y el valor de la variable resultado que corresponde a cada caso. **Esta partición binaria recursiva se plasma en una organización jerárquica del espacio de representación que puede modelarse mediante una estructura tipo árbol⁵¹.**

Para a criação das árvores foi empregado o método de crescimento QUEST (*Quick, Unbiased, Efficient Statistical Tree*), que se caracteriza por ser um método estatístico rápido e que evita o enviesamento atestado em outros métodos, os quais favorecem as variáveis independentes com muitas categorias:

Bias in variable selection can be avoided by using the Discriminant-based (univariate or linear combination) split options. These options make use of the algorithms in QUEST (Loh & Shih, 1997) to prevent bias in variable selection. [Fragmento de *Classification Tree Programs*⁵²].

⁵¹ Grifo meu.

⁵² *Statistics Glossary*. Disponível em: <<http://www.statsoft.com/textbook/classification-trees/#comparison>>. Acesso em: 16 dez. 2009.

Apresentados, pois, os aspectos metodológicos desta pesquisa, o capítulo seguinte parte para a exposição e discussão dos resultados obtidos nas análises realizadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo traz os resultados da análise e sua discussão, dividindo em duas partes a apresentação do conteúdo: em um primeiro momento, será discutido o resultado estatístico da pesquisa, acompanhado de representação gráfica, obtido através do software SPSS 15.0 para Windows. Em seguida, será apresentada a análise acústica das ocorrências de apagamento atestadas no *corpus*, demonstradas por meio de espectrogramas e oscilogramas obtidos a partir do programa Praat.

4.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA

4.1.1 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

Os resultados apresentados a seguir partem da influência de cada uma das variáveis independentes (seção 3.3.1) sobre a variável dependente. Contudo, antes de proceder às interações entre variáveis dependentes e independentes, faz-se necessário esclarecer a configuração da amostra utilizada na pesquisa. Assim, a distribuição dos dados, de acordo com a aplicação, ou não, da regra variável é a seguinte:

Tabela 2 – Distribuição dos dados segundo a variável dependente.

		Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válido	Porcentaje acumulado
Válidos	Apagamento	102	1,6	1,6	1,6
	Não apagamento	6284	98,4	98,4	100,0
	Total	6386	100,0	100,0	

Uma análise da distribuição de dados na amostra, revela que há discrepância entre as ocorrências da variável dependente: os casos de apagamento são visivelmente menos frequentes que os de não apagamento. Estes valores indicam que o apagamento não é um fenômeno tão recorrente no POBH – norma culta⁵³, como se pressupunha no início da análise. Contudo, apesar da baixa frequência de aplicação do processo, é importante proceder a um estudo da regra de apagamento, examinando o aspecto qualitativo dos dados ao se tomar por base informações provenientes dos contextos de ocorrência do fenômeno observados na pesquisa. Deste modo, o universo da análise consiste em 102 casos de apagamento e 6.284 de não apagamento, totalizando 6.386 dados.

4.1.1.1 VIESES E ITENS FORA DA ANÁLISE

Originalmente, a parcela de dados que sofreram apagamento era constituída por 160 ocorrências; dentre estas, 87 consistiam em algum tipo de repetição de casos já atestados. Para que os itens repetidos fossem aceitos na amostra, foi necessário investigar se tais repetições estariam enviesando a

⁵³ Excetuando os casos categóricos de apagamento, em sílabas iniciais travadas por /S/, especificamente 'es-' e 'des-', estruturas silábicas formadas por segmentos coronais homorgânicos e, portanto, mais passíveis de apagamento; e dos casos enviesados de apagamento (cf. seção 4.1.1.1, a seguir). Ambos os casos foram eliminados da amostra; se fossem mantidos na análise, aumentariam o número de dados, sem, contudo, alterar o caráter incipiente da regra variável.

pesquisa. O teste chi-quadrado de Pearson⁵⁴ para as ocorrências repetidas de apagamento apresentou o seguinte resultado:

Tabela 3 – Distribuição dos itens repetidos entre os casos de apagamento.

			Variável dependente		Total
			Não apagamento	Apagamento	
Itens repetidos	(Nenhum)	Recuento	5760	73	5833
		Frecuencia esperada	5686,9	146,1	5833,0
		% de Variável dependente	92,5%	45,6%	91,3%
	Porque	Recuento	77	30	107
		Frecuencia esperada	104,3	2,7	107,0
		% de Variável dependente	1,2%	18,8%	1,7%
	Então	Recuento	115	24	139
		Frecuencia esperada	135,5	3,5	139,0
		% de Variável dependente	1,8%	15,0%	2,2%
Dizer		Recuento	26	16	42
		Frecuencia esperada	40,9	1,1	42,0
		% de Variável dependente	,4%	10,0%	,7%
Principalmente		Recuento	26	4	30
		Frecuencia esperada	29,2	,8	30,0
		% de Variável dependente	,4%	2,5%	,5%
Dificuldade		Recuento	21	6	27
		Frecuencia esperada	26,3	,7	27,0
		% de Variável dependente	,3%	3,8%	,4%
Fidelidade		Recuento	69	3	72
		Frecuencia esperada	70,2	1,8	72,0
		% de Variável dependente	1,1%	1,9%	1,1%
Aquela		Recuento	12	2	14
		Frecuencia esperada	13,6	,4	14,0
		% de Variável dependente	,2%	1,3%	,2%
Assim		Recuento	120	2	122
		Frecuencia esperada	118,9	3,1	122,0
		% de Variável dependente	1,9%	1,3%	1,9%
Total		Recuento	6226	160	6386
		Frecuencia esperada	6226,0	160,0	6386,0
		% de Variável dependente	100,0%	100,0%	100,0%

⁵⁴ O chi-quadrado de Pearson é um teste não paramétrico que mede a discrepância entre uma distribuição observada e outra esperada (bondade de ajuste), indicando em que medida as diferenças existentes entre ambas são devidas ao acaso, através de um contraste de hipóteses. Quanto maior o valor de chi-quadrado é menos verossímil que a hipótese seja correta, e quanto mais próximo a zero for este valor, mais ajustadas estão ambas distribuições. (FERNÁNDEZ & DÍAZ, 2004).

Ao observar a tabela 3, constata-se que dois itens apresentam frequências que, em conjunto, chegam quase a equiparar-se à frequência dos itens que não se repetem ('nenhum'), isto é, juntos, os itens 'porque' (18,8%) e 'então' (15%) se aproximam às ocorrências não repetidas na amostra (33,8% ~ 45,3%). E não apenas em comparação à não repetição, mas também, se consideradas as frequências observada e a esperada⁵⁵ dos itens, percebe-se que as duas frequências discrepam muito entre si:

(10)

a. *porque* → freq. esperada: **2,7**; freq. observada: **30**.

b. *então* → freq. esperada: **3,5**; freq. observada: **24**.

Os itens em (10), além de enviesar globalmente a análise dos casos de apagamento, enviesam também as análises individuais de apagamento, caracterizando o informante por uma tendência a, geralmente, cancelar as vogais pretônicas, quando, em realidade, o que se apaga recorrentemente são apenas as vogais destes itens. Dessa forma, o seguinte quadro de apagamento é traçado para os informantes do POBH - norma culta:

⁵⁵ O cálculo da frequência esperada é dado pelo (Total de dados em uma categoria * Total de aplicações da regra variável) / Dados totais; p. ex. 'porque': $(107 \cdot 160) / 6386 = 2,7$.

Tabela 4 – Distribuição de apagamentos e itens repetidos por informante.

Informante		Itens repetidos									Total
		(Nenhum)	Porque	Então	Dizer	Principalmente	Dificuldade	Fidelidade	Aquela	Assim	
AMS	Recuento	4	0	1	0	0	0	0	0	0	5
	%	80,0%	,0%	20,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
CPMF	Recuento	6	2	1	3	1	0	1	0	0	14
	%	42,9%	14,3%	7,1%	21,4%	7,1%	,0%	7,1%	,0%	,0%	100,0%
EQR	Recuento	5	2	2	0	0	0	1	0	1	11
	%	45,5%	18,2%	18,2%	,0%	,0%	,0%	9,1%	,0%	9,1%	100,0%
JPA	Recuento	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	%	100,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
MLFA	Recuento	6	0	0	2	1	0	0	0	0	9
	%	66,7%	,0%	,0%	22,2%	11,1%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
RSC	Recuento	6	2	0	9	0	0	0	0	0	17
	%	35,3%	11,8%	,0%	52,9%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
PVMC	Recuento	8	4	14	1	0	1	0	1	0	29
	%	27,6%	13,8%	48,3%	3,4%	,0%	3,4%	,0%	3,4%	,0%	100,0%
RD	Recuento	12	3	0	1	1	0	1	0	1	19
	%	63,2%	15,8%	,0%	5,3%	5,3%	,0%	5,3%	,0%	5,3%	100,0%
MMM	Recuento	5	0	1	0	1	4	0	1	0	12
	%	41,7%	,0%	8,3%	,0%	8,3%	33,3%	,0%	8,3%	,0%	100,0%
MMCMG	Recuento	2	13	3	0	0	0	0	0	0	18
	%	11,1%	72,2%	16,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
LSC	Recuento	12	4	2	0	0	1	0	0	0	19
	%	63,2%	21,1%	10,5%	,0%	,0%	5,3%	,0%	,0%	,0%	100,0%
HRP	Recuento	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5
	%	100,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
Total	Recuento	73	30	24	16	4	6	3	2	2	160
	%	45,6%	18,8%	15,0%	10,0%	2,5%	3,8%	1,9%	1,3%	1,3%	100,0%

Como pode ser visto na tabela 4, o apagamento dos itens 'porque' e 'então' representa uma grande parcela dos casos de apagamento em cada indivíduo. Por exemplo, o informante MMCMG, com 18 ocorrências de supressão, sendo 13 e 3, respectivamente, relativas aos dois itens mencionados (72% e 16,7%); e o informante PVMC, com 29 casos de apagamento, sendo 4 e 14 relativos, respectivamente, a 'porque' e 'então' (13,8% e 48,3%).

Caso semelhante foi registrado no trabalho de Oliveira (1997), onde o item 'porque' também apresentou alta incidência na amostra de dados, sendo, então, excluído da análise:

A única palavra que aparece com uma certa frequência nos dados de todos os informantes é a palavra *porque* (que constitui cerca de 21% dos dados, com 102 casos) que, ainda assim, não pode ser utilizada para comparações uma vez que ela tem uma composição morfológica no mínimo ambígua (temos {porque} ou {por+que}?), além de ter um comportamento diferenciado, com cerca de 35% de perda do (r), (o que a deixa mais perto do cancelamento do (r) final em Nominais, que apresenta, no geral, cerca de 33% de cancelamento), quando a frequência média de cancelamento do (r) interno, incluindo os casos de *porque* na contagem, é de cerca de 12%! Assim, em 480 casos de (r) interno, encontramos apenas 58 casos de cancelamento (12.08%), sendo que destes 58, 35 são casos de *porque*.

[...]

No caso do (r) final em nominais, trabalhei, inicialmente, com um total de 1096 dados. No entanto, para que os experimentos fossem feitos com o máximo de controle, **alguns desses dados tiveram que ser abandonados de forma a permitir uma comparação justa entre os informantes considerados**⁵⁶. (p. 38-39, 41).

Decidiu-se, assim, excluir estes itens dos casos de apagamento, por considerá-los particularidades lexicais que, embora sejam também adequações fonológico-prosódicas, tornam a análise tendenciosa, levando a conclusões equivocadas relativas à aplicação da regra variável, e ainda, segundo Oliveira (*op. cit.* p. 42), *esta redução no número de casos pôde ser compensada por um controle maior dos casos que ficaram, o que me permitiu ter mais certeza das afirmações que puderam ser avançadas a partir da análise quantitativa*.

Além dos casos mencionados, serão igualmente excluídas da pesquisa as sílabas iniciais travadas por /S/ – precisamente ‘es-’ e ‘des-’ –, estruturas silábicas mais passíveis de sofrer apagamento por serem compostas de segmentos coronais homorgânicos:

(11) Total de ocorrências com ‘es-’ e ‘des-’ excluídas da análise

a. [...] esqueci como é que fala os... ahn... a [...] (RSC)

⁵⁶ Grifo meu.

- b. [...] desprendidos né? as [...] (MMM)
- c. [...] descompasso muito grande... éh... torna [...] (LSC)
- d. [...] descobrindo o que que é é [...] (LSC)

A amostra passa, então, a contar com 102 dados de apagamento vocálico pretônico, ao invés de 160, sendo eliminadas as ocorrências de 'porque' e 'então', que se repetem e enviesam a pesquisa, e as ocorrências que começam com 'es-' e 'des-' (cf. 11), ambientes favorecedores ao processo de apagamento (OLIVEIRA, 2007). Após a reorganização dos dados, obteve-se a seguinte distribuição de casos de apagamento por informante, demonstrada na tabela 5 :

Tabela 5 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável *Informante*.

			Variável dependente		Total
			Não apagamento	Apagamento	
Informante	AMS	Frecuencia esperada	579,6	9,4	589,0
		Recuento	585	4	589
		% de Variável dependente	9,3%	3,9%	9,2%
	CPMF	Frecuencia esperada	509,7	8,3	518,0
		Recuento	507	11	518
		% de Variável dependente	8,1%	10,8%	8,1%
	EQR	Frecuencia esperada	484,1	7,9	492,0
		Recuento	485	7	492
		% de Variável dependente	7,7%	6,9%	7,7%
	JPA	Frecuencia esperada	156,5	2,5	159,0
		Recuento	157	2	159
		% de Variável dependente	2,5%	2,0%	2,5%
	MLFA	Frecuencia esperada	449,7	7,3	457,0
		Recuento	448	9	457
		% de Variável dependente	7,1%	8,8%	7,2%
	RSC	Frecuencia esperada	539,2	8,8	548,0
		Recuento	534	14	548
		% de Variável dependente	8,5%	13,7%	8,6%
	PVMC	Frecuencia esperada	573,7	9,3	583,0
		Recuento	572	11	583
		% de Variável dependente	9,1%	10,8%	9,1%
	RD	Frecuencia esperada	646,5	10,5	657,0
		Recuento	641	16	657
		% de Variável dependente	10,2%	15,7%	10,3%
	MMM	Frecuencia esperada	517,6	8,4	526,0
		Recuento	516	10	526
		% de Variável dependente	8,2%	9,8%	8,2%
	MMCMG	Frecuencia esperada	556,0	9,0	565,0
		Recuento	563	2	565
		% de Variável dependente	9,0%	2,0%	8,8%
	LSC	Frecuencia esperada	734,1	11,9	746,0
		Recuento	735	11	746
		% de Variável dependente	11,7%	10,8%	11,7%
	HRP	Frecuencia esperada	537,3	8,7	546,0
		Recuento	541	5	546
		% de Variável dependente	8,6%	4,9%	8,5%
Total		Frecuencia esperada	6284,0	102,0	6386,0
		Recuento	6284	102	6386
		% de Variável dependente	100,0%	100,0%	100,0%

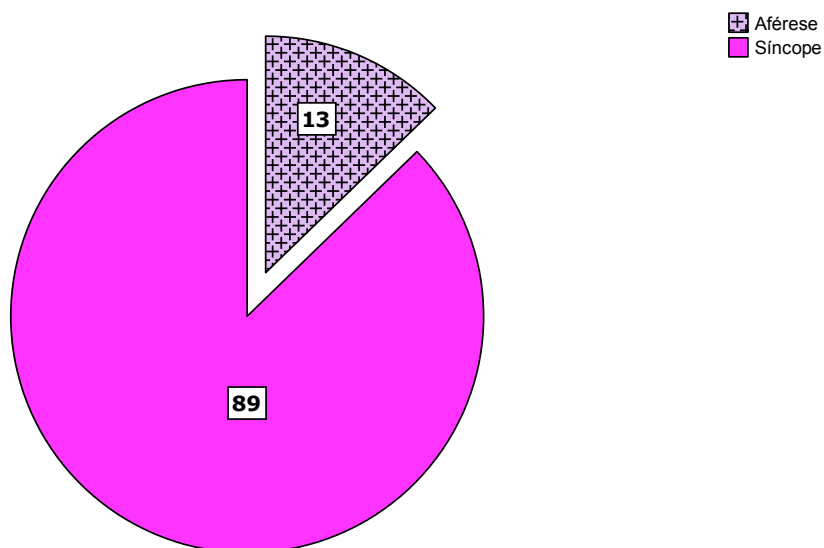
4.1.2 TIPOS DE APAGAMENTO

Como pode ser visto na tabela 6, a análise atestou uma maior frequência dos casos de síncope, em detrimento da aférese, cujas ocorrências permaneceram restritas, quase unicamente, à vogal dorsal (com poucas exceções relativas à vogal coronal):

Tabela 6 – Distribuição dos tipos de apagamento pela natureza da vogal.

			Tipo de apagamento		Total
			Aférese	Síncope	
Natureza da variável dependente	Dorsal [a]	Recuento	9	3	12
		%	75,0%	25,0%	100,0%
		% Tipo de apag.	69,2%	3,4%	11,8%
	Coronal [e]; [i]	Recuento	4	78	82
		%	4,9%	95,1%	100,0%
		% Tipo de apag.	30,8%	87,6%	80,4%
	Labial [o]; [u]	Recuento	0	8	8
		%	,0%	100,0%	100,0%
		% Tipo de apag.	,0%	9,0%	7,8%
Total	Recuento	13	89	102	
	%	12,7%	87,3%	100,0%	
	% Tipo de apag.	100,0%	100,0%	100,0%	

Gráfico 2 – Distribuição dos tipos de apagamento.



Concernente à síncope vocálica, forma de apagamento mais recorrente no *corpus*, atestou-se a predominância dos casos de supressão da vogal coronal, restando algumas ocorrências para a vogal labial. A estas duas classes pertencem as vogais altas – coronal /i/; labial /u/ –, segmentos altamente propensos à supressão, segundo constatado, por exemplo, em trabalhos como o de Viegas & Oliveira (2008), referente ao apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical. Assim, a realidade atestada na pauta postônica se confirma também na pretônica, onde as vogais altas (sobretudo a coronal) são o alvo mais comum do processo de apagamento (12). O resultado verificado quanto à vogal dorsal também está de acordo com o encontrado na literatura, que caracteriza a vogal /a/ como resistente aos processos fonológicos (FRANÇA, 2009).

(12)

a. [...] senão cê fica... como é que vai ficar [...] (PVMC)

- b. [...] devido a essa situação financeira, né? (RSC)
- c. [...] principalmente quando se casam... (CPMF)
- d. [...] mas a gente comeu sal junto [...] (RD)
- e. [...] entre um homem e uma mulher... (EQR)
- f. [...] preocupação com... éh.. com relação... (CPMF)

No entanto, como a vogal em posição inicial não está sujeita aos mesmos princípios que a vogal pretônica interna à palavra (TENANI, 2009), essa resistência da vogal dorsal ao apagamento não foi atestada nos casos de aférese vocálica: a incidência de apagamento sobre essa vogal foi predominante, sendo registradas raras ocorrências de apagamento do segmento inicial quando se tratava de uma vogal coronal. Em (13), a seguir, são apresentadas todas as ocorrências de aférese vocálica encontradas na amostra:

(13)

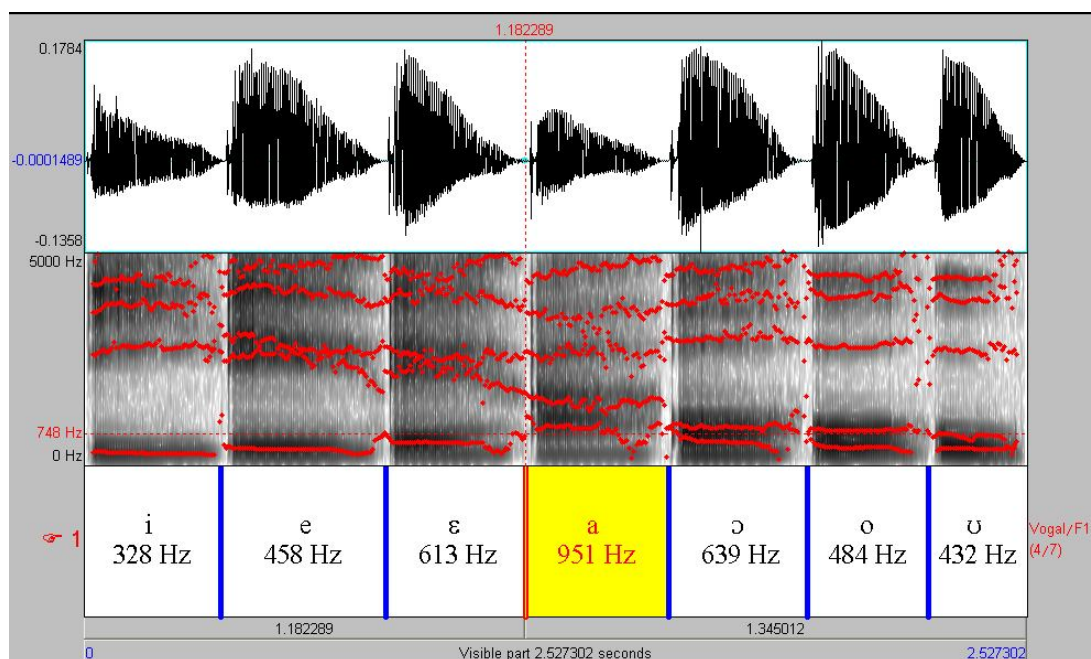
- a. [...] a ver com aquilo... que a gente [...] (CPMF)
- b. assim... até do senso comum mesmo [...] (CPMF)
- c. porque... eh... arrebentou o ovo o [...] (RD)
- d. [...] necessária a família... agora num vejo [...] (RD)
- e. [...] e ele ainda separa e casa [...] (JPA)
- f. [...] ficar com aquela pessoa... (MMM)
- g. é aquela... aquela velha frase [...] (PVMC)
- h. [...] pessoas falando assim eu quero [...] (EQR)
- i. [...] um casal assim eu vou voltar [...] (RD)

- j. formação e educação dos filhos [...] (LSC)
- k. em que... área da vida for... entendeu? (LSC)
- l. eu quero ser... igualzinho... né? (EQR)
- m. num interessa qual o tipo de de [...] (MMM)

Nos casos de a. a i. está representado o apagamento da vogal /a/ em posição absoluta na sílaba inicial. A predominância das ocorrências relativas à vogal dorsal pode ser explicada pelo fato de se interpretar a vogal inicial como artigo feminino; igualmente, o apagamento da dorsal pode ser associado também a questões articulatórias: a produção da vogal /a/, sem o suporte de um segmento no ataque silábico, implica um maior esforço⁵⁷, por apresentar mais alto valor na frequência do primeiro formante (F1) e, conseqüentemente, demandar mais energia articulatória (maior frequência ~ maior energia) – como verificado, a seguir, na representação espectrográfica das vogais e seus respectivos valores de F1:

⁵⁷ “Foi hipotetizado que a produção de tensão, gestos de vogais arredondadas na posição inicial das palavras, palavras mais longas e palavras em sentenças longas seria caracterizada por mudanças específicas na amplitude eletromiográfica integrada, o que refletiria um aumento nas demandas motoras da fala, intuitivamente definidas como esforço articulatório. Basicamente, os achados corroboraram as suposições dos autores, mostrando que palavras e vogais em posição inicial das sentenças têm durações mais curtas em combinação com uma atividade eletromiográfica integrada aumentada.” (FREITAS, 2007, p. 39).

Figura 9 – Espectrograma com formantes vocálicas e valores de F1.⁵⁸



4.1.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

As análises de correlação mostraram que o fator social não se correlaciona com a aplicação da regra de apagamento, uma vez que nenhuma das variáveis sociais – a saber, *gênero* e *idade* – foi apontada pelo programa estatístico como significativa para a análise. Investigadas individualmente, as variáveis não apresentaram significância estatística (Tabs. 7 e 8), permanecendo de fora da seleção de variáveis da regressão logística. No intento de obter maior significância para o fator social, através do recurso *Transformar* → *Recodificar em distintas variables*, oferecido pelo SPSS, juntou-

⁵⁸ Espectrograma obtido de uma gravação pessoal, realizada com o intuito de verificar estes valores formânticos.

se em uma única variável os fatores gênero e idade⁵⁹, a saber, variável *Fusão gênero e idade*, que tampouco se mostrou relevante durante a regressão logística (Tab. 9).

Tabela 7 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável *idade*.

			Idade			Total
			25-35 anos	36-55 anos	A partir de 56 anos	
Variável dependente	Apagamento	Recuento	37	36	29	102
		% de Idade	36,3%	35,3%	28,4%	100,0%
	Não apagamento	Recuento	2132	2343	1809	6284
		% de Idade	98,3%	98,5%	98,4%	98,4%
Total	Recuento		2169	2379	1838	6386
			34,0%	37,3%	28,8%	100,0%
	% de Idade		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Pruebas de chi-cuadrado

	Valor	gl	Sig. asintótica (bilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	,274 ^a	2	,872
Razón de verosimilitudes	,272	2	,873
Asociación lineal por lineal	,117	1	,732
N de casos válidos	6386		

a. 0 casillas (,0%) tienen una frecuencia esperada inferior a 5.
La frecuencia mínima esperada es 29,36.

⁵⁹ A exemplo de Viegas & Oliveira (2008) e, ainda, segundo Oliveira (2006, p. 94): “a interação entre variáveis independentes pode gerar efeitos diferentes na variável dependente em análise e que, portanto, é importante que tais interações sejam identificadas”.

Tabela 8 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável gênero.

			Gênero		Total
			Masculino	Feminino	
Variável dependente	Apagamento	Recuento	58	44	102
		% de Gênero	56,9%	43,1%	100,0%
	Não apagamento	Recuento	2896	3388	6284
		% de Gênero	2,0%	1,3%	1,6%
Total	Recuento		2954	3432	6386
	%		46,3%	53,7%	100,0%
	%		100,0%	100,0%	100,0%

Pruebas de chi-cuadrado

	Valor	gl	Sig. asintótica (bilateral)	Sig. exacta (bilateral)	Sig. exacta (unilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	4,690	1	,030		
Corrección por continuidad	4,266	1	,039		
Razón de verosimilitudes	4,675	1	,031		
Estadístico exacto de Fisher				,035	,020
Asociación lineal por lineal	4,689	1	,030		
N de casos válidos	6386				

Tabela 9 – Tabela de contingência entre variável dependente e variável *Fusão idade e gênero*

			Fusão idade e gênero						Total
			Masculino + Faixa1	Masculino + Faixa2	Masculino + Faixa3	Feminino + Faixa1	Feminino + Faixa2	Feminino + Faixa3	
Variável dependente	Apagamento	Recuento	19	21	18	18	15	11	102
			18,6%	20,6%	17,6%	17,6%	14,7%	10,8%	100,0%
		% de Fusão idade e gênero	1,7%	2,0%	2,2%	1,7%	1,1%	1,1%	1,6%
	Não apagamento	Recuento	1075	1023	798	1057	1320	1011	6284
			17,1%	16,3%	12,7%	16,8%	21,0%	16,1%	100,0%
		% de Fusão idade e gênero	98,3%	98,0%	97,8%	98,3%	98,9%	98,9%	98,4%
Total	Recuento	1094	1044	816	1075	1335	1022	6386	
	% de Fusão idade e gênero	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Pruebas de chi-cuadrado

	Valor	gl	Sig. asintótica (bilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	6,909 ^a	5	,227
Razón de verosimilitudes	7,062	5	,216
Asociación lineal por lineal	4,134	1	,042
N de casos válidos	6386		

a. 0 casillas (,0%) tienen una frecuencia esperada inferior a 5. La frecuencia mínima esperada es 13,03.

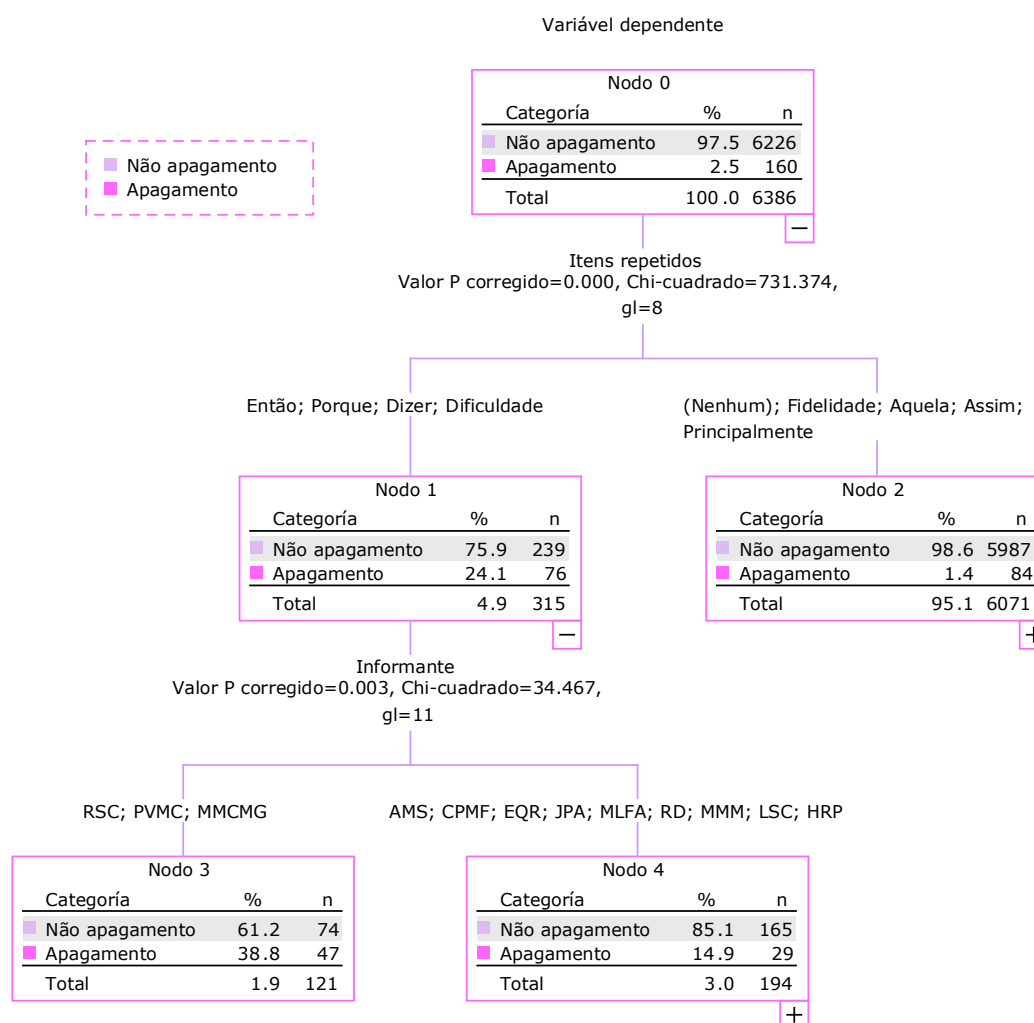
Dessa forma, a análise não levará em consideração a influência dos fatores sociais sobre a aplicação da regra variável, considerando apenas a influência das variáveis linguísticas do modelo.

4.1.3.1 INFORMANTE

Houve, porém, um fator de cunho extralinguístico apontado pelo SPSS como relevante para o modelo estatístico ($p < .05$); trata-se da variável interna *informante* (cf. 3.3.1.2.1) selecionada no início da análise, antes que fossem eliminados os itens viesados da amostra. Esta variável ressaltou aqueles informantes cuja frequência de apagamento observado não corresponde ao esperado. Se há discrepância entre estas ocorrências, a pesquisa se torna

tendenciosa, com grande parcela de dados enviesados. O fator *informante* também revelou a influência de cada indivíduo na frequência dos casos de apagamento, especialmente a participação de cada um nas ocorrências enviesadas dos itens repetidos. Após serem eliminados os vieses da análise, a variável deixa de apresentar significância estatística ($p > .05$). A figura 10 traz a representação arbórea⁶⁰ (QUEST) da relação entre informantes e itens repetidos:

Figura 10 – Árvore de classificação da relação entre informantes e itens repetidos.



⁶⁰ A árvore de classificação completa é apresentada no anexo D.

Esta árvore foi construída a partir de uma amostra com 160 dados, ou seja, antes que fossem desconsiderados os vieses da pesquisa. Classificou-se hierarquicamente a influência de todas as variáveis independentes, ocasião em que foi possível estabelecer o papel de cada informante no enviesamento do *corpus*. Constatou-se, por exemplo, que os informantes RSC, PVMC e MMCMG atuam na repetição excessiva dos itens *dizer*, *então* e *porque*, respectivamente (Tab. 10). Os demais informantes não apresentaram relação significativa com os itens tendenciosos.

Tabela 10 – Participação dos informantes em itens repetidos.

			Informante			Total
			RSC	PVMC	MMCMG	
Itens repetidos	(Nenhum)	Recuento	6	8	2	73
		% de Itens repetidos	8,2%	11,0%	2,7%	100,0%
		% de Informante	35,3%	27,6%	11,1%	45,6%
Porque		Recuento	2	4	13	30
		% de Itens repetidos	6,7%	13,3%	43,3%	100,0%
		% de Informante	11,8%	13,8%	72,2%	18,8%
Então		Recuento	0	14	3	24
		% de Itens repetidos	,0%	58,3%	12,5%	100,0%
		% de Informante	,0%	48,3%	16,7%	15,0%
Dizer		Recuento	9	1	0	16
		% de Itens repetidos	56,3%	6,3%	,0%	100,0%
		% de Informante	52,9%	3,4%	,0%	10,0%

4.1.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS SELECIONADAS PELO SPSS

Na sequência, são listados os grupos de fatores selecionados pela análise estatística do programa SPSS. O fato de uma variável ser apontada como significativa durante a regressão logística, através do procedimento de passos (ou *stepwise*, o qual utiliza como critério o teste da razão da máxima verossimilhança), indica que um modelo de regressão que contenha esta variável independente é mais explicativo do que um modelo que não a

contenha. O resultado da regressão logística é apresentado na figura 11, através de um fragmento do quadro *Variables en la ecuación*: trata-se do ‘passo 4’, etapa final na rodagem dos dados, onde se apresentam as variáveis apontadas pelo programa como correlacionadas à aplicação da regra variável:

Figura 11 – Variáveis significativas selecionadas pela análise do SPSS.

		B	E.T.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Paso 4 ^d	NAT.VD			30,650	2	,000	
	NAT.VD(1)	1,551	,331	21,942	1	,000	4,717
	NAT.VD(2)	,282	,477	,350	1	,554	1,326
	C.PREC			26,270	4	,000	
	C.PREC(1)	-,785	,506	2,410	1	,121	,456
	C.PREC(2)	,673	,323	4,326	1	,038	1,959
	C.PREC(3)	-,289	,385	,564	1	,453	,749
	C.PREC(4)	-1,079	,654	2,724	1	,099	,340
	C.SEG			19,261	3	,000	
	C.SEG(1)	1,770	,478	13,718	1	,000	5,871
	C.SEG(2)	1,833	,420	19,001	1	,000	6,251
	C.SEG(3)	1,714	,457	14,094	1	,000	5,552
	DIST.TON			19,262	2	,000	
	DIST.TON(1)	,600	,238	6,357	1	,012	1,823
	DIST.TON(2)	1,184	,280	17,840	1	,000	3,268
	Constante	-7,066	,496	203,347	1	,000	,001

- a. Variable(s) introducida(s) en el paso 1: NAT.VD.
- b. Variable(s) introducida(s) en el paso 2: C.PREC.
- c. Variable(s) introducida(s) en el paso 3: DIST.TON.
- d. Variable(s) introducida(s) en el paso 4: C.SEG.

O quadro indica que estão correlacionados ao fenômeno de apagamento as variáveis *natureza da variável dependente*, *contexto precedente*, *distância da sílaba tônica* e *contexto seguinte* – as quais serão discutidas nas próximas seções. Cabe salientar que a rodagem de dados apresentada na figura 11 foi realizada após serem excluídos os itens discriminados na seção 4.1.1.1. Isto implica a exclusão dos fatores *informante* e *itens repetidos*, que, em um primeiro momento foram apontados como relevantes para a análise, mas que, após a redução da amostra, deixaram de ser estatisticamente significativos. O resultado da regressão logística, na íntegra, é apresentado no anexo C.

4.1.4.1 NATUREZA DA VARIÁVEL DEPENDENTE

Essa foi a primeira variável linguística selecionada como significativa ($p < .00$) pelo programa SPSS, durante a regressão logística:

Tabela 11 - Tabela de contingência entre variável dependente e *Natureza da variável dependente*.

			Natureza da variável dependente			Total
			Dorsal [a]	Coronal [e]; [i]	Labial [o]; [u]	
Variável dependente	Apagamento	Frecuencia esperada	33,2	46,1	22,7	102,0
		Recuento	12	82	8	102
		% de Natureza da variável dependente	11,8%	80,4%	7,8%	100,0%
	Não apagamento	Frecuencia esperada	2047,8	2839,9	1396,3	6284,0
		Recuento	2069	2804	1411	6284
		% de Natureza da variável dependente	32,9%	44,6%	22,5%	100,0%
Total	Frecuencia esperada	2081,0	2886,0	1419,0	6386,0	
	Recuento	2081	2886	1419	6386	
	% de Natureza da variável dependente	32,6%	45,2%	22,2%	100,0%	

Os resultados da tabela de contingência⁶¹ 11 apontam que o apagamento pretônico está correlacionado à natureza da vogal ($p < .00$); especialmente quando se trata da vogal coronal, favorecedora da regra variável. Pode-se dizer, inclusive, que a altura exerce influência sobre as ocorrências de apagamento, haja vista que a maioria dos casos está relacionada à vogal coronal alta (ou alçada).

Quanto à influência das demais vogais, há discrepância entre a participação destas e a participação das vogais coronais na aplicação da regra

⁶¹ Trata-se de uma tabela de cruzamento de dados de duas variáveis categóricas.

Os dados também mostram que o onset constituído por segmento coronal acompanha a maior parte dos casos de apagamento (59,8%); essa constatação está conforme aos resultados encontrados relativos ao fator *natureza da variável dependente*, revelando uma estreita relação entre o ponto de articulação da vogal suprimida e o ponto de articulação do ataque silábico: a vogal coronal antecedida por um segmento também coronal se predispõe mais ao processo de apagamento. O mesmo pode ser dito com relação aos segmentos de natureza labial: casos de apagamento vocálico protagonizados por uma labial são também acompanhados por um segmento labial em posição de ataque (Tab. 13).

O contexto dorsal, no entanto, foge à regra de coincidência entre vogal e onset: as ocorrências de apagamento que envolvem essa vogal são influenciadas, precisamente, pela ausência do onset – considere-se o fato de que, nesta análise, 75% das ocorrências de supressão da vogal dorsal são relativas à aférese (cf. Tab. 6). Finalmente, com relação à supressão de vogal em sílaba de onset complexo, os poucos casos atestados (2,9%) permitem concluir que este contexto inibe a aplicação da regra variável.

Tabela 13 – Interação entre as variáveis *Contexto precedente* e *Natureza da variável dependente*.

Variável dependente		Natureza da variável dependente			Total			
		Dorsal [a]	Coronal [e]; [i]	Labial [o]; [u]				
Apagamento	Contexto precedente (ONSET)	Onset complexo	Frecuencia esperada	,4	2,4	,2	3,0	
			Recuento	0	2	1	3	
			% de Natureza da variável dependente	,0%	66,7%	33,3%	100,0%	
		Labial	Frecuencia esperada	2,0	13,7	1,3	17,0	
			Recuento	1	14	2	17	
			% de Natureza da variável dependente	5,9%	82,4%	11,8%	100,0%	
				8,3%	17,1%	25,0%	16,7%	
		Coronal	Frecuencia esperada	7,2	49,0	4,8	61,0	
			Recuento	0	60	1	61	
			% de Natureza da variável dependente	,0%	98,4%	1,6%	100,0%	
				,0%	73,2%	12,5%	59,8%	
		Dorsal	Frecuencia esperada	,7	4,8	,5	6,0	
		Recuento	0	2	4	6		
		% de Natureza da variável dependente	,0%	33,3%	66,7%	100,0%		
			,0%	2,4%	50,0%	5,9%		
	Onset vazio	Frecuencia esperada	1,8	12,1	1,2	15,0		
		Recuento	11	4	0	15		
		% de Natureza da variável dependente	73,3%	26,7%	,0%	100,0%		
			91,7%	4,9%	,0%	14,7%		
	Total	Frecuencia esperada	12,0	82,0	8,0	102,0		
		Recuento	12	82	8	102		
		% de Natureza da variável dependente	11,8%	80,4%	7,8%	100,0%		
			100,0%	100,0%	100,0%	100,0%		

4.1.4.3 DISTÂNCIA DA SÍLABA TÔNICA

O próximo fator apontado como significativo para a análise da regra de apagamento vocálico pretônico é a *distância da sílaba tônica*. Com significância de $p < .00$, esta variável revelou que o aumento dos casos de apagamento é inversamente proporcional ao aumento da distância à sílaba tônica, conforme observado na tabela 14:

Tabela 14 – Tabela de contingência entre variável dependente e *Distância da sílaba tônica*.

			Distância sílaba tônica			Total
			1 sílaba	2 sílabas	3 sílabas ou mais	
Variável dependente	Apagamento	Recuento	51	31	20	102
		% de Distância sílaba tônica	50,0%	30,4%	19,6%	100,0%
	Não apagamento	Recuento	1,2%	2,2%	3,7%	1,6%
		% de Distância sílaba tônica	4381	1383	520	6284
	Total	Recuento	69,7%	22,0%	8,3%	100,0%
		% de Distância sílaba tônica	98,8%	97,8%	96,3%	98,4%
Recuento		4432	1414	540	6386	
	% de Distância sílaba tônica	69,4%	22,1%	8,5%	100,0%	
	% de Distância sílaba tônica	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Diferente do que se esperava em princípio⁶², a menor distância entre sílaba tônica e pretônica favorece a aplicação da regra variável – conforme atestado na distância de *uma sílaba* (p. ex. s[e]nã), que concentra 50% dos casos. As distâncias *duas* e *três ou mais sílabas* (p. ex. cons[i]derar e inf[i]delidade) apresentam uma frequência reduzida de ocorrências, respectivamente 30,4% e 19,6%, contrariando a hipótese de que palavras com maior quantidade de sílabas fomentariam o apagamento pretônico, com o objetivo de chegar mais rápido à sílaba tônica.

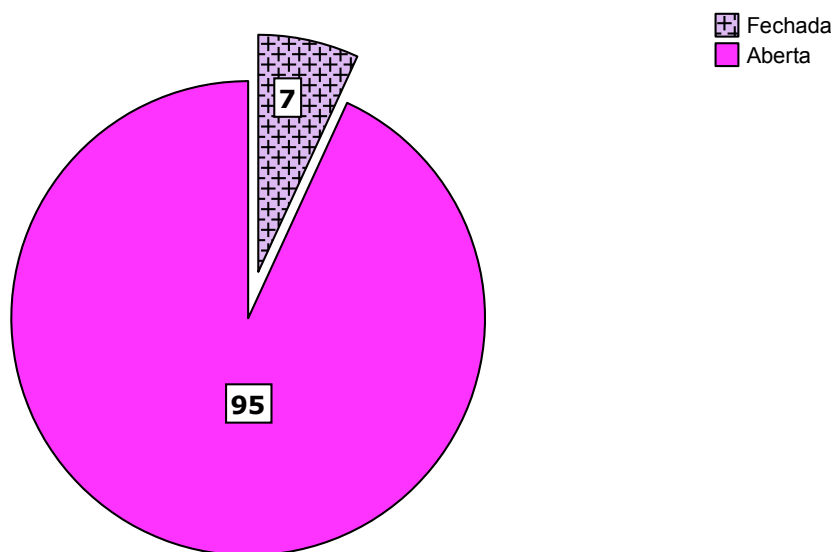
4.1.4.4 CONTEXTO SEGUINTE

O programa estatístico indicou ser o *contexto seguinte* significativo para o estudo da regra variável ($p < .00$). O primeiro a ser observado através da análise é o fato de sílabas abertas serem favorecedoras do processo de apagamento, isto é, a presença de segmento(s) na coda silábica inibe a

⁶² “Segundo a literatura, quanto mais afastada da tônica mais fraca é a sílaba e mais propensa a processos de variação.” (BRISOLARA, 2008, p. 93).

supressão da vogal. A maioria das ocorrências de apagamento em presença de coda tratava-se de dados enviesados (*porque* e *então*), os quais foram excluídos da amostra, revelando a real distribuição dos casos de apagamento segundo o contexto seguinte, especialmente se se trata de uma estrutura de sílaba aberta ou fechada, tal como observado a partir do gráfico:

Gráfico 3 – Estrutura da sílaba pretônica.



Os resultados da tabela 15, a seguir, mostram que a principal contribuição desta variável é delimitar as ocorrências do apagamento ao contexto de sílaba aberta, ou seja, ausência de coda silábica – elemento inibidor da regra variável⁶³. Entende-se, portanto, que o segmento apontado pela variável, na maioria dos casos, encontra-se na sílaba seguinte, ao invés de estar na coda da própria sílaba; esta afirmação permite associar a atuação

⁶³ Contrário ao que se postula sobre o contexto anterior (onset), cuja presença fomenta o apagamento, no caso do contexto seguinte o que de fato influencia o processo de apagamento é a ausência da coda.

do fator *contexto seguinte* a um processo de ressilabificação⁶⁴, motivada pelo apagamento da vogal (COLLISCHONN, 2005), por exemplo em (14):

(14)

- a. [...] é uma *responsabilidade* muito [...] → res.pon.sa.bli.da.de (PVMC)
- b. [...] eu *falei* assim [...] → flei (EQR)
- c. [...] toda *satisfação* afetiva... → sats.fa.ção (CPMF)
- d. [...] muito *tradicional* nessa época [...] → trad.cio.nal (MMM)

Tabela 15 – Tabela de contingência entre variável dependente e *Contexto seguinte*.

			Contexto seguinte				Total
			Presença de coda	Dorsal	Coronal	Labial	
Variável dependente	Apagamento	Frecuencia esperada	30,2	11,3	42,6	17,9	102,0
		Recuento	7	15	58	22	102
		% de Contexto seguinte	6,9%	14,7%	56,9%	21,6%	100,0%
	Não apagamento	Frecuencia esperada	,4%	2,1%	2,2%	2,0%	1,6%
		Recuento	1861,8	696,7	2622,4	1103,1	6284,0
		% de Contexto seguinte	1885	693	2607	1099	6284
Total	Frecuencia esperada	30,0%	11,0%	41,5%	17,5%	100,0%	
	Recuento	99,6%	97,9%	97,8%	98,0%	98,4%	
	Frecuencia esperada	1892,0	708,0	2665,0	1121,0	6386,0	
	Recuento	1892	708	2665	1121	6386	
		% de Contexto seguinte	29,6%	11,1%	41,7%	17,6%	100,0%
		% de Contexto seguinte	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

O contexto seguinte coronal acompanha a maior parte dos casos de apagamento (56,9%), assim como também é coronal a vogal mais afeita ao cancelamento. Isto implica uma relação entre o ponto de articulação da vogal e o ponto de articulação do segmento seguinte; trata-se de um intento de

⁶⁴ A ressilabificação deve obedecer às condições universais de silabificação, responsáveis por uma sequência aceitável de segmentos na sílaba, fundamentando-se na escala de sonoridade – ou *Sonority Sequencing Generalization* (cf. SELKIRK, 1984 *apud* SPENCER, 1996, p. 89).

economia articulatória, além de antecipar a produção do segmento seguinte, homorgânico.

Nos contextos dorsal e labial⁶⁵, embora menos frequentes (14,7% e 21,6%, respectivamente), também foi observada esta relação entre pontos de articulação – vogal e segmento seguinte, conforme observado na tabela 16. Dessa maneira, a vogal da variável dependente comumente é sucedida por um segmento homorgânico, atribuindo o cancelamento vocálico a motivos de economia articulatória.

Tabela 16 – Interação entre as variáveis *Contexto seguinte* e *Natureza da variável dependente*.

Variável dependente				Natureza da variável dependente			Total	
				Dorsal [a]	Coronal [e]; [i]	Labial [o]; [u]		
Apagamento	Contexto seguinte	Presença de coda	Frecuencia esperada	,8	5,6	,5	7,0	
			Recuento	0	6	1	7	
			% de Natureza da variável dependente	,0%	85,7%	14,3%	100,0%	
	Dorsal			Frecuencia esperada	1,8	12,1	1,2	15,0
				Recuento	5	10	0	15
				% de Natureza da variável dependente	33,3%	66,7%	,0%	100,0%
	Coronal			Frecuencia esperada	6,8	46,6	4,5	58,0
				Recuento	7	48	3	58
				% de Natureza da variável dependente	12,1%	82,8%	5,2%	100,0%
	Labial			Frecuencia esperada	2,6	17,7	1,7	22,0
				Recuento	0	18	4	22
				% de Natureza da variável dependente	,0%	81,8%	18,2%	100,0%
Total			Frecuencia esperada	12,0	82,0	8,0	102,0	
			Recuento	12	82	8	102	
			% de Natureza da variável dependente	11,8%	80,4%	7,8%	100,0%	
			% de Natureza da variável dependente	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

4.1.4.4.1 ESPECIFICAÇÃO DA CODA

⁶⁵ Uma observação pertinente à vogal labial é que o processo de apagamento desta se correlaciona muito mais ao fator *contexto seguinte*, em detrimento do *contexto precedente* – o que não se atesta com relação às demais vogais, cujo apagamento se correlaciona mais comumente ao contexto anterior.

Essa variável⁶⁶ se relaciona unicamente aos casos de apagamento onde o contexto seguinte constitui-se de coda silábica. A seguir, são listadas as ocorrências relativas a este contexto:

(15)

- a. então... principalmente naqueles últimos dez anos [...] (MMM)
- b. num interessa qual o tipo de de [...] (MMM)
- c. em que... área da vida for... entendeu? (LSC)
- d. [...] né? serem satisfeitos... com relação [...] (CPMF)
- e. [...] muito satisfeito mas às vezes num tem [...] (LSC)
- f. procura toda satisfação afetiva, né? (CPMF)
- g. uma dificuldade imensa pra... (MMM)

Quando atestada a supressão vocálica em contexto de rima ramificada, os segmentos que figuram em tal posição geralmente coincidem com a vogal da variável dependente quanto ao ponto de articulação – como mostra a tabela 17. Verificou-se, por exemplo, a ocorrência do arquifonema /S/ nos casos de apagamento da vogal homorgânica coronal (42,9%); e não apenas a vogal e a coda, mas também o ataque silábico era composto por um segmento coronal, de modo que esta coincidência no ponto de articulação dos três segmentos (onset, vogal pretônica e coda) conduz a uma simplificação articulatória e, conseqüentemente, ao cancelamento da vogal (p. ex. satisfeito → [sats.'feɪ.tu]).

⁶⁶ Trata-se de uma variável interna específica do apagamento, portanto, não incluída na regressão logística e sem significância estatística.

Tabela 17 – Relação *Natureza da variável dependente e Especificação da coda no apagamento.*

Variável dependente				Especificação da coda			Total
				/S/	/L/	/N/	
Apagamento	Natureza da variável dependente	Labial [o]; [u]	Recuento	0	1	0	1
			% de Especificação da coda	,0%	100,0%	,0%	100,0%
	Coronal [e]; [i]	Recuento	3	0	3	6	
		% de Especificação da coda	100,0%	,0%	100,0%	85,7%	
	Total	Recuento	3	1	3	7	
		% de Especificação da coda	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Igualmente, o arquifonema /N/ aparece acompanhando a vogal coronal (42,9%), a qual assimila a nasalidade do segmento da coda e este não é pronunciado. Em tal contexto, o que se cancela é a vogal coronal nasalizada (p. ex. *interessa* → [ø.tɛ.'rɛ.sə]).

O arquifonema /L/, realizado como [w], também acompanha a vogal homorgânica que se apaga (14,3%). Devido a serem ambos os segmentos labiais, não se percebe a articulação da coda silábica, pois está é assimilada pela vogal da variável dependente, que em seguida sofre o cancelamento (p. ex. *dificuldade* → [dʒɪ.fɪk.'da.dʒɪ]).

4.1.5 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NÃO SELECIONADAS PELO SPSS

Após serem discutidos os resultados relativos às variáveis selecionadas durante a regressão logística, serão discutidos também os resultados relacionados aos fatores fora da análise – ou seja, as variáveis que não se

correlacionam com a ocorrência do apagamento vocálico pretônico⁶⁷ –, uma vez que se esperava encontrar neles alguma significância estatística, mas isso não aconteceu. Estes fatores são *vozeamento do onset*, *estrutura da palavra* e *função do item*.

4.1.5.1 VOZEAMENTO DO ONSET

Esta variável não foi selecionada durante a análise estatística ($p > .05$), de forma que não há correlação entre o vozeamento do onset e o processo de apagamento vocálico pretônico.

A hipótese inicial era que houvesse alguma influência deste fator sobre a aplicação da regra variável, dada a alta frequência de apagamentos em sílabas de onset desvozeado (Tab. 18), além da proposição encontrada em Parlato-Oliveira (2007, p. 173), que afirma existir no PB *um processo de dessonorização, por vezes, apagamento, de vogais altas, que leva à produção de vogais /i/ e /u/ extremamente breves em posição não acentuada **entre duas consoantes surdas***⁶⁸.

Contudo, a grande incidência de ataque silábico desvozeado nas sílabas que se apagam é devida ao desequilíbrio de casos existente na amostra, cujas ocorrências de onset desvozeado correspondem a 72,5%, enquanto o vozeamento do onset corresponde a 27,5% dos casos:

⁶⁷ De acordo com Oliveira (1997, p. 47), “quando um grupo de fatores é marcado como não-significativo isto significa apenas que, com base nos dados que foram utilizados, a inclusão (ou não) deste grupo não interfere no processo, nem como favorecedor, nem como inibidor. Ou seja, entre os grupos considerados, há outros que são mais claramente relevantes.”

⁶⁸ Grifo meu.

Tabela 18 - Tabela de contingência entre variável dependente e *Vozeamento do onset*.

			Vozeamento do onset		Total
			Desvozeado	Vozeado	
Variável dependente	Apagamento	Recuento	62	40	102
		% de Vozeamento do onset	60,8%	39,2%	100,0%
	Não apagamento	Recuento	1,3%	2,3%	1,6%
		% de Vozeamento do onset	4569	1715	6284
Total		Recuento	72,7%	27,3%	100,0%
		% de Vozeamento do onset	98,7%	97,7%	98,4%
		Recuento	4631	1755	6386
		% de Vozeamento do onset	72,5%	27,5%	100,0%
		Recuento	100,0%	100,0%	100,0%
		% de Vozeamento do onset			

4.1.5.2 ESTRUTURA DA PALAVRA

O fator *estrutura da palavra* permaneceu fora da seleção de variáveis significativas pelo programa estatístico ($p > .05$). Este estudo considerava a hipótese de que as palavras maiores estariam mais propensas ao fenômeno do apagamento; porém, no caso específico do POBH – norma culta, esse pressuposto não se confirmou. Como é possível observar através da tabela 19, existe um equilíbrio entre os casos de apagamento atestados em palavras de 2-3 sílabas (41,2%) e em palavras de 4 ou mais sílabas (58,8%):

Tabela 19 – Tabela de contingência entre variável dependente e *Estrutura da palavra*.

			Estrutura da palavra		Total
			2-3 sílabas	4 ou mais sílabas	
Variável dependente	Apagamento	Recuento	42	60	102
		% de Estrutura da palavra	41,2%	58,8%	100,0%
	Não apagamento	Recuento	3768	2516	6284
		% de Estrutura da palavra	60,0%	40,0%	100,0%
Total	Recuento		3810	2576	6386
	% de Estrutura da palavra		59,7%	40,3%	100,0%
			100,0%	100,0%	100,0%

4.1.5.3 FUNÇÃO DO ITEM

O fator *função do item* não apresentou significância estatística ($p > .05$), sendo, assim, desconsiderado da análise. A tabela 20 mostra a participação equilibrada da variante funcional (1,5%) e da lexical (1,6%) na aplicação da regra do apagamento, motivo pelo qual a variável independente permaneceu fora da seleção:

Tabela 20 – Tabela de contingência entre variável dependente e *Função do item*.

			Função dos itens		Total
			Funcional	Lexical	
Variável dependente	Apagamento	Recuento	20	82	102
		% de Função dos itens	19,6%	80,4%	100,0%
	Não apagamento	Recuento	1286	4998	6284
		% de Função dos itens	20,5%	79,5%	100,0%
Total	Recuento		1306	5080	6386
	% de Função dos itens		20,5%	79,5%	100,0%
			100,0%	100,0%	100,0%

4.2 ANÁLISE ACÚSTICA

Procedeu-se à análise acústica dos casos de aplicação da regra variável no intuito de identificar e caracterizar, acusticamente, as formas variantes atestadas no CORPUS POBH – norma culta, isto é, as ocorrências de aférese e síncope vocálica. Este tipo de investigação fornece dados objetivos, frente à subjetividade de um diagnóstico audio-perceptivo realizado por parte do pesquisador: a análise acústica separa os distintos componentes da fala, possibilitando que sejam estimados quantitativamente (MATOS, 2008).

Para investigar os parâmetros acústicos da produção de vogais, no tocante à presença ou cancelamento de tais segmentos, esta análise utilizou o programa Praat, através do qual foram obtidas as especificações oscilográficas e espectrográficas (picos espectrais F1, F2, F3 e variação de intensidade⁶⁹) relativas aos itens da amostra. De acordo com Ibabe (2008), as vogais são identificadas por seus formantes e, a partir dos dois primeiros, já se torna possível discriminá-las⁷⁰. Considera-se F1 o formante de maior energia, seguido de F2 e logo, F3.

Partindo dos pressupostos teóricos acima relacionados, é possível uma diferenciação acústica das variantes investigadas no POBH – norma culta, ou seja, a aplicação ou não da regra de apagamento vocálico. Assim, a totalidade dos dados (102 casos de apagamento) foi analisada e representada acusticamente e, à guisa de exemplo, são apresentados, a seguir, os

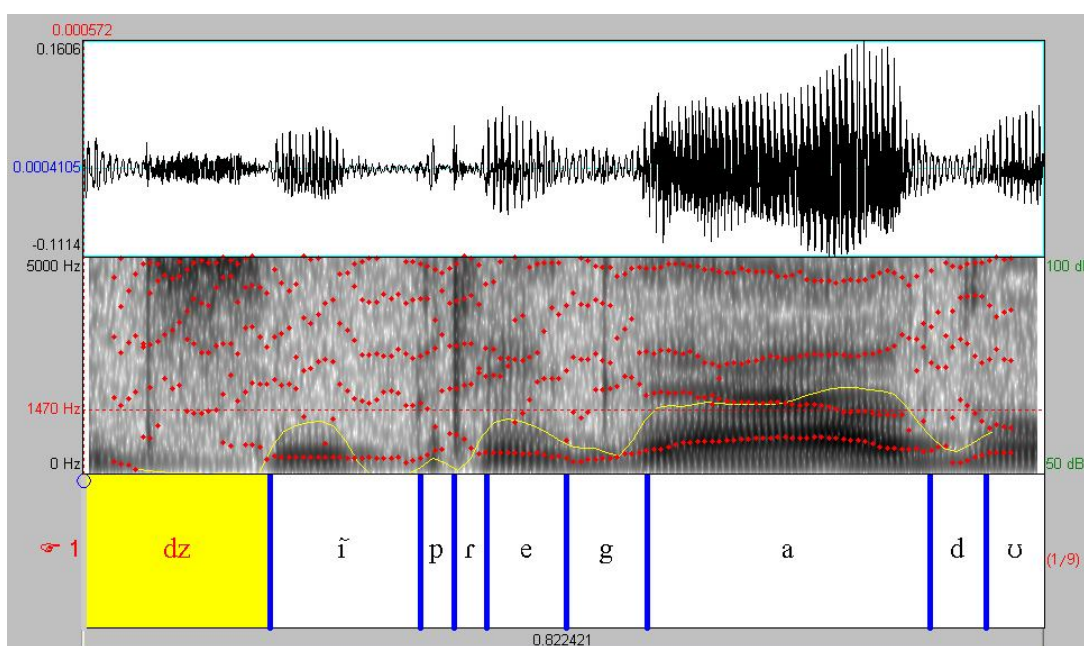
⁶⁹ Por meio do contorno de intensidade são ressaltados os picos silábicos, ocasião em que se verifica a presença, ou não, do segmento vocálico.

⁷⁰ “[...] la articulación de cada vocal requiere unas determinadas posiciones de los órganos articuladores, que crean cavidades de diferentes formas y volúmenes; en ellas, se originan distintas frecuencias de resonancia que filtran la onda acústica periódica - que hasta este punto era siempre igual-, de modo que se configura una estructura armónica diferente para cada vocal. Esta estructura armónica consiste en que unos determinados armónicos del tono fundamental quedan realzados y otros, difuminados. [...] Cada conjunto de armónicos que quedan realzados por el fenómeno de resonancia descrito recibe el nombre de formante. Los formantes son, pues, los responsables del timbre de cada vocal.” (IBABE, 2008).

espectrogramas relativos a dez ocorrências⁷¹ de cancelamento vocálico, verificadas no *corpus*.

As figuras 12 a 18, a seguir, são relativas à ocorrência da síncope vocálica. Em todas estas representações espectrográficas se constata, nitidamente, a ausência da vogal da regra variável, verificada através da ausência dos respectivos formantes.

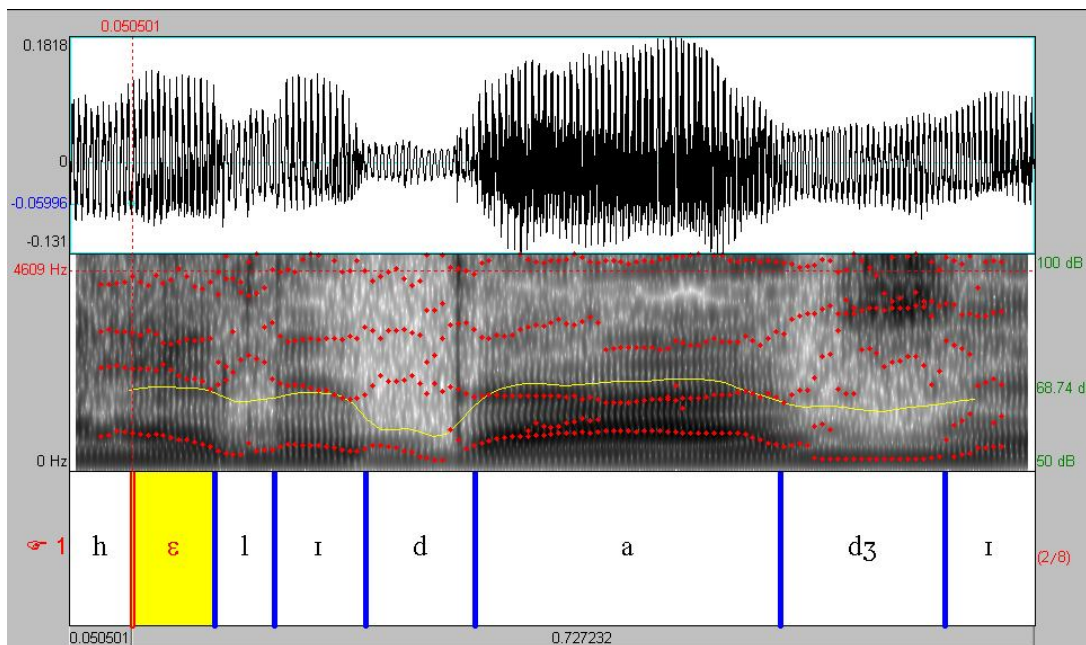
Figura 12 – Espectrograma: “d[e]sempregado” (AMS).



Na figura 12 tem-se o apagamento de uma vogal média alçada ([e] → [i]), culminando na formação de um ataque complexo africado [dz] para a próxima sílaba. Cabe ressaltar que os três segmentos em questão – onset, vogal cancelada e onset da sílaba seguinte – apresentam ponto de articulação em comum, i.e., são segmentos coronais.

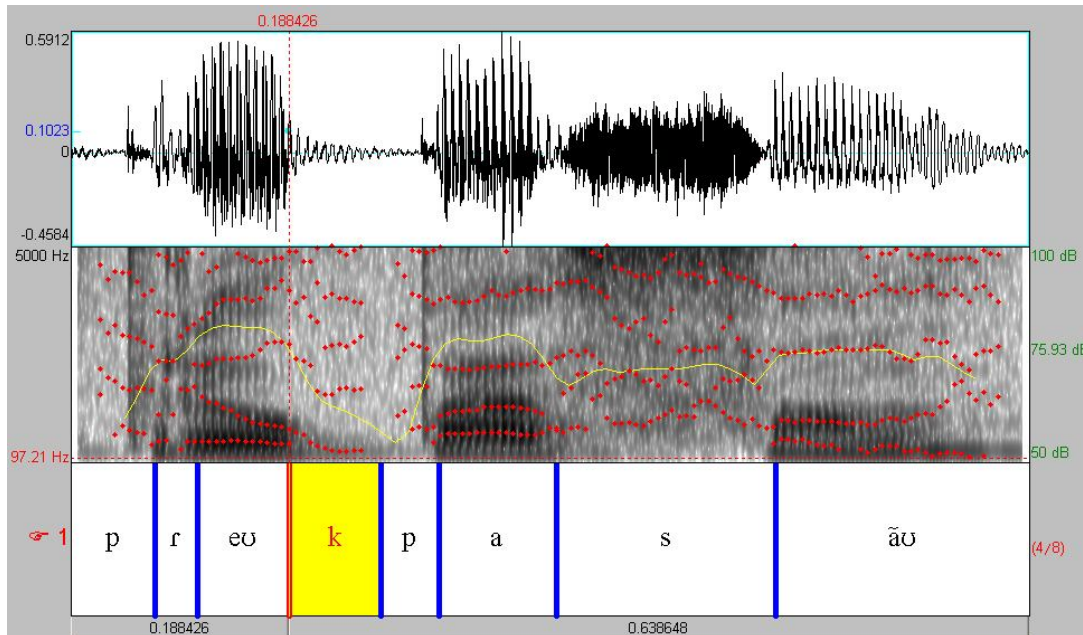
⁷¹ Seleccionadas aleatoriamente, porém, cuidando para que houvesse uma distribuição equilibrada entre os casos de aférese e síncope, cabendo a esta sete ocorrências e àquela, três. Preocupou-se, também, que as representações espectrográficas exemplificassem o processo fonológico da maneira mais nítida possível.

Figura 13 – Espectrograma: “re[a]lidade” (AMS).



Na figura 13 está representado o cancelamento do /a/ em posição absoluta na sílaba inicial, resultando em um leve alongamento da vogal precedente /ε/, que possui valor de F1 (traço de abertura) semelhante ao da vogal dorsal (cf. Fig. 9).

Figura 14 – Espectrograma: “preoc[u]pação” (CPMF).



Na figura 14, o apagamento da labial /u/ favorece a formação de coda silábica na sílaba anterior, visto que não é possível uma ressilabificação que privilegie a formação do onset seguinte, devido a restrições fonotáticas⁷². Observou-se que, neste caso também, a vogal suprimida e o onset da sílaba seguinte compartilham o traço de labialidade, ou seja, são homorgânicos.

Nas figuras 15 e 16, abaixo, está representado o cancelamento da vogal alta (em um dos casos, média anterior alçada), que favorece a formação de ataque complexo na sílaba seguinte, a saber ‘sn’ e ‘st’⁷³, respectivamente. Estes encontros consonantais, no entanto, constituem formações silábicas não aceitáveis ou marcadas na língua. Observam-se, então, duas ocorrências de apagamento vocálico que *desfavorecem* a organização prosódica fonotática. E,

⁷² Existem restrições sobre a sequência e os elementos que podem ocupar posições nas sílabas. O estudo das sequências de sons possíveis em uma língua, a gramática dos sons, denomina-se fonotática (cf. CÂMARA JUNIOR, 1969; CAGLIARI, 2007).

⁷³ Na sequência ‘sn’, criada pelo apagamento da vogal /i/, o /s/ não se torna vozeado porque permanece a consciência fonológica da presença do /i/, fazendo com que ‘s’ e ‘n’ não sejam segmentos fonologicamente adjacentes, embora formem um ataque complexo, foneticamente. O mesmo pode ser dito para a sequência ‘st’ na palavra [sɨ]tuação, onde o /s/ soa diferente, por exemplo, do /s/ da palavra ‘estação’, onde /s/ e /t/ são fonética e fonologicamente adjacentes.

nestes casos também, os segmentos referentes a onset, vogal da regra variável e onset da sílaba seguinte coincidem quanto ao ponto de articulação, coronal.

Figura 15 – Espectrograma: “s[e]nãõ” (PVMC).

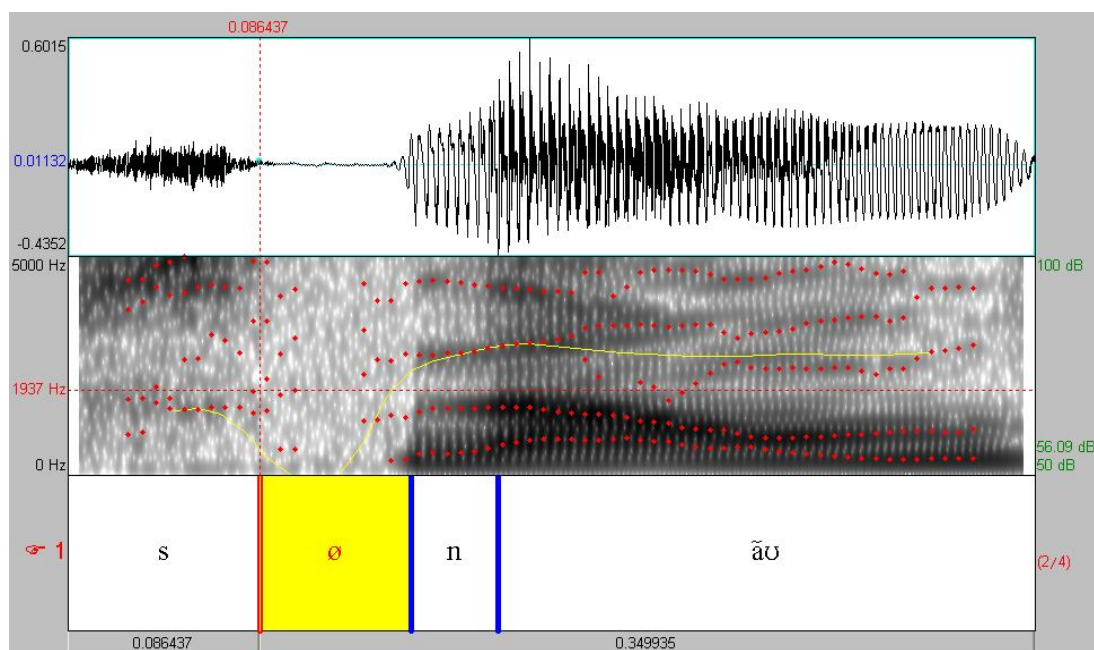
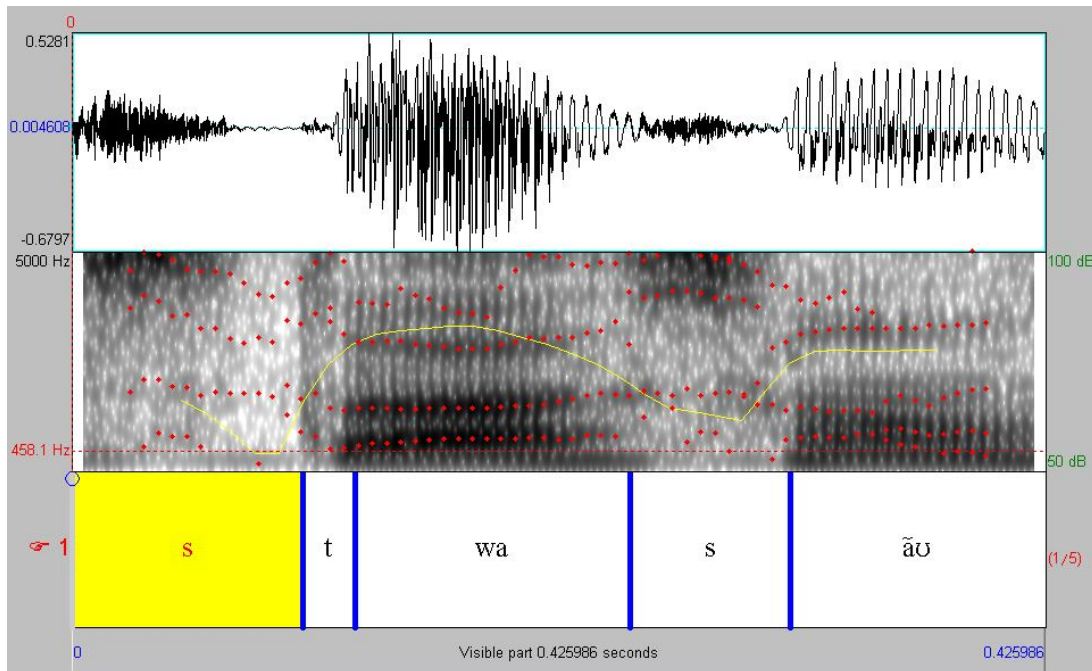
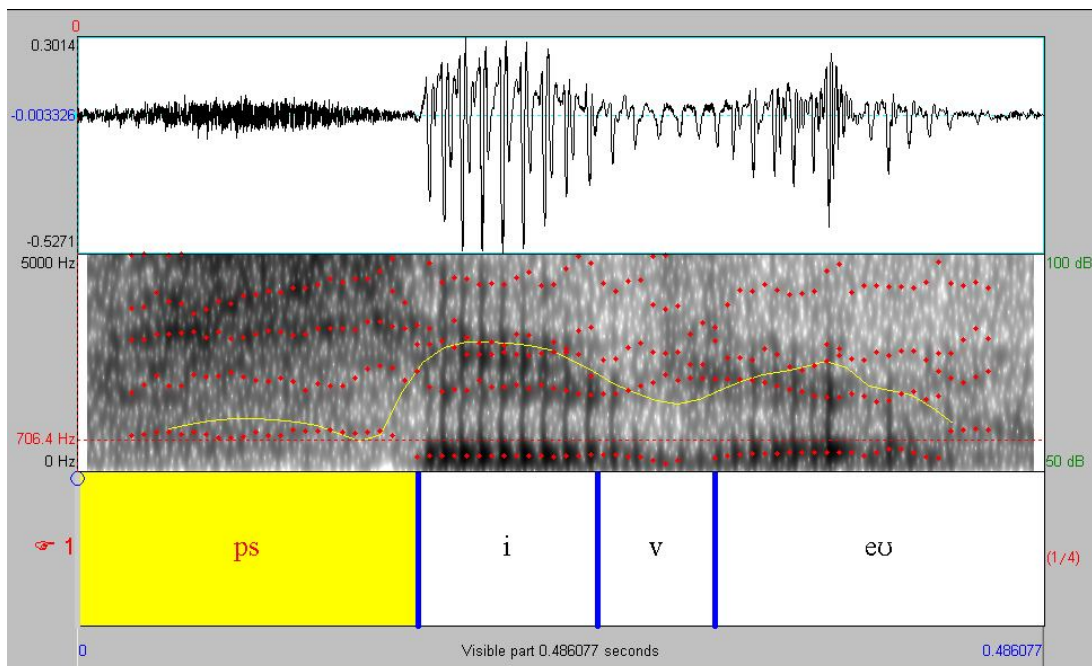


Figura 16 – Espectrograma: “s[i]tuaçãO” (RSC).



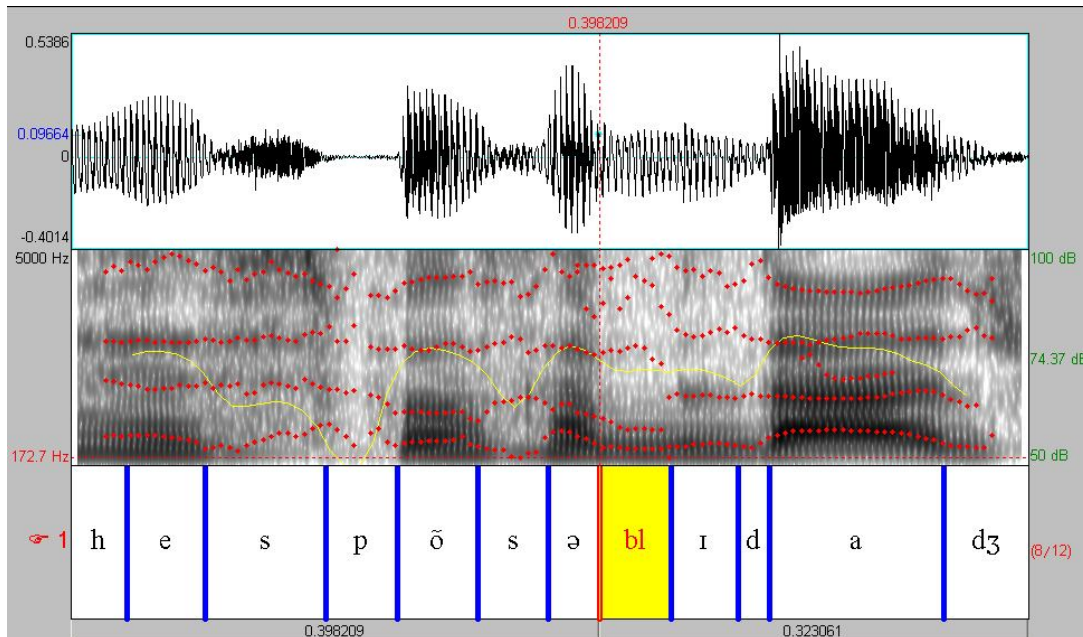
Na figura 17, a seguir, a vogal média posterior é alçada e, em seguida, sofre o apagamento, favorecendo a constituição do ataque complexo 'ps' na sílaba seguinte. Neste caso, ambos os segmentos, onset e vogal apagada, são labiais, fomentando a aplicação da regra variável.

Figura 17 – Espectrograma: “p[o]ssível” (JPA).



A figura 18, abaixo, apresenta um caso recorrente de ressilabificação, ocasionada pelo apagamento da vogal coronal seguida, na sílaba que a sucede, por uma consoante líquida – formadora por excelência de ataque complexo. No exemplo mencionado, tem-se a vogal coronal /i/ em presença de uma consoante líquida lateral no contexto seguinte. A partir da supressão vocálica ocorre a ressilabificação, ocasião em que o segmento lateral passa a integrar o ataque da sílaba precedente.

Figura 18 – Espectrograma: “responsab[i]lidade” (PVMC).



As três últimas figuras – 19, 20 e 21 – referem-se à aférese vocálica. Também nestas representações acústicas se verifica a ausência da vogal pretônica, cujos formantes não figuram nos espectrogramas analisados.

As figuras 19 e 20 mostram o cancelamento da vogal coronal em posição inicial de palavra: no primeiro caso, uma vogal nasal e, no segundo, vogal oral; ambas as ocorrências sucederam a um contexto de pausa, ou seja, não estavam inseridas em contexto contínuo de fala.

Figura 19 – Espectrograma: “... [in]teressa” (MMM).

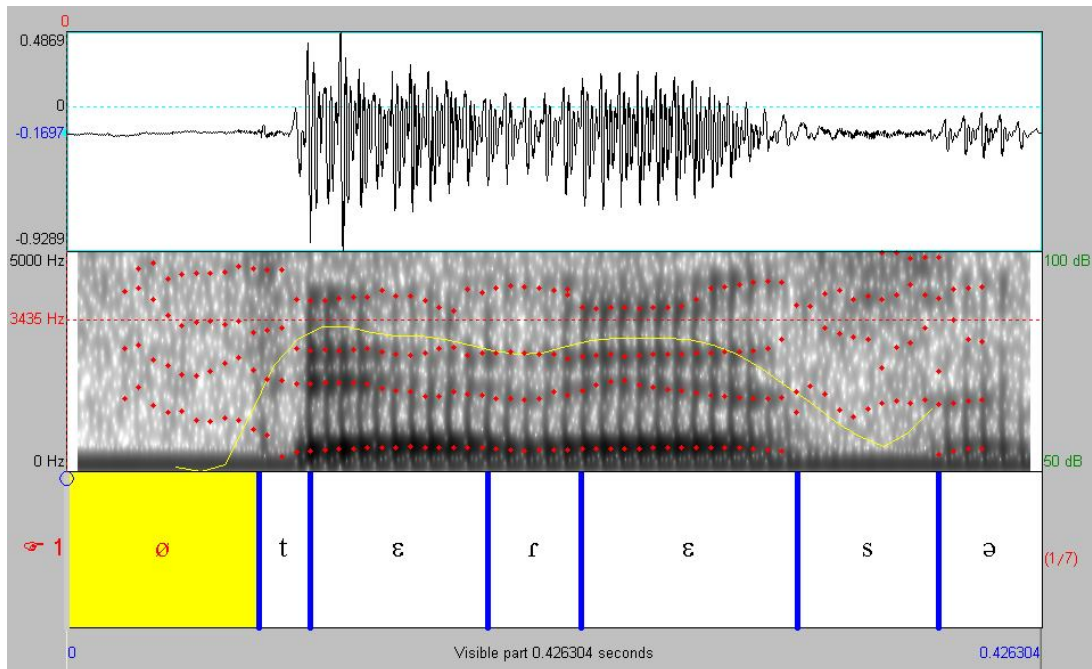
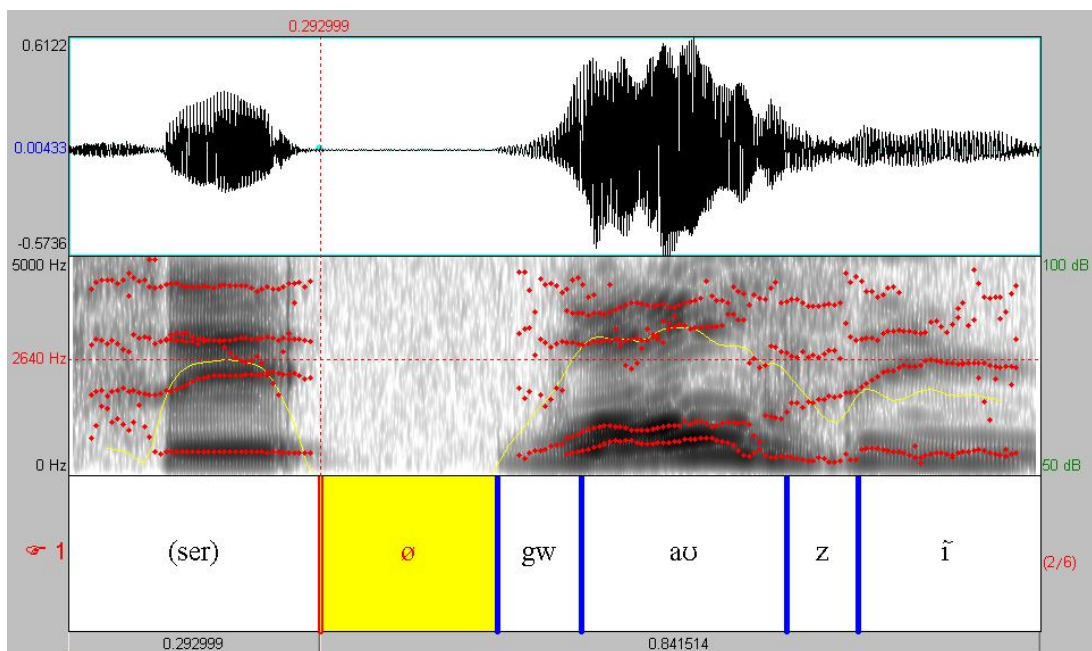
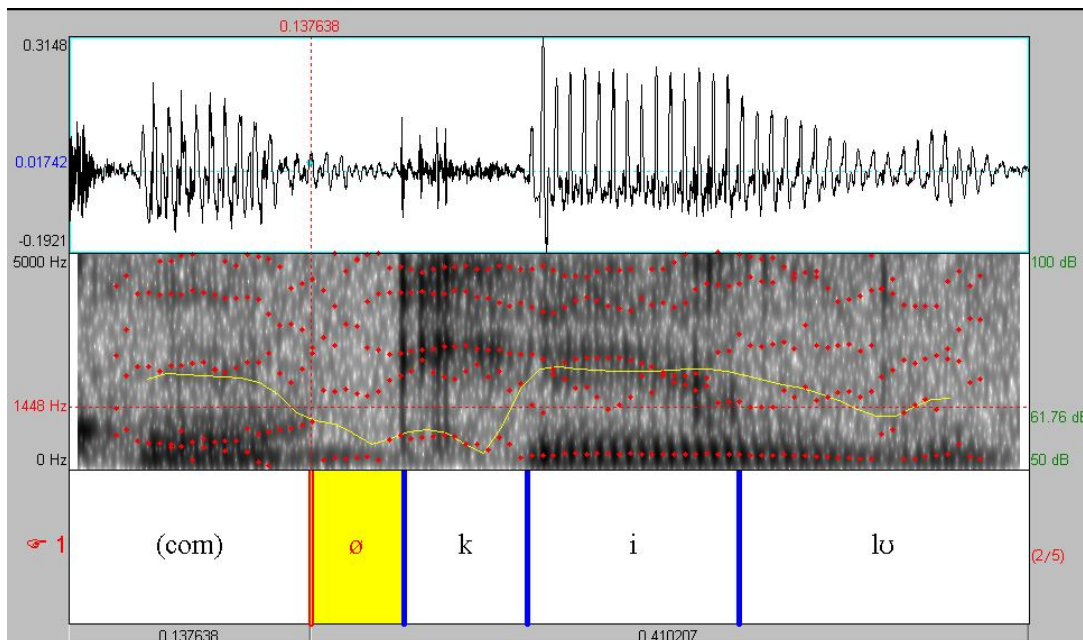


Figura 20 – Espectrograma: “ser... [i]gualzinho” (EQR).



Finalmente, a figura 21 apresenta o caso mais comum de aférese vocálica, onde a vogal dorsal, em posição absoluta na sílaba inicial, é apagada. Ao contrário das duas ocorrências anteriores, o cancelamento da vogal se dá em contexto contínuo de fala, sem ser precedido por pausa.

Figura 21 – Espectrograma: “com [a]quilo” (CPMF).



Os exemplos discutidos acima mostram que é possível caracterizar, acusticamente, as variantes da regra de apagamento analisadas no trabalho. Assim, após serem elucidados os resultados da análise do apagamento vocálico pretônico no POBH – norma, finaliza-se este capítulo. A seguir, serão apresentadas as considerações finais sobre os resultados e as análises feitas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

O presente trabalho investigou o fenômeno do apagamento vocálico pretônico no POBH, norma culta, com o objetivo de identificar e caracterizar as variáveis independentes correlacionadas à aplicação da regra variável, bem como a influência exercida por aquelas.

Conforme especificado no capítulo 1, esta análise foi desenvolvida sob a égide da Teoria laboviana da Variação linguística, além de considerar os pressupostos da Teoria dos Processos Fonológicos, com especial atenção à questão das mudanças fonéticas e das regras fonológicas.

As variantes relativas à regra de apagamento foram identificadas através da análise acústico-perceptiva dos dados. Esta investigação atestou, em pauta pretônica, a ocorrência de duas formas de cancelamento vocálico, a saber, síncope e aférese, como nos casos de s[e]mana e [a]ssim, respectivamente. O apagamento da vogal pretônica, constatado, de oitiva, no *corpus*, confirmou-se através da representação espectrográfica, onde não figuravam os formantes vocálicos. Estes processos variáveis – síncope e aférese vocálica – foram apresentadas no capítulo 2, referente ao objeto de estudo.

A metodologia de trabalho foi descrita no capítulo 3, elucidando o procedimento de constituição da amostra, a seleção dos informantes e a configuração das variáveis sociais e estruturais envolvidas na investigação. Foram expostos, também, os parâmetros utilizados nas análises acústica e estatística; esta, através do pacote estatístico SPSS 15.0 para Windows, em

espanhol, e aquela, por meio dos programas de análise acústica *Praat 5.0.47* e *Speech Analyzer 2.7*.

Finalmente, os resultados da pesquisa foram apresentados e discutidos no capítulo 4 e, a partir dos mesmos, as seguintes considerações foram feitas, baseando-se nas hipóteses, gerais e específicas, levantadas inicialmente na introdução deste trabalho:

“O apagamento vocálico pretônico é atestado em situação de oralidade no POBH – norma culta”

O cancelamento das vogais pretônicas é atestado no POBH – norma culta, em situação de oralidade. Contudo, não se trata de um fenômeno muito recorrente em tal dialeto, considerando-se a baixa porcentagem de casos verificados no *corpus*: as 102 ocorrências de apagamento correspondem a apenas 1,6% dos casos, em um montante de 6386 dados de vogais pretônicas (estágio de variação estável). O total de apagamentos se divide em 12,7% aférese e 87,3% síncope, revelando o favorecimento da supressão de segmentos no interior da palavra, em detrimento dos segmentos em posição inicial⁷⁴.

Verificam-se, em pauta pretônica, outros fenômenos, talvez até mais frequentes – e mais estudados – que o apagamento (p. ex. harmonia, alçamento, redução de vogais); ao menos no POBH e no PB, de um modo geral, referido processo não é tão frequente. Propostas de trabalhos futuros incluem a análise desse fenômeno no Português Europeu, que, aparentemente, apaga vogais pretônicas com maior frequência.

“Os fatores sociais do falante exercem significância quando da escolha pela aplicação da regra”

⁷⁴ Este resultado também pode estar relacionado ao léxico da língua, que apresenta muito menos palavras começadas por vogal.

O fator social, na realidade, não se mostrou estatisticamente significativo para a pesquisa, pois nenhuma das variáveis extralinguísticas (*gênero* e *idade*) foi selecionada pelo programa SPSS. Entretanto, o fator *informante* revelou-se significativo no começo da análise, ao destacar a contribuição do indivíduo no enviesamento dos dados; fora essa participação nos vieses da amostra, o comportamento de cada informante com relação à regra variável não pôde ser controlado⁷⁵, devido à escassa quantidade das ocorrências de apagamento.

“Os segmentos são apagados em contextos específicos dentro da palavra”

Os contextos correlacionados à aplicação da regra de apagamento são especificados através das variáveis: *natureza da variável dependente*, *contexto precedente*, *distância da sílaba tônica* e *contexto seguinte*. Quanto à natureza da variável dependente, a vogal coronal /i/ se mostrou favorecedora do processo de apagamento, indicando que a altura do segmento vocálico exerce influência sobre a aplicação da regra.

Com relação ao contexto anterior à variável dependente, constatou-se que a presença de ataque silábico fomenta a supressão da vogal pretônica, em detrimento do contexto de onset vazio; este ataque que figura na maior parte dos casos de apagamento é constituído por segmento coronal – em concordância com o resultado da vogal coronal na variável dependente, o que evidencia uma relação entre ataque silábico e vogal homorgânica favorecendo o apagamento.

Sobre a distância da pretônica à sílaba tônica, os resultados mostraram que o aumento dos casos de apagamento vocálico é inversamente proporcional ao aumento da distância à sílaba tônica, ou seja, a menor distância entre sílaba tônica e pretônica favorece a aplicação da regra, como atestado na distância de uma sílaba, à qual correspondem 50% dos casos.

⁷⁵ Por exemplo, a regressão logística realizada por informante não obteve resultados confiáveis e, por vezes, nenhuma variável independente era associada à aplicação da regra variável em determinado informante.

Relativo ao contexto seguinte à variável dependente, o principal aspecto observado é que a presença de coda silábica inibe o cancelamento da vogal, resultado contrário ao observado no contexto anterior, cuja presença do onset favorece o cancelamento vocálico. Em outras palavras, enquanto o onset silábico propicia o apagamento, a coda o desfavorece, o que leva à conclusão de que o processo fonológico em análise respeita o peso silábico, ao incidir quase exclusivamente sobre sílabas abertas. O contexto seguinte se refere, então, a um segmento da próxima sílaba, associando a atuação desta variável a um processo de ressilabificação, motivado pelo apagamento da vogal. Tal como observado na variante do contexto anterior, a vogal da variável dependente e o segmento que a sucede são, quase sempre, homorgânicos – neste caso, trata-se do ponto de articulação coronal. A supressão da vogal é atribuída, portanto, a motivos de economia articulatória.

Quanto às hipóteses específicas⁷⁶ que acompanham as hipóteses gerais, comentadas acima, são pertinentes algumas observações, apresentadas a seguir.

– Como hipotetizado, o apagamento vocálico pretônico está associado à velocidade da fala e à otimização rítmica⁷⁷; porém, os dados do *corpus* revelaram que muito mais influentes na aplicação da regra variável são os fatores fonológicos. Quanto à questão prosódica, constatou-se nos dados que:

- i. existem casos de apagamento claramente motivados pela velocidade de elocução, haja vista que, em condições normais de fala, tais segmentos dificilmente seriam suprimidos, por exemplo, as vogais nasais, que constituem uma sílaba fechada e, conseqüentemente, possuem peso silábico – a sílaba pretônica aberta está mais propensa a perder um segmento vocálico do que a sílaba fechada;
- ii. ocorrências de cancelamento vocálico foram atestadas quando da iminência de palavra com estrutura silábica marcada (palavras longas), ocasião em que o falante pode equivocar-se na articulação dos

⁷⁶ cf. INTRODUÇÃO.

⁷⁷ Segundo Abaurre & Sândalo (2007, p. 157), o PB apresenta um fenômeno de apagamento de vogais ritmicamente motivado.

segmentos na tentativa de antecipar a chegada à sílaba tônica; iii. o apagamento da vogal pode conduzir à ressilabificação e conseqüente redução no número de sílabas da palavra, evitando, assim, uma estrutura marcada na língua.

– A presença de vogal alta na variável dependente fomenta o processo de apagamento, levando a concluir que, por apresentarem menores valores de F1, conseqüentemente menor abertura⁷⁸, as vogais altas /i/ e /u/ são mais reduzidas⁷⁹ e, também, as primeiras atingidas pela regra de apagamento.

– O ponto de articulação dos segmentos adjacentes à vogal pretônica, contexto seguinte ou precedente, influencia a aplicação da regra variável, sendo esta favorecida quando tais segmentos compartilham traços com a vogal candidata ao apagamento; deste modo, um ambiente de segmentos homorgânicos está mais propenso à supressão da vogal, por motivo de economia no esforço articulatorio.

Ao que parece, a aplicação da regra de apagamento vocálico pretônico não possui uma regularidade – excetuando-se aqueles casos eliminados dos dados. Embora haja contextos que fomentem sua ocorrência, os mesmos não são garantia de que a vogal pretônica sofrerá apagamento, ou que este se repetirá em ambiente semelhante, regularmente. Pode-se dizer que o fenômeno apresenta um caráter bastante idiossincrático, estando sujeito, antes que nada, a variações individuais da fala.

Por ser difícil prever a ocorrência, ou não, de cancelamento da vogal pretônica, não é possível falar de casos categóricos de aplicação da regra de

⁷⁸ Vogais altas demandam menor abertura do trato vocálico (articuladores mais próximos), enquanto vogais baixas exigem um movimento articulatorio maior para produzir e manter a abertura.

⁷⁹ cf. VIEGAS & OLIVEIRA, 2008.

variável, conforme observado, por exemplo, na aplicação do alçamento/redução das vogais médias átonas, em casos como m[i]nin[u], b[u]nit[u], [i]scola. Esta proposição é confirmada por Bortoni-Ricardo (2006), dizendo que, enquanto na pauta pretônica a incidência de processos fonológicos constitui uma regra variável, na pauta postônica a incidência dos mesmos é praticamente categórica; tal condição é atribuída ao fato de as sílabas pretônicas serem *menos débeis* (p. 208) que as sílabas postônicas.

À guisa de conclusão desses comentários, a investigação desenvolvida neste trabalho, longe de haver esgotado o tema, espera ter oferecido uma contribuição ao campo de estudo das vogais átonas no português brasileiro – particularmente no que concerne ao apagamento vocálico pretônico, tal como observado no português de Belo Horizonte – norma culta.

Com relação ao que ainda permanece sem resposta, a pesquisa abre caminho a novos estudos, como, por exemplo, questões fonotáticas relacionadas à aplicação da regra variável, uma vez que, do cancelamento da vogal pretônica, chegaram a resultar estruturas silábicas marcadas, fato que contribui para a hipótese de aleatoriedade em algumas ocorrências de apagamento pretônico, caracterizando o fenômeno como indiferente a restrições prosódicas.

Trabalhos futuros devem, também, abordar manifestações mais informais que a adotada nesta dissertação, no intuito de verificar/ampliar seus achados. Propõe-se, ainda, a realização de análises com maior aprofundamento em modelos estatísticos que investiguem os aspectos estruturais e sociais de processos fonológicos em pauta pretônica, como os trabalhos de Amaral (2002) e Tenani (2009) – que contribuiriam para a caracterização dos fenômenos fonético-fonológicos atestados em tal contexto.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; SÂNDALO, M. F. S. *Acento secundário em duas variedades de português: uma análise baseada na OT*. In: Gabriel Antunes de Araújo. (Org.). *O acento em português: Abordagens fonológicas*. ed. 1. São Paulo: Parábola Editorial, p. 23, p. 145-167, 2007.

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. *Processos Fonológicos Segmentais como índices de padrões prosódicos diversos os estilos formal e casual do Português do Brasil*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (2), p. 23-44, 1981.

ALENCASTRO, A. P. M. *A elisão da vogal média /o/ em Porto Alegre – RS e Curitiba – PR*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

AMARAL, M. P. *A síncope em proparoxítonas: uma regra variável*. In: Leda Bisol; Cláudia Brescancini. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. ed. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 99-126, 2002.

AUER, P. *A note on prosody in natural phonology*. In: Julián Méndez Dosuma. (Org.). *Naturalists at Krems: papers from the Workshop on Natural Phonology and Natural Morphology*. Salamanca: Ed. Univ. de Salamanca, p. 11-22, 1990.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem. 2006.

BRAIT, B. *Elocução formal: o dinamismo da oralidade e as formalidades da escrita*. In: Dino Preti (Org.). *Estudo de língua falada - variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP. Projeto NURC-SP, Série Projetos Paralelos, v. 3, 1999.

BRISOLARA, L. B. *Os clíticos pronominais do português brasileiro e sua prosodização*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, p. 109-142, 2007.

CÂMARA JUNIOR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. ed. 2. São Paulo: Lozon, 1964.

_____. M. *Estrutura da língua portuguesa*. ed. 23. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. ed. 2. Petrópolis: Vozes, 1969.

CARVALHO, S. C. de. *Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife*. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

CLARK, J. E.; YALLOP, C.; FLETCHER, J. *An introduction to phonetics and phonology*. ed. 3. Oxford: Wiley-Blackwell, 2007.

COLLISCHONN, G. *A sílaba em português*. In. Leda Bisol. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. ed. 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 101-129, 2005.

CORVALÁN, C. S. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington, Georgetown University Press, 2001.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. ed. 6. São Paulo: Contexto, 1999.

CUNHA, A. P. N. da.; MIRANDA, A. R. M. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição de escrita: a influência da prosódia*. Alfa, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 127-148, 2009.

DOCKHORN, N. *Roteiros de fonética e fonologia do português*. Volta Redonda, 2005. Disponível em: <<http://nestordockhorn.net/roteirosfonetica2.doc>>. Acesso em: 7 jan. 2010.

DUBOIS, J. *Dicionário de lingüística*. ed. 8. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

FERNÁNDEZ, S. P.; DÍAZ, S. P. *Asociación de variables cualitativas: test de Chi-cuadrado*. Metodología de la Investigación. La Coruña: Fistera, 2004. Disponível em: <<http://www.fistera.com/mbe/investiga/chi/chi.asp>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

FRANÇA, S. A. *O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jarú – Estado de Rondônia*. Acta Scientiarum. Language and Culture, Maringá, v. 31, n. 2, p. 169-182, 2009.

FREITAS, R. L. R. G. *Perfil de fluência da fala e atividade dos músculos orofaciais de sujeitos com gagueira e falantes fluentes*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2007.

GOLDSMITH, J. A. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996.

GUIMARÃES, D. M. L. O. *Seqüências de (sibilante + africada alveopalatal) no português falado em Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

HAYES, B. *Introductory Phonology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

IBABE, A. I. *Caracterización de los segmentos fonéticos desde el punto de vista acústico*. Apuntes elementales de Fonética. Deusto: Universidad de Deusto, 2008. Disponível em: <<http://paginaspersonales.deusto.es/airibar/Fonetica/Apuntes/06.html>>. Acesso em: 31 dez. 2009.

IDSARDI, W. J. *LING 101: Phonology*. Newark: University of Delaware, 2 set. 2003. Disponível em: <<http://www.ling.udel.edu/idsardi/101/notes/phonology.html>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

JAIMES, G. C. *Sexo y género no son lo mismo*. Criterios, 7 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.criterios.com/modules.php?name=Noticias&file=article&sid=11680>>. Acesso em: 29 ago. 2009.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

KENSTOWICZ, M. J. *Phonology in generative grammar*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Driving forces in linguistic change*. International Conference on Korean Linguistics. Seoul National University, 2 ago. 2002.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEE, S.- H. *Sobre as Vogais Pré-Tônicas no Português Brasileiro*. Revista Estudos Lingüísticos, Araraquara, v. 1, n. 35, p. 166-175, 2006.

_____.; OLIVEIRA, M. A. de. *Teorias Fonológicas e Variação Lingüística*. Revista de Estudos da Linguagem, Vitória da Conquista, v. 3, p. 41-67, 2006.

MAGALHÃES, J. O. de. *Um banco de dados sobre o português de Belo Horizonte*. In. Projeto: *O padrão Sonoro do Português de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: UFMG/FAPEMIG, 2000.

MATOS, H. M. *Cualidad Vocal y Hendidura Labiopalatina Corregida: Análisis Acústico y Audio-Perceptivo*. Boletín de Lingüística, Caracas, v. 20, n. 30, p. 88-105, jul. 2008.

MATOS, M. P. de.; SÂNDALO, M. F. S. *Síncope vocálica no português brasileiro*. In. XII Congresso Interno de Iniciação Científica da UNICAMP, Campinas, 2004.

MATZENAUER, C. L. *Introdução à teoria fonológica*. In. Leda Bisol. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. ed. 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 11-81, 2005.

MOLINERO, L. M. *¿Qué es el método de estimación de máxima verosimilitud y cómo se interpreta?* ASEH, 2003. Disponível em: <<http://www.seh-lelha.org/maxverosim.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2009.

MOLLICA, M. C. *Relevância das variáveis não lingüísticas*. In: Maria Cecilia Mollica; Maria Luiza Braga. (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. ed. 1. São Paulo: Contexto, p. 27-31, 2003.

OLIVEIRA, A. J. de. *Variação em itens lexicais terminados em //+vogal na região de Itaúna/MG*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

OLIVEIRA, K. *A escrita que mascara e desmascara: alteamento de vogais átonas em textos brasileiros oitocentistas*. Interdisciplinar - Revista de Estudos de Língua e Literatura, v. 4, p. 44-57, 2007.

OLIVEIRA, M. A. de. *Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 70-97, 1997.

OTHERO, G. A. *Todas as línguas evoluem, inclusive a sua!* [Online]. 2007. Disponível em: <www.geocities.com/.../todas_as_linguas_evoluem_inclusive_a_sua.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2009.

PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. *Mudança lingüística: observações no tempo real*. In: Maria Cecilia Mollica; Maria Luiza Braga. (Orgs.). *Introdução à*

Sociolingüística: o tratamento da variação. ed. 1. São Paulo: Contexto, p. 179-190, 2003.

_____; SCHERRE, M. M. P. *Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL*. DELTA, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 201-232, 1999.

PARLATO-OLIVEIRA, E. *Investigação do fenômeno de epêntese em crianças monolíngües e bilíngües: a influência da percepção na aquisição fonológica*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 169-178, mar. 2007.

RIZZO, C. *A queda da vogal átona/postônica em final de palavra no português falado de Belo Horizonte*. Trabalho em andamento. In. 56º Seminário do GEL, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=4621>. Acesso em: 16 jan. 2010.

ROCCO, M. V. S. *Los Neogramáticos. Una aproximación al modelo teórico neogramático*. Trabalho apresentado no curso “Lingüística Románica”. Santiago: Universidad de Chile, 14 jul. 2009. Disponível em: <https://www.u-cursos.cl/filosofia/2009/1/FH472B036/1/material_docente/objeto/3653>. Acesso em: 2 ago. 2009.

ROHENA-MADRAZO, M. *Buenos Aires Spanish in real time: the advancement of palatal fricative devoicing*. Comunicação. In. New Ways of Analyzing Variation (NWAV), 37. Houston: Rice University, 7 nov. 2008.

RUIZ, G. D. *El cambio lingüístico de haber impersonal*. Núcleo, Caracas, v. 20, n. 25, p.103-124, dez. 2008.

SANTOS, D. G.; GOMES, A. F. R. *Considerações acerca do Internetês*. Ensino e Pesquisa (União da Vitória), v. 1, p. 41-50, 2008.

SANTOS, J. F. G. *Cambio fonético y fonética acústica*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2002.

SARDINHA, T. B. O que é um corpus representativo? São Paulo: PUC/SP, 2000. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers44.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

SCHMID, M. S.; AUSTIN, J. R.; STEIN, D. *Historical linguistics, 1997: selected papers from the 13th International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

SCHRAMM, A. *Lesson 9.2: Phonological Rules*. Saint Paul: Hamline University, 2001. Disponível em: <<http://www.hamline.edu/personal/aschramm/linguistics2001.html>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

_____. *Lesson 10.3: Phonemes as classes of sounds*. Saint Paul: Hamline University, 2001. Disponível em: <<http://www.hamline.edu/personal/aschramm/linguistics2001.html>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

SPENCER, A. *Phonology: theory and description*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996.

STAMPE, D. *How I spent my summer vacation. (A dissertation on Natural Phonology)*. Tese de Doutorado. Chicago: Universidad de Chicago, 1973.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. ed. 7. São Paulo: Editora Ática, 2004.

_____. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TENANI, L. *As vogais átonas do noroeste paulista: os fatores estruturais e a variação lingüística*. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 69-82, jan./abr. 2009.

TRUJILLANO, J. et al. *Aproximación a la metodología basada en árboles de decisión (CART). Mortalidad hospitalaria del infarto agudo de miocardio*. Gaceta Sanitaria, Barcelona, v. 22, n. 1, fev. 2008.

VARGAS, L. C. *A elisão da vogal média /o/ em Florianópolis, SC*. Trabalho de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

VIARO, M. E. *Algumas considerações acerca do português falado quatrocentista e quinhentista*. Papia, v. 15, p. 80-101, 2005.

VIEGAS, M. do C.; OLIVEIRA, A. J. de. *Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical*. Revista da ABRALIN, v. 7, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2008.

WIKIPEDIA. *Norma culta*. In. Wikipedia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2009. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 7 dez. 2009.

_____. *Proceso fonológico*. In. Wikipedia, la enciclopedia libre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2009. Disponível em: <<http://es.wikipedia.org>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

ANEXOS

ANEXO A

1. QUESTÕES PARA DIRECIONAMENTO (das entrevistas)

1.1 ESCOLA

01. Em que escola você estudou?

02. Quais são as principais diferenças entre as escolas de sua época e as atuais em sua opinião?

03. Como se deu sua entrada para a faculdade? Se através do exame vestibular, como se deu o período de preparação para o mesmo?

04. Como você enxerga as formas de avaliação do aluno nas escolas brasileiras? Qual é a sua experiência em relação a isso?

05. Como você vê o ensino público hoje?

1.2 PROFISSÃO

06. O que o levou a escolher o curso X na faculdade?

07. O trabalho que você exerce hoje está relacionado com a profissão para a qual você se habilitou na faculdade? Se não, o que o leva a estar nele? Se sim, está conforme o que você idealizou no passado?

08. Quais são as perspectivas financeiras para um profissional de X hoje?

09. Que tipos de trabalho podem ser desempenhados por um profissional da área X?

10. Qual é a sua opinião a respeito das reciclagens, cursos de aperfeiçoamento, outros cursos, pós-graduações?

1.3 RELIGIÃO

11. Qual é a sua religião?

12. O que representa Deus em seu mundo?
13. Qual é a sua visão a respeito do surgimento de tantas opções institucionais de culto religioso nos dias de hoje?
14. Qual é, basicamente, a proposta de sua religião?
15. A religião pode ser negativa na vida do indivíduo? De que maneira?
16. Qual é a sua opinião sobre religião/política?

1.4 FAMÍLIA/AMOR

17. Fale um pouco sobre a importância da família na formação do indivíduo?
18. De que forma você enxerga a influência da sua família na constituição do que você é hoje?
19. Qual é o modelo de relação amorosa para você?
20. Como você encara a fidelidade numa relação amorosa?
21. Qual o grau de importância das relações sexuais num relacionamento? Em que medida o medo de ser traído diz respeito ao sexo e em que medida diz respeito ao aspecto emocional?

1.5 LAZER

22. Quais são suas formas de entretenimento prediletas?
23. Como você, normalmente, aproveita seus períodos de férias?
24. O que você gosta de comer? O que você não gosta de comer?
25. Você foi marcado por algum filme ou livro a que tenha assistido ou lido? Qual? Por quê? Faça uma síntese da história.
26. Como você enxerga a redução da jornada de trabalho?

1.6 BELO HORIZONTE

27. Quais são os principais tipos de transporte que você utiliza para deslocamento diário dentro da cidade? O que você acha das opções e condições oferecidas pelo transporte de Belo Horizonte?

28. Em termos de cultura, o que Belo Horizonte pode oferecer?

29. A segurança em Belo Horizonte é satisfatória?

30. Como você caracteriza o mineiro?

31. Fale sobre algum local da cidade?

ANEXO B

2. OCORRÊNCIAS DE APAGAMENTO VOCÁLICO PRETÔNICO NO CORPUS POBH – NORMA CULTA.

#	PRETÔNICAS	INFORMANTE	GÊNERO	IDADE
1	d[e]sempregado ou o pai não mais	AMS	Feminino	36-55 anos
2	d[e]sejar	AMS	Feminino	36-55 anos
3	inf[i]delidade	AMS	Feminino	36-55 anos
4	re[a]lidade ela é... ela	AMS	Feminino	36-55 anos
5	d[i]zer	CPMF	Masculino	36-55 anos
6	princ[i]palmente quando se casam... que o círculo de	CPMF	Masculino	36-55 anos
7	sat[i]sfação	CPMF	Masculino	36-55 anos
8	sat[i]sfeitos... com	CPMF	Masculino	36-55 anos
9	r[e]ferir a uma coisa mais... mais	CPMF	Masculino	36-55 anos
10	[a]quilo... que a gente	CPMF	Masculino	36-55 anos
11	f[i]delidade é sempre muito	CPMF	Masculino	36-55 anos
12	[a]té do senso	CPMF	Masculino	36-55 anos
13	preoc[u]pação com... éh... com	CPMF	Masculino	36-55 anos
14	d[i]zer ser	CPMF	Masculino	36-55 anos
15	d[i]zer... se o homem tem uma	CPMF	Masculino	36-55 anos
16	f[a]lei	EQR	Feminino	25-35 anos
17	[a]ssim eu quero dar pros meus filhos tudo o que eu não tive...	EQR	Feminino	25-35 anos
18	[i]gualzinho... né? quero ser uma cópia da minha mãe e isso	EQR	Feminino	25-35 anos
19	diferent[e]mente de outras	EQR	Feminino	25-35 anos
20	m[u]lher...	EQR	Feminino	25-35 anos
21	f[i]delidade... tudo... éh se	EQR	Feminino	25-35 anos
22	f[i]nal que tinha que dar... né?	EQR	Feminino	25-35 anos
23	[a]inda	JPA	Masculino	A partir de 56 anos
24	p[o]ssível... se não... eh... eu quero	JPA	Masculino	A partir de 56 anos
25	d[i]zer	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
26	d[i]zer uma	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
27	d[e]sorganizado... às ve/ e quando vai	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
28	oportun[i]dade de ver isso a gente já	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
29	dispos[i]ção né? pra	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
30	princ[i]palmente nessa parte de de	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
31	f[i]car	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos

32	aconte[ecia... logo...	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
33	f[icamos no	MLFA	Feminino	A partir de 56 anos
34	ult[imamente eu tô cada vez mais éh... éh...	RSC	Masculino	25-35 anos
35	d[izer...	RSC	Masculino	25-35 anos
36	prof[issionais são os os	RSC	Masculino	25-35 anos
37	d[izer...	RSC	Masculino	25-35 anos
38	d[izer com	RSC	Masculino	25-35 anos
39	d[izer	RSC	Masculino	25-35 anos
40	d[izer acho que pelo fato da	RSC	Masculino	25-35 anos
41	s[ituacão	RSC	Masculino	25-35 anos
42	d[izer que isso	RSC	Masculino	25-35 anos
43	preoc[u]par-se com	RSC	Masculino	25-35 anos
44	d[izer cê tá	RSC	Masculino	25-35 anos
45	d[izer de de de... quer	RSC	Masculino	25-35 anos
46	d[izer de de de... arte de	RSC	Masculino	25-35 anos
47	cons[iderar a	RSC	Masculino	25-35 anos
48	[a]quela velha frase que a	PVMC	Feminino	25-35 anos
49	pr[o]cê	PVMC	Feminino	25-35 anos
50	s[e]mana	PVMC	Feminino	25-35 anos
51	d[ificuldade na hora de	PVMC	Feminino	25-35 anos
52	ant[igamente às vezes a gente...	PVMC	Feminino	25-35 anos
53	d[izer	PVMC	Feminino	25-35 anos
54	prof[issional a sua	PVMC	Feminino	25-35 anos
55	re[a]lizacão	PVMC	Feminino	25-35 anos
56	s[e]nãõ cê fica... como é que vai	PVMC	Feminino	25-35 anos
57	prat[icadamente a mesma	PVMC	Feminino	25-35 anos
58	responsab[i]lidade muito grande o mundo de hoje tá muito	PVMC	Feminino	25-35 anos
59	[a]rreventou o ovo o	RD	Masculino	A partir de 56 anos
60	s[o]brevivência é muito longa... para que ela possa... se	RD	Masculino	A partir de 56 anos
61	sobrev[i]vência é muito longa... para que ela possa... se	RD	Masculino	A partir de 56 anos
62	verif[icarmos que tem... todo um	RD	Masculino	A partir de 56 anos
63	civil[i]zações em que... isso se faz	RD	Masculino	A partir de 56 anos
64	d[izer a tribo é	RD	Masculino	A partir de 56 anos
65	[a]gora num vejo	RD	Masculino	A partir de 56 anos
66	[a]ssim eu vou	RD	Masculino	A partir de 56 anos
67	r[e]conhecendo como uma uma	RD	Masculino	A partir de 56 anos
68	d[e]via ter um monte de coisa... que num	RD	Masculino	A partir de 56 anos
69	c[o]meu sal junto	RD	Masculino	A partir de 56 anos
70	princ[i]palmente se num	RD	Masculino	A partir de 56 anos

71	f[i]delidade e a	RD	Masculino	A partir de 56 anos
72	est[i]verem no	RD	Masculino	A partir de 56 anos
73	cond[i]ção	RD	Masculino	A partir de 56 anos
74	econom[i]camente pelo menos na	RD	Masculino	A partir de 56 anos
75	d[i]ficuldade... uma	MMM	Masculino	36-55 anos
76	diff[i]culdade... uma	MMM	Masculino	36-55 anos
77	d[i]ficuldade	MMM	Masculino	36-55 anos
78	dific[u]dade	MMM	Masculino	36-55 anos
79	d[i]ferentes o o do homem e o da	MMM	Masculino	36-55 anos
80	d[e]senvolvido tantas outras áreas... e o homem sempre...	MMM	Masculino	36-55 anos
81	pr[in]cipalmente	MMM	Masculino	36-55 anos
82	trad[i]cional nessa época nessa área ((risos)) a minha	MMM	Masculino	36-55 anos
83	[in]teressa qual o tipo de de	MMM	Masculino	36-55 anos
84	[a]quela	MMM	Masculino	36-55 anos
85	pr[e]cisava tá muito	MMCMG	Feminino	A partir de 56 anos
86	d[e]sespero...	MMCMG	Feminino	A partir de 56 anos
87	[e]ducação dos filhos em	LSC	Feminino	36-55 anos
88	part[i]cipação na	LSC	Feminino	36-55 anos
89	d[i]ficuldade e e e	LSC	Feminino	36-55 anos
90	const[i]tuição né? eu acho que... éh... é	LSC	Feminino	36-55 anos
91	const[i]tuir né? como	LSC	Feminino	36-55 anos
92	comun[i]cação né? ent/ a a	LSC	Feminino	36-55 anos
93	capac[i]dade dele	LSC	Feminino	36-55 anos
94	princ[i]pal	LSC	Feminino	36-55 anos
95	[en]tendeu?	LSC	Feminino	36-55 anos
96	ident[i]fico a	LSC	Feminino	36-55 anos
97	sat[i]sfeito mas às vezes num tem	LSC	Feminino	36-55 anos
98	d[e]sejando o outro... que não seja o	HRP	Masculino	25-35 anos
99	int[i]mamente	HRP	Masculino	25-35 anos
100	d[e]senvolver em mim... o	HRP	Masculino	25-35 anos
101	n[e]cessidades... das minhas...	HRP	Masculino	25-35 anos
102	necess[i]dades... das minhas...	HRP	Masculino	25-35 anos

ANEXO C

3. SAÍDA COMPLETA DA ANÁLISE MULTIVARIADA POR MODELO DE REGRESSÃO LOGÍSTICA.

Regresión logística

Resumen del procesamiento de los casos

Casos no ponderados ^a		N	Porcentaje
Casos seleccionados	Incluidos en el análisis	6386	100,0
	Casos perdidos	0	,0
	Total	6386	100,0
Casos no seleccionados		0	,0
Total		6386	100,0

^a. Si está activada la ponderación, consulte la tabla de clasificación para ver el número total de casos.

Codificación de la variable dependiente

Valor original	Valor interno
Não apagamento	0
Apagamento	1

Codificaciones de variables categóricas

		Frecuencia	Codificación de parámetros				
			(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Fusão idade e gênero	Masculino + Faixa1	1094	1,000	,000	,000	,000	,000
	Masculino + Faixa2	1044	,000	1,000	,000	,000	,000
	Masculino + Faixa3	816	,000	,000	1,000	,000	,000
	Feminino + Faixa1	1075	,000	,000	,000	1,000	,000
	Feminino + Faixa2	1335	,000	,000	,000	,000	1,000
	Feminino + Faixa3	1022	,000	,000	,000	,000	,000
Contexto precedente (ONSET)	Onset vazio	1582	1,000	,000	,000	,000	
	Dorsal	835	,000	1,000	,000	,000	
	Coronal	1739	,000	,000	1,000	,000	
	Labial	1605	,000	,000	,000	1,000	
Contexto seguinte	Onset complexo	625	,000	,000	,000	,000	
	Presença de coda	1892	1,000	,000	,000		
	Dorsal	708	,000	1,000	,000		
	Coronal	2665	,000	,000	1,000		
Distância sílaba tônica	Labial	1121	,000	,000	,000		
	1 sílaba	4432	1,000	,000			
	2 sílabas	1414	,000	1,000			
Natureza da variável dependente	3 sílabas ou mais	540	,000	,000			
	Dorsal [a]	2081	1,000	,000			
	Coronal [e]; [i]	2886	,000	1,000			
Função dos itens	Labial [o]; [u]	1419	,000	,000			
	Funcional	1306	1,000				
Estrutura da palavra	Lexical	5080	,000				
	2-3 sílabas	3810	1,000				
Vozeamento do onset	4 ou mais sílabas	2576	,000				
	Desvozeado	4631	1,000				
	Vozeado	1755	,000				

Bloque 0: Bloque inicial

Variables en la ecuación

		B	E.T.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Paso 0	Constante	-4,121	,100	1704,387	1	,000	,016

Bloque 1: Método = Por pasos hacia adelante (Razón de verosimilitud)

Resumen de los modelos

Paso	-2 log de la verosimilitud	R cuadrado de Cox y Snell	R cuadrado de Nagelkerke
1	992,111 ^a	,008	,056
2	957,024 ^a	,014	,092
3	938,725 ^a	,017	,111
4	909,453 ^a	,021	,140

a. La estimación ha finalizado en el número de iteración 8 porque las estimaciones de los parámetros han cambiado en menos de ,001.

Modelo si se elimina el término

Variable	Log verosimilitud del modelo	Cambio en -2 log de la verosimilitud	gl	Sig. del cambio
Paso 1 NAT.VD	-523,144	54,177	2	,000
Paso 2 NAT.VD	-497,906	38,788	2	,000
C.PREC	-496,056	35,087	4	,000
Paso 3 NAT.VD	-486,121	33,517	2	,000
C.PREC	-489,252	39,778	4	,000
DIST.TON	-478,512	18,299	2	,000
Paso 4 NAT.VD	-473,659	37,865	2	,000
C.PREC	-469,767	30,081	4	,000
C.SEG	-469,363	29,272	3	,000
DIST.TON	-463,562	17,671	2	,000

Variables en la ecuación

		B	E.T.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Paso 1 ^a	NAT.VD			42,123	2	,000	
	NAT.VD(1)	,023	,458	,002	1	,960	1,023
	NAT.VD(2)	1,641	,372	19,466	1	,000	5,158
	Constante	-5,173	,355	212,841	1	,000	,006
Paso 2 ^b	NAT.VD			31,241	2	,000	
	NAT.VD(1)	-,022	,467	,002	1	,962	,978
	NAT.VD(2)	1,407	,379	13,791	1	,000	4,082
	C.PREC			32,586	4	,000	
	C.PREC(1)	,699	,638	1,202	1	,273	2,012
	C.PREC(2)	,478	,710	,453	1	,501	1,613
	C.PREC(3)	1,812	,595	9,279	1	,002	6,122
	C.PREC(4)	,824	,629	1,716	1	,190	2,279
Paso 3 ^c	Constante	-6,155	,664	85,925	1	,000	,002
	NAT.VD			27,313	2	,000	
	NAT.VD(1)	,094	,467	,040	1	,841	1,098
	NAT.VD(2)	1,387	,378	13,456	1	,000	4,004
	C.PREC			36,749	4	,000	
	C.PREC(1)	,572	,639	,802	1	,370	1,772
	C.PREC(2)	,318	,712	,200	1	,655	1,375
	C.PREC(3)	1,839	,595	9,535	1	,002	6,289
	C.PREC(4)	,900	,630	2,042	1	,153	2,461
	DIST.TON			20,338	2	,000	
	DIST.TON(1)	-1,214	,276	19,383	1	,000	,297
	DIST.TON(2)	-,648	,297	4,752	1	,029	,523
Paso 4 ^d	Constante	-5,256	,696	57,112	1	,000	,005
	NAT.VD			30,650	2	,000	
	NAT.VD(1)	-,282	,477	,350	1	,554	,754
	NAT.VD(2)	1,269	,375	11,427	1	,001	3,558
	C.PREC			26,270	4	,000	
	C.PREC(1)	1,079	,654	2,724	1	,099	2,943
	C.PREC(2)	,294	,720	,167	1	,682	1,342
	C.PREC(3)	1,752	,601	8,504	1	,004	5,766
	C.PREC(4)	,790	,641	1,520	1	,218	2,203
	C.SEG			19,261	3	,000	
	C.SEG(1)	-1,714	,457	14,094	1	,000	,180
	C.SEG(2)	,056	,348	,026	1	,872	1,057
	C.SEG(3)	,118	,263	,204	1	,652	1,126
	DIST.TON			19,262	2	,000	
DIST.TON(1)	-1,184	,280	17,840	1	,000	,306	
DIST.TON(2)	-,584	,302	3,738	1	,053	,558	
Constante	-4,965	,720	47,551	1	,000	,007	

a. Variable(s) introducida(s) en el paso 1: NAT.VD.

b. Variable(s) introducida(s) en el paso 2: C.PREC.

c. Variable(s) introducida(s) en el paso 3: DIST.TON.

d. Variable(s) introducida(s) en el paso 4: C.SEG.

5. MODELO DE CLASSIFICAÇÃO E REGRESSÃO EM ÁRVORES (QUEST) – AMOSTRA COM 102 DADOS.

